



**INSTITUTO FEDERAL**  
Santa Catarina



**PROFEPT**  
MESTRADO PROFISSIONAL EM  
EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA  
INSTITUTO FEDERAL  
Santa Catarina

**Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica Mestrado  
Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede  
Nacional (ProfEPT) Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia de Santa Catarina Centro de Referência em  
Formação e EAD (Cerfead)**

**ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT**

**MULHERES SIM: Análise da inclusão e emancipação na voz das egressas do IFSC –  
São Miguel do Oeste**

Florianópolis – SC, 2020.

ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT

**MULHERES SIM: Análise da inclusão e emancipação na voz das egressas do IFSC –  
São Miguel do Oeste**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT do Centro de Referência em Formação e EaD (Cerfead) do Instituto Federal de Santa Catarina para a obtenção do título de Mestra em Educação Profissional e Tecnológica.

Orientadora: Profa. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto

Florianópolis – SC, 2020.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor.

Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi  
**MULHERES SIM : análise da inclusão e emancipação na voz das egressas do IFSC - São Miguel do Oeste / Adriana Regina Vettorazzi Schmitt ; orientação de Marizete Bortolanza Spessatto. - Florianópolis, SC, 2020.**  
193 p.

Dissertação (Pós-graduação Stricto Sensu - Mestrado)  
- Instituto Federal de Santa Catarina, Centro de Referência em Formação e Educação à Distância - CERFEAD. Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Departamento de Educação à Distância.  
Inclui Referências.

1. Mulheres Sim. 2. Educação. 3. Formação continuada.  
4. Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.  
5. Inclusão Social. I. Spessatto, Marizete Bortolanza.  
II. Instituto Federal de Santa Catarina. Departamento de Educação à Distância. III. Título.



ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT

**MULHERES SIM: ANÁLISE DA INCLUSÃO E EMANCIPAÇÃO NA VOZ DAS  
EGRESSAS DO IFSC – SÃO MIGUEL DO OESTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina – Cerfead, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovada em 24 de junho de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto  
Instituto Federal de Santa Catarina - Orientadora

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Maria dos Anjos Lopes Viella  
Instituto Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Liliane Moser  
Universidade Federal de Santa Catarina

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Eduardo José da Silva Tomé Marques  
Universidade dos Açores

\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Roberta Pasqualli  
Instituto Federal de Santa Catarina



ADRIANA REGINA VETTORAZZI SCHMITT

**SITE EGRESSAS DO MULHERES SIM IFSC-SMO**

Produto Educacional apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), do Instituto Federal de Santa Catarina – Cerfead, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Profissional e Tecnológica.

Aprovado e validado em 24 de junho de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto  
Instituto Federal de Santa Catarina - Orientadora

---

Profa. Dra. Maria dos Anjos Lopes Viella  
Instituto Federal de Santa Catarina

---

Profa. Dra. Liliâne Moser  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Dr. Eduardo José da Silva Tomé Marques  
Universidade dos Açores

---

Profa. Dra. Roberta Pasqualli  
Instituto Federal de Santa Catarina

**DEDICO**

**A minha mãe Maria e ao meu pai Bruno.**

**Ao meu esposo Valdir.**

**Aos meus amados filhos, Mônica e Arthur Eduardo.**

## Agradecimentos

*Muito embora o processo de escrita de uma dissertação seja um ato solitário, ele se faz no plural, pois muitas são as pessoas e as vozes que nos ajudam a trilhar este caminho.*

*A Deus, meu refúgio e minha fortaleza.*

*Aos meus queridos e adoráveis pais, agradeço pela vida, minha criação e incentivo para a formação.*

*Ao meu querido esposo, que supriu a minha ausência com carinho, compreensão, atenção e solidariedade, frente as necessidades dos filhos e do lar.*

*A Mônica, minha carinhosa, dedicada e amada filha, obrigada por continuar empenhada em seus estudos, e focada no seu destino, mesmo na minha ausência.*

*Ao meu querido filho Arthur Eduardo, quanto amor sinto por você! Obrigada pela compreensão e disposição em enfrentar sua rotina, mesmo na minha ausência.*

*Aos familiares em geral, que de alguma forma contribuíram nesse processo.*

*À minha estimada orientadora Marizete, meu carinhoso muito obrigada! Foram vários desafios, a distância, a ansiedade, o cansaço, enfim a caminhada de ensinar e aprender, mas, podemos dizer que tivemos êxito, juntas nós superamos e aprendemos muito, inclusive a fazer um site. Foi uma ótima experiência conviver contigo!*

*À amiga Jacinta, ser humano brilhante que compartilha sua vida com todas as pessoas, pedagoga dedicada, vive sua vida empenhada para que outras pessoas vivam melhor.*

*À amiga Idianes e as demais colegas do setor de trabalho, obrigada pelo apoio em suprir as necessidades em minha ausência.*

*Ao diretor Diego do IFSC – SMO és uma pessoa generosa, de bom coração! Me ajudou a conseguir duas vezes, primeiro para fazer meu mestrado com afastamento, depois para um*

*Intercâmbio à Portugal. Devo muito a você.*

*Ao amigo Eduardo Marques. O que dizer para um professor que oferta possibilidades, incentiva e abre os caminhos de alguém, que há pouco nem conhecia, para o mundo? Obrigada!!! Pela disposição em fazer-me crescer em todos os momentos. Muito ainda temos a trabalhar para que este mundo seja mais justo.*

*A todos os professores do mestrado, especialmente à Maria dos Anjos. Sinto orgulho em dizer que fui sua aluna, foi uma oportunidade valiosa. O livro que me deste está aqui comigo, bem guardadinho. Obrigada professora adorável!*

*Aos colegas de mestrado, a todos, sem exceção, estão em um lugarzinho especial, das minhas lembranças felizes, desses dois anos de caminhada.*

*Especial agradecimento às minhas oito companheiras, minhas queridas entrevistadas deste trabalho: Noeli, Gisela, Bernardina, Dominga, Maria Helena, Pedrina, Marline e Joana.*

*Vocês abriram suas vidas e suas histórias para que outras mulheres do mundo se motivem e se fortaleçam. Suas vidas são ricas de muita sabedoria. São mulheres, como não me furto de dizer a cada instante, mulheres generosas, de fibra e de uma sensibilidade ímpar. Eu sou muito grata porque tive a oportunidade de conviver com cada uma e de ouvir as suas histórias cativantes.*

*Obrigada!*

*“Se planeares para um ano semeia trigo.*

*Se planeares para dez anos, planta árvores.*

*Se planeares para uma vida, forma e educa as pessoas. ”*

*(Kuan Tzu 3000 a.C)*

*(UMAR, Açores, Portugal, 2020 p. 85.)*

## RESUMO

A dissertação avalia o programa Mulheres Sim implementado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IFSC, em 2014 e destaca as transformações ocorridas na vida das egressas que participaram do programa, que é voltado ao atendimento de mulheres vulneráveis e, preferencialmente, sem ou com baixa escolaridade. Além de apresentar um histórico das ofertas do programa na instituição, este trabalho traz as vozes das egressas, de modo a tornar visíveis os resultados das formações no cotidiano das mulheres. Como recorte metodológico, foram selecionadas para participar da pesquisa oito egressas de ofertas do período de 2014 a 2019 de um dos câmpus da instituição, localizado no município de São Miguel do Oeste.

Palavras-chave: Mulheres Sim; Educação; Formação continuada; Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica; Inclusão Social.

## **ABSTRACT**

The dissertation evaluates the Women Sim program implemented by the Federal Institute of Education, Science and Technology of Santa Catarina - IFSC, in 2014 and highlights the transformations that occurred in the lives of the graduates who participated in the program, which is aimed at assisting vulnerable women and, preferably, without or with low education. In addition to presenting a history of the program's offerings at the institution, this work brings the voices of the graduates, in order to make visible the results of training in the daily lives of women. As a methodological approach, eight graduates of offers from the period 2014 to 2019 from one of the institution's campuses, located in the municipality of São Miguel do Oeste, were selected to participate in the research.

**Keywords:** Women Yes; Education; Continuing education; Federal Network of Professional and Technological Education; Social inclusion.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios de avaliação dos editais PROEX Mulheres Sim .....	67
Quadro 2 – Cronograma do Edital PROEX Mulheres Sim .....	67
Quadro 3 - Rito para desenvolvimento do Programa Mulheres Sim.....	68
Quadro 4 - Ofertas do Mulheres Sim no câmpus de SMO .....	69
Quadro 5- Estrutura curricular do curso de Extensão Educação e Gênero.....	73
Quadro 6 - Estrutura curricular do curso de Extensão Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino. ....	76
Quadro 7 - Estratificação social das egressas. ....	84
Quadro 8 - Casos de violência doméstica do município de São Miguel do Oeste entre 2017 e 2018. ....	102
Quadro 9– Back-end, formas de apresentação do layout em cascatas do site, Egressas do Mulheres Sim IFSC - SMO. ....	135
Quadro 10 - Visualização da barra esquerda do site, em cascata. ....	139

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Formas de acesso ao site, Egressas do Mulheres Sim IFSC – SMO, respectivamente tablet, celular e computador.....	136
Figura 2 - Capa do site.....	141
Figura 3 - Primeira página das egressas. ....	146
Figura 4 –Maria Helena e o Mulheres Sim.....	150
Figura 5 - Dominga e o Mulheres Sim .....	151
Figura 6 - Bernardina e o Mulheres Sim .....	152
Figura 7 - Sueli e o Mulheres Sim .....	153
Figura 8 - Pedrina e o Mulheres Sim .....	154
Figura 9 - Gisela e o Mulheres Sim .....	155
Figura 10 - Joana e o Mulheres Sim .....	156
Figura 11 - Marline e o Mulheres Sim.....	156

## LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1- Horas aula de cada unidade curricular nos dois PPCs .....	70
--	----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANPED - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CFESS – Conselho Federal de Serviço Social

CERFEAD – O Centro de Referência em Formação e Educação a Distância

CIDA – Associação dos *Colleges* Comunitários Canadenses

CONSUP – Conselho Superior

CRAS – Centro de Referência da Assistência Social

DEPE – Departamento de Ensino, pesquisa e Extensão

DOU – Diário Oficial da União

EAA – Escola de Aprendizes e Artífices

EaD – Educação a Distância

EduCAPES – Portal Educacional Online Do MEC

EP – Educação Profissional

EPCT – Educação Profissional Científica e Tecnológica

EPT – Educação Profissional e Tecnológica

ETF - SC – Escola Técnica Federal de Santa Catarina

E-Tec – Escola Técnica Aberta do Brasil

FIC – Formação Inicial e Continuada

GT – Grupo de Trabalho

IBGE – Instituto Brasileiro de geografia e Estatística

IDG – Índice de Desigualdade de Gênero

IDHAD – Índice de Desenvolvimento Humano Ajustado à Desigualdade

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IES – Instituições de Educação Superior

IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina

IF's – Institutos Federais

IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério de Educação e Cultura

NEIPS – Núcleo Especializado para Integração dos Programas Sociais

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

ONGs – Organização Não-Governamental

ONU – Organização Das Nações Unidas

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PIB – Produto Interno Bruto

PNAS – Política Nacional de Assistência Social

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPC – Projeto Pedagógico de Curso

PROEX – Pró-reitoria de Extensão e Relações Externas

ProfEPT – Mestrado Profissional em Educação Profissional em Rede Nacional

PRONATEC – Programa Nacional de Ensino Médio e Emprego

SEC. – Século

SETEC – Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação

SNCT – Semana Nacional de Ciência e Tecnologia (SNCT)

TCE – Termo De Consentimento Livre E Esclarecido

SMO – São Miguel do Oeste

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	20
<b>2 AS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL E AS MULHERES NA EDUCAÇÃO</b>	<b>27</b>
21 A EXCLUSÃO SOCIAL É UMA FORMA DE VIOLAÇÃO DE DIREITOS. O TRABALHO É UM MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL?.....	31
<b>2. 1. 1. Por que a pobreza é um dos principais desafios para as mulheres? .....</b>	<b>37</b>
<b>2.1.2. Por que um programa de formação para mulheres em vulnerabilidade social? ....</b>	<b>42</b>
<b>2.1.3 O conceito de empoderamento e sua intrínseca relação com a situação das mulheres .....</b>	<b>45</b>
<b>3 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS PROGRAMAS VOLTADOS ÀS MULHERES NO IFSC .....</b>	<b>58</b>
31 DO PROGRAMA MULHERES MIL AO MULHERES SIM NO IFSC .....	61
32 MULHERES SIM NO IFSC, UM PROGRAMA INSTITUCIONAL.....	64
<b>3.2. 1 As ofertas do Mulheres Sim no IFSC-São Miguel do Oeste .....</b>	<b>69</b>
33 ESPECIFICIDADES DOS DOIS PPCS UTILIZADOS NAS OFERTAS DO MULHERES SIM EM SMO .....	70
<b>3.3.1 Projeto Pedagógico de Curso – FIC Curso de Extensão Educação e Gênero.....</b>	<b>71</b>
<b>3.3.2 Projeto Pedagógico do Curso – FIC de Extensão Curso de Extensão Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino.....</b>	<b>74</b>
34 EXPERIÊNCIAS DO MULHERES SIM: ACOMPANHAMENTO DE EGRESSAS .....	76
35 EXPERIÊNCIAS DO MULHERES SIM: FEIRA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA .....	79
<b>4 AS VIDAS E AS VOZES DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM-SÃO MIGUEL DO OESTE: ANÁLISE DO PERFIL SOCIAL E OS RESULTADOS DO PROGRAMA....</b>	<b>83</b>

41 AS MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR DO MULHERES SIM.....	86
4.1.1 O acesso e a permanência na educação: um desafio na vida das mulheres.....	93
4.1.2 A violência de gênero na voz das egressas do Mulheres Sim-SMO .....	99
4.1.3 O Programa Mulheres Sim e as reflexões acerca do trabalho feminino.....	109
42 MUDANÇAS NA VIDA DAS MULHERES .....	117
43 O QUE PODE SER MELHORADO NO PROGRAMA, DE ACORDO COM AS EGRESSAS .....	122
<b>5 PRODUTO EDUCACIONAL: A PARTILHA DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM.....</b>	<b>126</b>
5.1 POR QUE A ESCOLHA DE UM SITE COMO PRODUTO EDUCACIONAL? .....	128
5.2 A VOZ DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM-SMO: AS FASES DE CONSTRUÇÃO DO SITE .....	133
5.3 A VOZ DAS MULHERES SIM: APRESENTANDO HISTÓRIAS SINGULARES AOS LEITORES .....	141
5.3.1 Na voz das egressas, as mensagens às mulheres do mundo .....	144
5.3.2 A apresentação do perfil de cada mulher .....	147
5.3.3 Trajetórias, mudanças e impactos devido ao Mulheres Sim .....	148
5.3.4 A seção fatos e fotos: histórias de vida das egressas do Mulheres Sim .....	157
54 ANÁLISE DAS OPINIÕES DOS LEITORES SOBRE O SITE .....	163
5.4.1 As histórias das egressas como inspiração para outras mulheres.....	164
5.4.2 O layout do site, na opinião dos visitantes .....	166
5.4.3 A relevância do Programa Mulheres Sim .....	168
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>172</b>

**REFERÊNCIAS ..... 178**

**APÊNDICE ..... 184**

## INTRODUÇÃO

O atendimento à população em vulnerabilidade social é uma das metas dos institutos federais de Educação, Ciência e Tecnologia. No artigo 7º da Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede EPT, encontra-se na lista de objetivos: “estimular e apoiar processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional” (BRASIL, 2008).

Frigotto (2018, p. 308) fala sobre a importância da Rede de Educação Profissional e Tecnológica no processo de alargamento da formação para o mundo do trabalho e da participação política da população. Para o autor, a Rede tem um papel fundamental na implantação de uma nova base tecnológica que justificou o surgimento de um amplo conjunto de ações/projetos/programas, com o objetivo de qualificar jovens e adultos trabalhadores para o mundo do trabalho. Frigotto (2018) destaca que cada oportunidade de escolarização e qualificação desse público deve ser entendida como parte da luta para a ampliação dos direitos, mesmo que ela seja sempre contraditória.

Diante desses propósitos da Rede Feral de Educação Profissional e Tecnológica, em atender públicos vulneráveis, Rosa *et al* (2011, p. 08) descrevem a trajetória do Projeto Piloto Mulheres Mil que iniciou no Brasil em 2005, e firmou-se como uma experiência inovadora. À época, o “Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN) desenvolveu a primeira ação, um projeto de extensão para capacitação de camareiras, com o apoio do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Cefet) e os *colleges* canadenses”. Os autores ressaltam que os primeiros resultados foram tão impactantes que o Canadá, por meio da “Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e da Associação dos *Colleges* Comunitários Canadenses, uniram-se ao Brasil, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), para construir um projeto mais amplo, estendendo essa ação para outros estados brasileiros”. Assim nasceu o Mulheres Mil, que, além do Rio Grande do Norte, foi estendido inicialmente para mais

doze IFs, sendo eles os de Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Roraima, Rondônia, Sergipe e Tocantins. Diante dos resultados positivos dessa iniciativa piloto que iniciou em 2007 e foi testado com êxito em 13 estados brasileiros” o Programa Mulheres Mil passou a ser implementado na Rede de Educação Profissional (Rede EPT) em 2011, dessa vez não mais como projeto piloto. (BRASIL, 2011).

Assim também em 2011, o Instituto Federal de Santa Catarina passou a ofertar em vários câmpus<sup>1</sup> o Programa Mulheres Mil via SETEC - MEC, instituído pela Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011, e inserido no Plano Brasil sem Miséria. Nessa portaria, o MEC especificava ser o Mulheres Mil um programa de cobertura nacional. O público-alvo estabelecido foi constituído por mulheres com mais de quinze anos em situação de vulnerabilidade social<sup>2</sup>, através da oferta dos cursos de formação inicial e continuada (FIC), de qualificação profissional e de educação profissional técnica de nível médio.

A próxima alteração no Mulheres Mil foi em 2013, quando passou a integrar o Pronatec, com cobertura nacional e com a disponibilidade de bolsa formação da Setec/MEC, de acordo com a Portaria nº 1.015, de 21 de julho de 2011. Nesse formato, o programa, via Pronatec, passou a exigir como escolaridade mínima o ensino fundamental completo, para ingresso nos cursos do programa, deixando de atender as mulheres sem escolaridade (BRASIL, 2019).

Para não deixar de atender as mulheres vulneráveis, com baixa ou nenhuma escolaridade, excluídas agora pelo Pronatec, o IFSC institucionalizou o Programa Piloto Mulheres Sim em 2014, através de edital próprio vinculado às ações da Pró-reitoria de Extensão e Relações Externas, utilizando-se de financiamento através dos recursos da fonte 2994, da

---

<sup>1</sup> Nesta pesquisa, será usada a grafia câmpus para designar tanto campus (no singular) quanto campi (no plural), e sem itálico. A forma aportuguesada é a adotada pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, como explicado no Manual de Redação da instituição: [http://politicadecomunicacao.ifsc.edu.br/files/2013/03/IFSC\\_manual\\_redacao\\_maior\\_2016.pdf](http://politicadecomunicacao.ifsc.edu.br/files/2013/03/IFSC_manual_redacao_maior_2016.pdf).

<sup>2</sup> No Capítulo II, será contextualizado e conceituado “Vulnerabilidade Social”.

assistência estudantil. Nesse novo formato, o Programa, ainda piloto, Mulheres Sim caracteriza-se como um programa de extensão do IFSC, orientado pelo Consup /Resolução 61/ 2016/ IFSC que trata das atividades de extensão na instituição. Observou-se conforme o Anuário Estatístico do IFSC de 2017<sup>3</sup>, que nesse primeiro ano “a instituição teve cento e setenta e oito mulheres concluintes do curso Mulheres Mil de um total de duzentas e cinquenta e cinco matrículas em 2014”. Segundo o referido documento, esse foi um dos cursos que menos teve porcentagem de evasão escolar na instituição, comprovando ser um projeto exíguo, o que fomentou a decisão de institucionalizá-lo como Programa Mulheres Sim.

Desde a implantação do Mulheres Sim em 2014, muitas mulheres participaram do programa, dessa forma observou-se que é preciso avaliar os resultados das ofertas. Pensando nisso, surgiu o interesse na realização desta pesquisa. O fato de a pesquisadora ser servidora do IFSC-São Miguel do Oeste (câmpus selecionado para a pesquisa proposta), atuando diretamente com esse público<sup>4</sup>, contribuiu para a delimitação do foco de análise, que se centra no desenvolvimento do Mulheres Sim no IFSC-São Miguel do Oeste. Tem-se como problema de pesquisa: Indagar quais as repercussões do Programa Mulheres Sim, ofertado pelo IFSC São Miguel do Oeste na trajetória de vida das egressas?

Quais as transformações na vida das mulheres, quanto à inclusão e emancipação, foram geradas pela participação no Mulheres Sim, ofertado pelo IFSC São Miguel do Oeste?

---

<sup>3</sup>O Anuário Estatístico do IFSC de 2017 está disponível em: <<https://public.tableau.com/profile/estatisticasifsc#!>>. Acesso em: 19 jun. 2019.

<sup>4</sup>A pesquisadora foi assistente de alunos entre 2011 e 2015 e hoje é assistente social no IFSC São Miguel do Oeste, trabalha na coordenação pedagógica e atende as mulheres do curso para o encaminhamento da assistência estudantil, faz oficinas sobre os temas e palestras relacionados à área social como de gênero, de previdência, de violência contra a mulher, ECA, saúde, etc.

Considerando-se o problema de pesquisa apresentado, o objetivo geral que orienta o trabalho é: Analisar quais as transformações geradas na vida das egressas após a participação no Programa Mulheres Sim no IFSC São Miguel do Oeste.

Os objetivos específicos são:

- Apontar as trajetórias de formação no Mulheres Sim no IFSC-São Miguel do Oeste.
- Sinalizar as contribuições do programa no acesso ao mundo do trabalho e na geração de renda das egressas;
- Identificar mudanças ocorridas em diversos aspectos da vida e do cotidiano que indiquem processos de emancipação, autonomia e empoderamento, superação de desafios quanto as questões de saúde, independência emocional e qualidade de vida.
- Identificar de que modo a participação no programa contribui com a ampliação dos conhecimentos acerca de temáticas quanto às questões de gênero como: segurança e violência doméstica, direitos da mulher e diminuição das desigualdades com os homens.
- Relacionar alguns percursos formativos destas mulheres após a participação no programa

Dois conceitos, impacto e emancipação, precisam ser esclarecidos, dada a proposta deste trabalho. Assim, o substantivo “impacto” é polissêmico, mas cabe neste trabalho, dados os sentidos de “Influência decisiva dos acontecimentos no decurso da história” e de “efeito de uma ação”, relacionados ao vocábulo pelo dicionário<sup>5</sup>. Enquanto que o substantivo “emancipação”, dentre as definições contidas no dicionário, pode aqui ser usado como “ato ou efeito de emancipar”, “estado daquele que, livre de toda e qualquer tutela, pode administrar os seus bens livremente”. Aplicando-se este último, ao presente contexto deste trabalho, Beauvoir (2012, p. 543) reflete e refere-se “à mulher emancipada” como sendo aquela que quer a si mesma ativa e “recusa a passividade que o homem procura impor-lhe”.

---

<sup>5</sup> "Impacto", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013. Disponível em: Acesso em: 5 jul. 2019.

Nesse viés, para além dos conceitos citados, entende-se emancipação, também de acordo com a visão de Freire (2018, p. 110), para quem a “educação é uma forma de intervenção no mundo”. “Essa intervenção cumpre seu papel quando liberta e emancipa as pessoas das amarras da sociedade que a oprime”. Para tanto, a emancipação humana perpassa pelo protagonismo para o enfrentamento das barreiras impostas pela sociedade e, conseqüentemente, a efetiva promoção da autonomia e da liberdade de escolhas como cidadão de direitos e obrigações. Inclusive, escreveu Freire (2018, p. 85): “ensinar exige a convicção de que a mudança é possível”.

Para compreender a dinâmica e a dimensão do tema proposto, alguns conceitos devem ser apropriados e contextualizados, destaca-se os conceitos: “emancipação e empoderamento feminino, educação, expressões da questão social, violação de direitos, mundo do trabalho e questões de gênero” esses serão apresentados no capítulo dois e articulados na análise às contribuições do programa Mulheres Sim na vida das egressas, visam dar embasamento à análise dos dados obtidos através desta pesquisa.

Em relação à metodologia, a presente pesquisa se caracteriza como uma abordagem qualitativa e quanto ao objetivo, como descritiva e exploratória. Neste estudo, privilegia-se o método dialético, como guia do processo de investigação, considerando-se o contraditório e a visão reflexiva crítica da totalidade. Os dados foram coletados através de pesquisa documental e entrevista semiestruturada que forneceram informações para uma análise de conteúdo contextualizada.

Foram entrevistadas oito mulheres/sujeitos da pesquisa, entre agosto e dezembro de 2019. A seleção das entrevistadas foi realizada através de categorização que levou em consideração cinco eixos para que o grupo fosse bem diversificado sendo: idade, escolaridade, moradia, trabalho e ano em que frequentou o programa.

As entrevistas foram agendadas com antecedência, realizadas no câmpus do IFSC em São Miguel do Oeste/SC, gravadas em áudio e posteriormente transcritas. Para isso, utilizou-se

de um roteiro de entrevista que potencializou o diálogo entre a pesquisadora e as entrevistadas<sup>6</sup>, fazendo-se referência às condições de vida das pesquisadas antes e depois da participação delas no programa, no intuito de comparar e avaliar os impactos do programa em suas vidas. Por este motivo, muitos dos relatos descritos são verdadeiras histórias de vida carregadas de significados, contadas pelas próprias protagonistas e apresentados também no produto educacional que acompanha esta dissertação.

Um dos critérios de um Mestrado Profissional é a elaboração de um produto educacional<sup>7</sup>. Portanto, a segunda parte da pesquisa contemplou a elaboração de um site pelo domínio do Google Sites nomeado de Egressas do Mulheres Sim IFSC - SMO disponível pela URL: <https://sites.google.com/view/egressasdomulheressimifsc-smo/in%C3%ADcio>. Para compor o conteúdo do site foram utilizadas técnicas de narrativa/narrativas de vida, onde as mulheres são protagonistas e coautoras do trabalho, explicitando suas trajetórias no Mulheres Sim, principais fatos e aspectos da individualidade de cada uma através de fotos, mensagens, desenhos, poesias, descrição de sonhos, momentos que marcaram as suas vidas e músicas preferidas.

Cada página retrata um pouco da história de vida de cada egressa, num conjunto de falas, fotos, desenhos e depoimentos. A ideia foi dar voz às próprias egressas, revelando a experiência vivida durante o período de realização do curso, as transformações causadas pelo programa Mulheres Sim em suas vidas, e o contexto social em que elas vivem.

---

<sup>6</sup> As entrevistas foram gravadas seguindo um roteiro previamente elaborado, gravadas em áudio e transcritas. Todas as entrevistadas assinaram o Termo de Livre Esclarecimento (TCLE), disposto no capítulo de metodologia.

<sup>7</sup> O Regulamento do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT (2015, p. 07), ao qual este projeto se vincula, prevê o desenvolvimento de um “[...] produto educacional que possua aplicabilidade imediata, considerando a tipologia definida pela Área de Ensino. O produto educacional deverá ser acompanhado de um relatório da pesquisa que contemple o processo de desenvolvimento/validação do produto, podendo ser construído em forma de dissertação ou artigo”. Fonte: D.O.U: 27.10.2011).

Quanto à estruturação deste trabalho, tem-se, no próximo capítulo, o referencial que embasou e orientou a pesquisa, utilizando-se de documentos oficiais, artigos e livros voltados à temática. Em seguida, no capítulo 3, apresenta-se o contexto histórico do Mulheres Mil e do Mulheres Sim, começando pela descrição da trajetória de ofertas do Mulheres Mil e finalizando com o Mulheres Sim. No capítulo 4 apresentar-se-ão os resultados da pesquisa. O produto educacional será apresentado no capítulo 5. Por fim, no capítulo 6 estão as considerações finais.

## 2 AS EXPRESSÕES DA QUESTÃO SOCIAL E AS MULHERES NA EDUCAÇÃO

Neste capítulo, trazemos uma breve análise dos termos e do emprego dos conceitos como: “questão social”, pobreza, pauperismo, exclusão social, vulnerabilidade e desigualdade social, considerando a intrínseca relação de todos esses termos às relações sociais, políticas e econômicas vigentes, resgatando autores como Netto (2003), Iamamoto (2000), Martins (2009), Lisboa (2012), Lisboa e Manfrini (2005).

Netto (2003, p. 42) contextualiza historicamente a expressão “questão social” dizendo que ela é ampla, abrangente e catalisadora de muitas outras expressões que presumem a falta ou escassez dos mínimos sociais<sup>8</sup> à sobrevivência digna. Essa expressão surgiu na Inglaterra no século XVIII e começou a ser utilizada amplamente na terceira década do século XIX, usada para nomear o fenômeno do pauperismo. Para o autor “a pauperização/pobreza da população trabalhadora é o resultado do capitalismo industrial e cresce conforme aumentava a produção” (NETTO, 2003, p. 42). Discorre o autor que a pobreza, é o resultado das relações de produção, intensificada pela exploração dos trabalhadores e a má distribuição das riquezas produzidas.

Para Netto (2012), pauperismo é outro conceito muito utilizado pelos meios sociais da filantropia para se referir à massa de populações empobrecidas, “como um fenômeno novo”, faz parte das expressões da questão social, e seu emprego data de menos de duzentos anos, sendo mais usualmente utilizada na terceira década do século XIX, sendo que era constantemente mencionada nos espaços do espectro ídeo-político, do jovem comunista Friedrich Engels ao já maduro conservador Alexis de Tocqueville.

---

<sup>8</sup> A expressão mínimos sociais está descrita na Política Nacional de Assistência Social Brasileira, PNAS/ 2004 e significa os meios e recursos essenciais à manutenção da vida como: alimentação, água, vestuário, segurança, moradia, saúde e educação.

A expressão [pauperismo] surgiu para dar conta do fenômeno mais evidente da história de uma Europa Ocidental que experimentava os impactos da primeira onda industrializante, iniciada na Inglaterra no último quartel do século XVIII: tratava-se do fenômeno do pauperismo. Com efeito, a pauperização massiva da população trabalhadora constituiu o aspecto mais imediato da instauração do capitalismo em seu estágio industrial-concorrencial e não por acaso engendrou uma copiosa documentação. Para os mais lúcidos observadores da época, independentemente da sua posição ídeo-política, tornou-se claro que se tratava mesmo de um fenômeno novo, sem precedentes na história anterior conhecida. Com efeito, senão era inédita a desigualdade entre as várias classes e camadas sociais, se vinha de muito longe a polarização entre ricos e pobres, se era antiquíssima a diferente apropriação e fruição dos bens sociais, era radicalmente nova a dinâmica da pobreza que então se generalizou. (NETTO, 2012, p. 02).

Pauperismo, segundo o dicionário Priberam de Língua Portuguesa, deriva do francês *paupérisme* e significa extrema pobreza, penúria e miséria, sendo o contrário de fartura e opulência, geralmente utilizada para fazer-se referência a um grande número de pessoas vivendo nestas condições em determinado território. Diferente de pobreza, que é muito mais antiga, e usualmente, é uma expressão para descrever a condição de um indivíduo em específico.

Sobre a designação de pauperismo para “questão social”, Netto (2012) esclarece que se relaciona diretamente aos seus desdobramentos sociopolíticos. Nesse ínterim, os pauperizados deixam de ser responsáveis pela sua pobreza, da situação de miséria em que se encontram, na condição cordata de vítimas do seu destino. A pobreza passa a ser vista como um dos resultados das movimentações socioeconômicas vigentes pela acumulação do capital, o que, em resumo, demanda o apoio do Estado para seu enfrentamento. Referindo-se ao surgimento da questão social e do capitalismo mundial Netto (2012) contextualiza que:

Tanto mais a sociedade se revelava capaz de progressivamente produzir mais bens e serviços, tanto mais aumentava o contingente de seus membros que, além de não terem acesso efetivo a tais bens e serviços, viam-se despossuídos das condições materiais de vida de que dispunham anteriormente. [...] “a pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas” a pobreza estava ligada diretamente a um quadro de escassez. (NETTO, 2003, p. 153).

Kowarick (2003 *apud* ZIONI, 2006, p. 14) abordando o conceito de pobreza, diz que “a pobreza e o pobre foram objetos de dois mecanismos racionalizadores”. De um lado aconteceu a “naturalização” de conjunturas estruturais e relações sociais que levam à pobreza, fazendo com que nem o indivíduo nem a sociedade sejam responsabilizados” assim a pobreza e os pobres são de caso fortuito, da sorte ou do acaso. Por outro lado, a inexorabilidade da globalização econômica, um mecanismo de alienação de quem trabalha. Para o autor “boa parte dessa população entendida como pobre é evitável e composta por trabalhadores explorados incluídos no mercado de trabalho precarizado”.

Fazendo uma analogia temporal Netto (2003), diz que a pobreza e conseqüentemente suas expressões sempre existiram. Contudo, ao pé em que aumentaram as produções de bens e serviços, aumentou também o contingente de despossuídos desses mesmos recursos, elevando o número de pobres enquanto eleva-se, também, na mesma proporção, a má distribuição das riquezas produzidas. Nesse cenário, surgem as políticas de apoio para atender a esse contingente através de ferramentas estatais colocadas para essa finalidade, que pretendem principalmente agir na redução das questões sociais, que são, para Netto (2003, p. 155), “a forte desigualdade, o desemprego, a fome, as doenças, a penúria, o desamparo ante conjunturas econômicas adversas, etc.”.

A expressão “questão social” aparece de forma recorrente nas obras do Serviço Social e da Sociologia atrelada a expressão “mínimos sociais<sup>9</sup>” e a “exclusão social”. O termo, inicialmente já foi empregado de forma articulada com questões de polícia no Brasil. As questões sociais, seus conflitos e os sujeitos nela envolvidos, pobres, rebeldes, desajustados e

---

<sup>9</sup> Para Pereira (2006) a ideia de “mínimos sociais” introduzida na agenda política brasileira pela LOAS é uma sociedade secular dividida em classes, sendo os mínimos sociais sinônimo de auxílio emergencial aos efeitos da pobreza extrema como: uma ração para matar a fome dos necessitados, uma veste parca ou um abrigo tosco. Para a autora este tipo de resposta não é ético, nem se inspira nos ideais de cidadania, porque o assistido precisa ser visto como um sujeito de direito da proteção social do Estado. Pereira diz que para que a LOAS seja compatível com os requerimentos que lhe deram origem, ela precisa deixar de prover os mínimos ou o menor, dessa forma, poderá contemplar os direitos fundamentais (Pereira, 2006, P. 16).

desvalidos, eram vistos, repreendidos e tratados como um caso de polícia no Brasil até a década de trinta. Entendia-se que os pobres eram responsáveis pela sua situação de pobreza.

Quando no governo Vargas passam a ser tratada como “questão de política”. No período de Vargas surgem as primeiras Leis trabalhistas e sociais, através de um sistema de proteção social básico, com Institutos de Aposentadorias e Pensões e a Consolidação das Leis Trabalhistas, havendo uma “introdução” do chamado Estado de Bem e a sindicalização das reivindicações trabalhistas. A problematização e a discussão no âmbito trabalhista trouxeram à tona a responsabilidade política pela distribuição das riquezas produzidas, e conseqüentemente o aumento ou diminuição da pobreza, fato que mudou o foco de que o pobre é responsável por sua situação, discutindo a relação do Estado como corresponsável na promoção da justiça e da igualdade social, devendo ser este provedor de políticas públicas justas e igualitárias.

Passadas décadas de ditadura militar no Brasil, a Constituição Federal de 1988 trouxe uma nova concepção para a Assistência Social brasileira, com a sua inclusão no tripé da Seguridade Social, configurando o triângulo de proteção social, previdência e saúde, que é uma política estatal de atendimento aos mínimos sociais, para a sobrevivência dos cidadãos. Na sequência foram-se articulando meios para a inclusão da Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, em dezembro de 1993, contudo, é importante salientar que a NOB/SUAS, como norma operacional básica da assistência social foi implantada somente em 2004, e passou a constar no campo dos direitos, da universalização dos acessos e da responsabilidade estatal compartilhada pela situação precária de vida dos pobres e vulneráveis. Desde então, surgiram vários programas de geração e renda no Brasil voltados à garantia de direitos sociais visando condições de vida dignas aos cidadãos.

De acordo com o artigo primeiro da LOAS, “a assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas”. Tais sistemas decorrem de certas vicissitudes da vida natural ou social, tais como a velhice, a doença, o infortúnio, as privações. [...] neste conceito, também, tanto as formas seletivas de distribuição e redistribuição de bens materiais (como a comida e o dinheiro), quanto os bens culturais (como os saberes), que permitirão a sobrevivência

e a integração, sob várias formas na vida social. Ainda, os princípios reguladores e as normas que, com intuito de proteção, fazem parte da vida da coletividade. (BRASIL, 2005, “grifos no original”, p. 32).

Marinho, Linhares e Campelo (2011), baseando-se num estudo de Ranis e Stewart (2002) sobre vários países da América Latina, afirmam que a intervenção do Estado como promotor de políticas públicas para proporcionar justiça social e universal é necessária, para eles, nem sempre o crescimento econômico é suficiente para eliminar a pobreza. Os autores salientam que nas décadas de 1960, 1970 e 1980 houve no Brasil um viés forte de pró-crescimento econômico, contudo, mantendo-se um baixo desenvolvimento humano.

O conceito “pobreza” sempre existiu, e o pauperismo surgiu na medida em que se instalou um modelo econômico inglês de exploração dos trabalhadores, produzindo por consequência as massas de despossuídos, contingentes de pobres, sujeitos sem os mínimos necessários à manutenção de uma vida cidadã. Estando essas duas condições de vida, pobreza e pauperismo, intimamente ligadas ao progresso econômico estão também atreladas à má distribuição de renda e a políticas seletivas e focalizadas para “pobres” essas que não alteram o sistema capitalista vigente, a estrutura que gera a pobreza. É importante conhecer a história para observar que as situações sociais, econômicas e culturais de vida das populações sofrem diretamente a ingerência do sistema econômico vigente. Na sequência deste capítulo, trataremos sobre a exclusão social e seus desdobramentos, como a pobreza afeta, em especial, as mulheres vulneráveis e a importância da educação para combater as desigualdades sociais.

## 21 A EXCLUSÃO SOCIAL É UMA FORMA DE VIOLAÇÃO DE DIREITOS. O TRABALHO É UM MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL?

Para Iamamoto (2000, p. 14), a exclusão social é considerada uma das formas de violação de direitos humanos. Segundo a autora, a raiz do problema está no contexto da globalização, sob a hegemonia do grande capital financeiro, da aliança entre o capital bancário

e o industrial em que se testemunha a revolução técnico científica de base microeletrônica, instalando novos padrões de produção e gerenciamento do trabalho. Ao mesmo tempo em que se reduz a demanda de trabalho, amplia-se a população sobrando para as necessidades médias do próprio capital, fazendo crescer a exclusão social, econômica, política e cultural de homens, jovens, mulheres das classes subalternas, que hoje são alvos da violência institucionalizada. Yamamoto, (2000) discorre que a violência “institucionalizada acontece na seletividade das políticas públicas focalizadas para atender públicos específicos<sup>10</sup>, não sendo generalista e universal para todos os cidadãos”. A face da violência institucionalizada ante as políticas públicas é a redução e a escassez crescente dos recursos financeiros e investimentos para redução da marginalização e exclusão social; visto que os governos não atendem prioritariamente a área social, mas as demandas da área econômica, como financiamentos empresariais de grande monta, conglomerados financeiros e bancários. (IAMAMOTO, 2000, p. 14).

Afirma Yamamoto (2000, p. 14) que a “acumulação de capital, de renda e de poder não é parceira da equidade, tampouco rima com igualdade”. Como resultado, tem-se o “agravamento das múltiplas expressões da “questão social”, hoje base sócio histórica da requisição social da profissão de serviço social, nas crescentes demandas por serviços sociais básicos como acesso à saúde, educação, alimentação, seguridade, entre outros”. Para a autora, devido à diminuição dos recursos estatais investidos em políticas sociais públicas, ocorre o aumento da seletividade dos recursos disponibilizadas à população pobre, através da imposição de critérios cada vez mais restritivos para atender os necessitados, essa seleção também contribui com a “exclusão social”.

---

<sup>10</sup> São programas governamentais focalizados aqueles que não são universais, atendem somente uma parcela da população que se enquadra nos requisitos por exemplo: limite de renda, idade, escolaridade, situação empregatícia.

A Política Nacional de Assistência Social<sup>11</sup> (PNAS, 2004 p. 37) destina-se às famílias com as mais diversas situações socioeconômicas que induzem à violação dos direitos de seus membros, em especial, de crianças, adolescentes, jovens, idosos e pessoas com deficiência, além da geração de outros fenômenos como, por exemplo, pessoas em situação de rua, migrantes, idosos abandonados que estão nesta condição não pela ausência de renda, mas por outras variáveis da exclusão social. Percebe-se que estas situações se agravam justamente nas parcelas da população entre as quais há maiores índices de desemprego e de baixa renda dos adultos.

Neste contexto a PNAS/2004 (BRASIL, 2005, p. 34) aborda o termo “exclusão social” enquanto explica a complexidade que o envolve “é um processo que pode levar ao acirramento da desigualdade e da pobreza e, enquanto tal, apresenta-se heterogênea no tempo e no espaço”.

Além de privações e diferenciais de acesso a bens e serviços, a pobreza associada à desigualdade social e a perversa concentração de renda, revela-se numa dimensão mais complexa: a exclusão social. O termo exclusão social confunde-se, comumente, com desigualdade, miséria, indigência, pobreza (relativa ou absoluta), apartação social, dentre outras. Naturalmente existem diferenças e semelhanças entre alguns desses conceitos, embora não exista consenso entre os diversos autores que se dedicam ao tema. Entretanto, diferentemente de pobreza, miséria, desigualdade e indigência, que são situações, a exclusão social é um processo que pode levar ao acirramento da desigualdade e da pobreza e, enquanto tal, apresenta-se heterogênea no tempo e no espaço. (BRASIL, 2005, p. 37).

Para Martins (2009, p. 07-19), a exclusão social, na visão antieconomicista, que se baseia numa perspectiva “sociológico-política” e não em uma diretriz “econômico-social”, diz que não existe exclusão, mas sim “[...] existe contradição e vítimas de processos sociais, políticos e econômicos vigentes” (MARTINS, 2009, p. 08). Para o autor, as reivindicações corrosivas por meio das quais os excluídos proclamam seu inconformismo fazem parte do

---

<sup>11</sup> A expressão mínimos sociais está descrita na Política Nacional de Assistência Social Brasileira, PNAS/ 2004 e significa os meios e recursos essenciais à manutenção da vida como: alimentação, água, vestuário, segurança, moradia, saúde e educação.

sistema gerador da exclusão, tão internamente concreto que não é capaz de fazer alterações a favor dos trabalhadores. Martins (2003, p.14) cita as greves operárias, que poucas alterações fazem no sistema que as provocou, porque o trabalho acaba sendo realizado facilmente por robôs que substituem o trabalhador braçal. No seu entendimento, “resta ao trabalhador, por enquanto, na urgência dos problemas de sobrevivência, moverem-se no interior do possível estabelecido por essas limitações excludentes” (MARTINS, 2003, p. 14).

Sobre a fetichização da ideia de exclusão social, Martins (2009, p. 15) refere-se que ela toma forma quando todos os problemas sociais passam a ser atribuídos mecanicamente à exclusão, pela abordagem, inócua, dos sindicatos, movimentos populares, trabalhos de igreja, que se utilizam de certo reducionismo analítico suprimindo as mediações existentes, que interferem na base geradora da exclusão, que é a economia propriamente dita. Em outras palavras, para o autor, “a exclusão não pode substituir a ideia de processo de exclusão, dos modos de marginalização social, esse rótulo tende a empurrar os pobres para fora da sociedade, para fora das relações sociais, privando-os dos direitos que dão sentido a essa relação” (MARTINS, 2009, p. 15).

Com a frase “essa nova desigualdade separa materialmente, mas unifica ideologicamente”, Martins (2009, p. 24) afirma que a inclusão patológica e precária torna as lutas sociais esvaziadas de força para o protagonismo da democracia e da participação popular, porque o homem comum e o pobre são induzidos a pensar que estão em igualdade com o rico. Esse imaginário poderoso é parte da trama que envolve o homem, tornando-o um agente da recolonização, “num estado de drogado” no qual não há consciência crítica que seja capaz de revolucionar as relações sociais, essa que seria capaz de ressignificar o potencial de luta para a dignidade de homem, como referência fundamental da vida. Para ele, este homem não está excluído, porque ele é parte e está dentro do mundo que o excluí, mesmo sem dar-se conta disso.

Viviane Forrester (1997 p. 44) apresenta que a discussão sobre os efeitos nefastos que excluem e fragilizam os homens e suas famílias, expostos e intrínsecos à globalização e ao

neoliberalismo, não são recentes. Contudo, segundo a autora, é evidente a atrocidade da forma como esses efeitos tornaram-se mais intensos e avassaladores nas últimas décadas. Isso mostra que a priorização irrevogável do lucro causa a exclusão social e econômica de grande parte da humanidade, e que, sem alterações no modo de ver e viver a atualidade/mundo do trabalho, “continuar-se-á de forma passiva atendendo às verdades que priorizam as corporações em detrimento do homem, é um perigo!” (FORRESTER, 1997, p. 44). Para a autora:

A descida é vertiginosa. Não é o desemprego em si que é nefasto, mas o sofrimento que ele gera e que para muitos provém de sua inadequação àquilo que o define, àquilo que o termo “desemprego” projeta [...]. A descida é vertiginosa. Os tormentos do trabalho perdido são vividos em todos os níveis da escala social. Em cada nível, eles são sentidos como uma prova opressiva que parece profanar a identidade de quem a sofre. Imediatamente vem o desequilíbrio e – injustamente – a humilhação; logo depois, o perigo. [...] é surpreendente descobrir a que ponto pode-se perder rapidamente o pé e como a sociedade se torna severa. Como não existe, ou quase não existe mais recurso quando alguém fica desarmado (sem trabalho) tudo vacila, aprisiona e se afasta ao mesmo tempo. Tudo se fragiliza, até mesmo a moradia. A rua se torna próxima. (FORRESTER, 1997, p. 47).

Forrester (1997) apela para a lucidez necessária frente a um novo modelo de mundo capitalista, no qual, segundo ela, é inexorável que a relação de forças é desigual e anula cada vez mais as possibilidades de igualdade entre as classes, diante da economicidade da vida humana, ou mercantilização da vida, onde é tão grave observar a rejeição daqueles que não são mais necessários ao capital, ao mercado e a economia, conforme explica:

Qualquer que tenha sido a história da barbárie ao longo dos séculos, até agora o conjunto dos seres humanos sempre se beneficiou de uma garantia: ele era essencial ao funcionamento do planeta, à produção e à exploração dos instrumentos do lucro. [...] pela primeira vez, a massa humana não é mais necessária materialmente, e menos ainda economicamente, para o pequeno número de pessoas que detém os poderes, e para os quais, as vidas humanas que evoluem fora do seu círculo íntimo de convivência[...] - isso se percebe cada dia mais de um ponto de vista utilitário". (FORRESTER, 1997, p. 134).

Ainda na década de 1990, Chauí (1997, p. 01), ao analisar as questões colocadas por Forrester (1997), questionava “Quem, até 20 anos atrás, poderia supor que as lutas de hoje não

seriam, como as de ontem, não pela abolição do trabalho explorado, mas para sua manutenção”? Quem imaginaria que o sonho da roca, fiando sozinha os fios e libertando os humanos da servidão do labor, iria tornar-se o inferno da vergonha, da degradação e da perda de esperança na emancipação? Para Forrester (1997), o emprego e o trabalho já foram motivos de status e segurança, porque eles proporcionam a inclusão social e econômica das pessoas. Contudo, ela sinaliza para o fato de o emprego estar deixando de existir nos formatos tradicionalmente conhecidos com direitos trabalhistas assegurados, é a implantação de um novo modelo de trabalho, liberal e informal. Esses se tornaram cada vez mais comuns nas últimas décadas, são questões que precisam ser analisadas de forma reflexiva e dinâmica para a superação dos desafios apresentados por Chauí (1997) e Forrester (1997).

Referindo-se ao labore/trabalho na atualidade, Kowarick (2003, p. 77) traz elementos novos à reflexão, ele diz que a matriz do discurso sobre a desigualdade da sociedade brasileira não reside em culpar os pobres por sua pobreza, como o é nos EUA, apesar de o “discurso sobre a vadiagem” ter estado muito presente em vários momentos da nossa história colonial, imperial e republicana. Contudo, o imaginário de que só quem trabalha duro e arduamente consegue ter êxito, também já caiu por terra. Isso porque o desemprego, o subemprego e a precarização do trabalho atingiram também parcelas importantes da classe média. O imaginário da ascensão social pelo esforço e perseverança não encontra mais argumentos para fundamentar o ideário da escalada social. Ao contrário, o trabalhador honesto, cumpridor de seus deveres é visto muitas vezes como “o otário que labora cada vez mais para ganhar cada vez menos” (KOWARICK, 2003, p. 77).

Resumidamente, Kowarick (2003, p. 80) contextualiza que, na França, foi justamente no surgimento do período da expansão capitalista que os trabalhadores braçais foram desqualificados, quer dizer, tiveram seus labores vinculados aos baixos salários devido a sua condição social e intelectual. Enquanto no Brasil esse imaginário vingou logo após o período escravocrata, e ainda está vigente na sociedade.

Na formação da sociedade francesa, observam-se elementos como a desqualificação e a perda de raízes, em vários momentos da expansão capitalista; no Brasil, prevaleceram o “travo”, o “desacerto”, a “dissolvência”, a “atmosfera viscosa”, o “falsoamento”, pois a estrutura social criada dentro do sistema escravista considera os trabalhadores, após a abolição, uma massa crescente de livres e pobres, socialmente desclassificados e inaptos para o trabalho, verdadeira ralé destituída de humanidade. Prepotência, arbítrio e violência permeiam toda a sociedade. (KOWARICK, 2003, p. 80).

Kowarick (2003, p. 73) chama a atenção ao profundo e complexo estigma dos termos/conceitos aqui tratados ligados à “questão social”. Esses jargões têm uma raiz histórica escravista que ainda é muito presente na sociedade brasileira, e que desqualifica as pessoas, acabando por induzir ao retraimento, à resignação ou à rebeldia, assim como à fragilização de laços socioeconômicos e à destituição de direitos sociais básicos de sobrevivência.

Inserem-se aqui três questionamentos para perceber se os trabalhadores têm seus meios de sobrevivência sucumbidos às interferências e ingerências do sistema capitalista, econômico e político vigente. É possível um trabalhador braçal, pobre e sem estudo acadêmico ascender à classe social pelo seu trabalho honesto? No sistema capitalista em que vivemos é possível que a inclusão social aconteça através do trabalho e do emprego? A mão do Estado, através do investimento em políticas públicas, saúde, educação e subsistência pode diminuir a estratificação social, a pobreza, e fomentar a igualdade de renda entre as pessoas? Essas e outras questões serão abordadas na sequência.

### **2. 1. 1. Por que a pobreza é um dos principais desafios para as mulheres?**

Segundo cálculos da ONU, utilizando-se dos dados de um estudo da Anistia Internacional, em 2009, com 150 países, verificou que a maioria das pessoas que vivem na pobreza são mulheres: mais de 70 por cento. E a discriminação é um dos principais fatores apontados como responsáveis pela pobreza entre as mulheres.

La discriminación es uno de los principales factores de la pobreza. En algunos países la discriminación contra las mujeres impregna la legislación, y en otros esta discriminación persiste pese a la adopción de leyes de igualdad. Las mujeres no tienen el mismo acceso que los hombres a recursos y medios de producción como la tierra, el crédito y la herencia. Las mujeres no reciben el mismo salario que los hombres, y la mayor parte de su trabajo no es remunerado. Las mujeres a menudo trabajan en labores informales, sin seguridad de empleo ni protección social. Al mismo tiempo, se las sigue responsabilizando del cuidado de la familia y del hogar<sup>12</sup>. (EDAI, 2009, p. 07).

Lisboa (2012, p. 77) fez uma pesquisa com 45 mulheres que frequentavam os Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) de Florianópolis, com o “objetivo de enfocar a pobreza a partir de uma perspectiva de gênero”. Para a autora, a concepção de pobreza das mulheres entrevistadas sustenta-se em privações como: falta de trabalho, falta de comida, falta de habitação e falta de estudo. A condição de pobreza de muitas mulheres está intimamente ligada às questões de gênero, quando na disputa por oportunidades, as mulheres estão em desvantagem e isso se reflete no cotidiano pelas carências que as mantêm na subalternidade.

Para Lisboa (2012, p. 79), “não será somente a questão econômica ou a renda familiar que capturará as dimensões intrafamiliares de pobreza”, a pobreza é um fenômeno multidimensional e atinge as dimensões subjetivas das necessidades básicas como: afeto, proteção, oportunidades, lazer, dentre outros, “sendo a pobreza cada necessidade humana não satisfeita”.

De acordo com Kabeer (1998 *apud* LISBOA, 2005, p. 72), “a pobreza pode ser vista como uma forma dual de privação: privação de necessidades e privação dos meios de satisfazer estas necessidades”. No primeiro caso, estão as necessidades como alimentação, habitação,

---

<sup>12</sup> A discriminação é um dos principais fatores de pobreza. Em alguns países, a discriminação contra as mulheres permeia a lei e, em outros, essa discriminação persiste, apesar da adoção de leis de igualdade. As mulheres não têm o mesmo acesso que os homens à recursos e meios de produção, como terra, crédito e herança. As mulheres não recebem o mesmo salário que os homens e a maior parte do seu trabalho não é remunerada. As mulheres costumam trabalhar em empregos informais, sem segurança no trabalho ou proteção social. Ao mesmo tempo, [tem duplas jornadas] elas continuam sendo responsáveis pelo cuidado da família e do lar. (EDAI, 2009, p. 07). Tradução nossa.

vestuário, educação e saúde. No segundo, a possibilidade de acesso a estes meios se relaciona com o exercício da cidadania e conquista dos direitos. Estes são gerados mediante regras, normas e práticas institucionais que por sua vez outorgam direitos às mulheres e homens de forma diferente e desigual, em distintos grupos sociais. São essas regras invisíveis que contribuem para a marginalização das mulheres, empurrando-as para as atividades informais, instáveis, e sem a garantia de seguros e direitos trabalhistas. O estudo publicado pela Anistia Internacional (EDAI, 2009, p. 13) faz ligação das famílias chefiadas por mulheres com o trabalho informal e precarizado, apontando que este “muitas vezes visa atender minimamente às necessidades básicas das famílias para a alimentação dos filhos”.

Ainda sobre o tema “pobreza” Carvalho, 2018, p. 01) diz que ela contribui para a marginalização das mulheres, empurrando-as para as atividades informais, instáveis, e sem a garantia de seguros e direitos trabalhistas. As famílias chefiadas por mulheres no Brasil têm um aumento considerável na última década, segundo dados do IBGE.

Nos últimos 10 anos, houve intensificação das políticas sociais no Brasil, que possibilitaram avanços importantes na agenda social, como a redução da pobreza e da fome. Os números do IDH no nosso País, onde as mulheres representam 52% da população, cresceram 47,8% de 1991 a 2010. Nesse mesmo período, 36 milhões de pessoas deixaram a pobreza e o País, pela primeira vez, saiu do Mapa da Fome em 2014 - um dos principais avanços considerados pela ONU. Mesmo assim, a incidência da pobreza também variou em função do gênero. Em famílias comandadas por mulheres, as taxas de pobreza extrema atingem 9,6%, frente aos 7,1% quando lideradas por homens. O Cadastro Único do governo federal mostra que quanto mais baixa a renda per capita da família, maiores as chances de ser chefiada por mulheres. (CARVALHO, 2019, p. 01).

Segundo Libardoni (2002, p.21), quanto mais pobre o país, pior é a situação das mulheres. Para entender melhor essa relação desigual entre homens e mulheres, em diferentes países, o PNUD<sup>13</sup> Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento apresentou, no

---

<sup>13</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mede o progresso de uma nação a partir de três dimensões: renda, saúde e educação. O objetivo da criação do Índice de Desenvolvimento Humano foi o de oferecer um contraponto

relatório de Desenvolvimento Humano de 1997, que: “Nenhuma sociedade trata suas mulheres tão bem quanto os seus homens”. Além dos índices para medir o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) que são saúde, educação e renda, temos os Indicadores complementares de desenvolvimento humano (IDH – IDHAD, IPM e IDG). Destacadamente o GDI mede as diferenças de Gênero nas conquistas do desenvolvimento humano.

O PNUD faz relação entre a situação de pobreza e a questão de gênero, analisando dados do Brasil.

Onde o IDH é uma medida média das conquistas de desenvolvimento humano básico em um país. Como todas as médias, o IDH mascara a desigualdade na distribuição do desenvolvimento humano entre a população no nível de país. O IDH 2010 introduziu o Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), que identifica privações múltiplas em educação, saúde e padrão de vida nos mesmos domicílios. O Índice de Desigualdade de Gênero (IDG) reflete desigualdades com base no gênero em três dimensões – saúde reprodutiva, autonomia e atividade econômica. A saúde reprodutiva é medida pelas taxas de mortalidade materna e de fertilidade entre as adolescentes; a autonomia é medida pela proporção de assentos parlamentares ocupados por cada gênero e a obtenção de educação secundária ou superior por cada gênero; e a atividade econômica é medida pela taxa de participação no mercado de trabalho para cada gênero. (PNUD, BRASIL, 2019).

O PNUD, nos relatórios de 2018, apresenta alguns dados interessantes e atualizados sobre a realidade dos brasileiros, através da análise do IDH. Segundo o relatório, o Brasil caiu uma posição no ranking global do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), em 2018, e ocupa o 79º lugar, em um grupo de 189 países. O último IDH do Brasil é 0,761, ficando atrás dos vizinhos: Chile que está na posição 44º, Argentina em 47º, Uruguai 55º, México 74º e Venezuela 78º. O Pnud aponta que, atualmente, o Brasil tem ainda a segunda maior

---

a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento. Criado por Mahbub ul Haq com a colaboração do economista indiano Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel de Economia de 1998, o IDH pretende ser uma medida geral, sintética, do desenvolvimento humano. Publicado pela primeira vez em 1990, o índice é calculado anualmente. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento no Brasil está presente em quatro cidades: Brasília, Salvador, São Paulo e Teresina. (PNUD Brasil).

concentração de renda no 1% mais rico da população: 28,3%, ficando apenas atrás do Qatar, com 29%. Em 2018, segundo o PNUD no Brasil a parcela dos 10% mais ricos do país concentram cerca de 41,9% da renda total entre os brasileiros.

Os dados do IDG<sup>14</sup> internos do Brasil, que se referem a avaliação das desigualdades de gênero entre os brasileiros, homens e mulheres, é uma ferramenta importante para esta pesquisa, e mostrou que o Brasil caiu na posição mundial quando se compara aos demais países também neste quesito. Entretanto, é necessário ressaltar que essa ferramenta de cálculo, IDG, não quantifica o trabalho informal e/ou doméstico, o que denota falta de representatividade da realidade das mulheres brasileiras, que têm parte expressiva de sua renda vinculada à economia informal.

Pode-se destacar que as lutas e bandeiras do movimento feminista foram decisivas para articular caminhos para a igualdade de gênero. Contudo, a pobreza ainda é um fator de torna a mulher mais fragilizada, visto que elas são a maioria nas atividades mais precarizadas de trabalho, segundo Carvalho, (2018, p. 01). Brant (2002, p. 12) diz que a busca pelo equilíbrio, “para dar maior chance de acesso a quem dele é privado, chama-se equidade”. Ou seja: “a equidade é o processo de diminuir as diferenças para alcançar a igualdade”.

É justamente nesse contexto que entram as Convenções e os Tratados, apresentados neste texto. Eles retratam o empenho e os ideais para a remoção de obstáculos que impedem uma vida mais digna, solidária e justa para as mulheres. Pode-se dizer que essas são ferramentas que ajudam a eliminar os preconceitos, as discriminações e as violências.

---

<sup>14</sup> O GDI mede as diferenças de gênero nas conquistas do desenvolvimento humano ao explicar as disparidades entre mulheres e homens em três dimensões básicas do desenvolvimento humano - saúde, conhecimento e padrões de vida, usando os mesmos indicadores de componentes do IDH. O GDI é a razão entre os IDHs calculados separadamente para mulheres e homens, usando a mesma metodologia do IDH. É uma medida direta do hiato de gênero mostrando o IDH feminino como uma porcentagem do IDH masculino. O GDI é calculado para 164 países. (PNUD, BRASIL).

### 2.1.2. Por que um programa de formação para mulheres em vulnerabilidade social?

Respondendo à questão que dá título à esta seção, exemplificando a implementação do Mulheres Sim, pelo Ministério da Educação brasileiro, neste é importante visualizar que, segundo o MEC (2018, p. 01), o programa visava alterar a realidade vivenciada pelas mulheres quanto à situação de desigualdade social e suas consequências, principalmente para aquelas que vivem no Norte do país, onde teve início o projeto-piloto desse programa. “Essa desigualdade social se revela, não unicamente, mas principalmente, através da pobreza, das vulnerabilidades, das desigualdades de gênero e da violência contra as mulheres, entre outras situações a serem rompidas ou, pelo menos, minimizadas pelo empoderamento feminino e pelo aumento do nível educacional profissionalizante das alunas”. (BRASIL, 2018a).

O objetivo do programa é promover a formação profissional e tecnológica articulada com aumento de escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social, especialmente das regiões Norte e Nordeste do país. Para isso, atua no sentido de garantir o acesso à educação a essa parcela da população de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões. Ao ser instituído nacionalmente e se transformar em programa de cobertura nacional, o Programa Nacional Mulheres Mil amplia também seu escopo inicial de oferta de Educação Profissional e Tecnológica. Além dos cursos de formação inicial e continuada (FIC) e qualificação profissional, inclui em sua oferta os cursos de educação profissional técnica de nível médio. Os cursos podem ser ofertados de forma articulada com o ensino fundamental e o com o ensino médio (nas formas integrada e concomitante). (BRASIL, 2018a).

Acerca da vulnerabilidade social das mulheres, público-alvo de programas como o Mulheres Mil e o Mulheres Sim, vale a pena considerar o que apontam os dados do IBGE sobre as condições de vida dos brasileiros. Os dados de 2016, que tratavam dos indicadores estruturais do mundo do trabalho das pessoas de 16 anos ou mais, por sexo, cor e raça, segundo o nível de instrução, apontavam que, no Brasil, as mulheres sem instrução ou ensino fundamental incompleto eram 29.347 para cada cem mil pessoas, enquanto que os homens nessas condições somavam 29.241 a cada cem mil pessoas. Contudo, os homens chegam em menor quantidade aos bancos acadêmicos quando se comparam os dados de graduação, dado que as mulheres com

ensino superior completo são o dobro dos homens; enquanto os homens são 8.874, as mulheres com ensino superior completo são 14.413 para cada cem mil mulheres (IBGE, 2016).

Os números mostram a necessidade de incluir mais as mulheres no ensino fundamental. Historicamente, no Brasil, a desigualdade de gênero interfere nessas questões desde a tenra idade, enquanto ainda meninas, elas convivem com situações de trabalho domiciliar, cuidados do lar e dos irmãos, para que os pais possam trabalhar e suprir as necessidades familiares. Essa precarização interfere diretamente na educação e posteriormente no acesso ao trabalho para as mulheres. Entretanto, os dados mostram que as mulheres são persistentes, aquelas que conseguem transpor a barreira e frequentar o ensino básico, têm êxito e concluem o ensino superior, segundo a pesquisa do IBGE (2016).

Outro dado preocupante é o da ocupação/trabalho para homens e mulheres em idade de trabalhar. Os dados apontam que há um número muito inferior de mulheres do que de homens que estão empregados, sendo que a população ocupada (PO) (1.000 pessoas) aponta que apenas 39.126 mulheres estão trabalhando, mesmo sendo elas a maioria da população brasileira, enquanto que 51.665 de homens estão trabalhando (IBGE, 2016).

A Política Nacional de Assistência Social Brasileira (BRASIL, 2005, p. 27) contextualiza que a família brasileira vem passando por transformações ao longo do tempo e coloca a mulher como a pessoa de referência para a promoção e planejamento de políticas públicas sociais. Da última década do século XX até 2002, houve um crescimento de 30% da participação da mulher como pessoa de referência da família. Em 1992, elas eram referência para aproximadamente 22% das famílias brasileiras, e, em 2002, passaram a ser referência para próximo de 29% das famílias. Essa tendência de crescimento ocorreu de forma diferente entre as regiões do país e foi mais acentuada nas regiões metropolitanas. Em Salvador, 42,2% das famílias tinham na mulher sua referência; em Belém, eram 39,8%; e em Recife, 37,1%. Entre as grandes regiões, o Norte apresentava a maior proporção de famílias com este perfil, 33,4%, e o Sul, a menor com 25,5 % da população (BRASIL, 2005, p. 21).

Sobre a sobrecarga que as mulheres enfrentam cotidianamente, Simone de Beauvoir (2016, p. 232) refere-se às mulheres pobres como mulheres fatigadas.

[...] o trabalho doméstico soma-se em  $\frac{3}{4}$  do trabalho de uma operária ou empregada, assim, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, aumentam consideravelmente as fadigas da mulher: uma mãe de família pobre gasta suas forças ao longo de dias desordenados, ao contrário das burguesas, que são quase ociosas. (BEAUVOIR, 2012, p. 232).

Ainda sobre o trabalho que a mulher executa no lar, Beauvoir (2012, p. 235) diz que o “isso não lhe confere autonomia; não é diretamente útil à coletividade, não produz nada, para que haja realmente mudanças significativas para a mulher, quanto ao acesso à dignidade é necessário que ela acesse trabalhos em áreas independentes da do lar”.

Infere-se com isso que as mulheres teriam mais autonomia e empoderamento se estivessem empregadas. Para a inclusão delas no mundo de trabalho, é necessário que haja a melhoria da oferta para o ingresso na educação e na profissionalização, principalmente nos primeiros anos de escolarização, nos quais há essa defasagem escolar. Os projetos e políticas sociais institucionalizados pelo Estado geralmente têm as mulheres como público de acesso para as mudanças que se pretende junto às famílias e à comunidade, devido à posição que elas ocupam frente às famílias e do cuidado com os filhos, entre outras funções.

[...] as políticas públicas visam responder às demandas, principalmente dos grupos sociais excluídos, setores marginalizados, esferas pouco organizadas e segmentos mais vulneráveis onde se encontram as mulheres. As demandas desses grupos, no geral, são recebidas e interpretadas por pessoal (servidores, servidoras, áreas de gestão e técnica) que ocupam os espaços de decisão e que estão no poder – sem dúvida, influenciados por uma agenda que se cria na sociedade civil através da pressão e mobilização social. No geral, visam ampliar e efetivar direitos de cidadania, também gestados nas lutas sociais e que passam a serem reconhecidos institucionalmente. (BRASIL, 2018b).

Lisboa e Manfrini (2005, p. 75), inferem que um dos principais desafios às mulheres pobres no Brasil refere-se à dificuldade de acesso ao mercado de trabalho, à moradia

(saneamento básico, educação, saúde e segurança) e à luta contra a discriminação salarial. Para as autoras, os cursos do programa Mulheres Mil, analisados por elas à época, deveriam ofertar unidades curriculares que fornecessem ferramentas e capacitações profissionais que contestassem e não reforçassem as tradicionais normas de gênero da divisão sexual do trabalho possibilitando romper com as relações patriarcais que perpetuam ainda hoje na sociedade brasileira.

Na análise feita a partir das ofertas do programa nos IF's do Espírito Santo, Corcetti, Souza e Loureto (2018, p. 931) concluíram que é necessário criar cursos diferentes dos tradicionais, como de camareira, artesanato, cuidadora de idosos, culinária, recepcionista e costura. Segundo as autoras, esses não proporcionam a inclusão das egressas no mundo do trabalho e, ainda, reforçam a divisão sexual do trabalho, além de, na maioria das vezes, empurrarem ou manterem as mulheres na informalidade, sem registros na carteira de trabalho e com reduzida mobilidade e visibilidade social. Muitos dos cursos oferecidos hoje às mulheres ainda as mantêm ligadas ao trabalho doméstico, de limpeza, de costura, de artesanato, cuidado de crianças e idosos, e afins.

Nessa perspectiva de inclusão social, desde 2011, o IFSC, instituição em análise neste trabalho, desenvolve ações através de editais próprios para atender a demanda e as especificidades socioeconômicas de cada região ou cidade na qual os câmpus estão inseridos. Quanto aos programas voltados às mulheres, uma das metas é propiciar formação profissional que contribua para a inserção das mulheres no mundo do trabalho local, estimulando também o desenvolvimento social e econômico da região na qual as ações são desenvolvidas.

### **2.1.3 O conceito de empoderamento e sua intrínseca relação com a situação das mulheres**

A busca pela compreensão do conceito de “empoderamento”<sup>15</sup> intenta servir como um contributo à análise dos contextos sociais vulneráveis, em específico àqueles ao qual é dirigido o programa aqui em análise, o Mulheres Sim, e nos quais se encontram muitas das mulheres para as quais se volta a presente pesquisa. Segundo o Dicionário Aurélio de língua Portuguesa, empoderamento está ligado à “ação de se tornar poderoso, de passar a possuir poder, autoridade, domínio sobre: processo de empoderamento das classes desfavorecidas”. O dicionário classifica como gíria (criada por extensão de sentido) a classificação do termo como “Passar a ter domínio sobre a sua própria vida; ser capaz de tomar decisões sobre o que lhe diz respeito: empoderamento das mulheres” (EMPODERAMENTO, 2020). Dessa forma, observa-se que a “ação de tornar-se poderoso” precisa enfrentar barreiras de gênero desde a essência do termo, quando se trata das mulheres<sup>16</sup>.

Baquero (2006, p. 79) lembra que o termo é originário da palavra inglesa *empowerment*. Dessa forma, nas palavras do autor, esse vocábulo é seguidamente confundido como sinônimo de *apoderamento*, ou de *emancipación*. Ressalta Baquero (2006, p. 79) que esses têm significados diferentes de empoderamento, uma vez que apoderar é sinônimo de dar posse, domínio de assenhorar-se, dominar, conquistar, tomar posse. Por outro lado, emancipar significa tornar livre, independente. Na sequência, o autor chama a atenção ao fato de que o verbo empoderar pode ser utilizado linguisticamente como um verbo transitivo ou intransitivo, porque, diante de sua flexão verbal, eles têm significados e compreensão diferentes/diversos. Empoderar como um verbo transitivo, afirma o autor, envolve um sujeito que age sobre um objeto. Nessa relação, infere-se que empoderar significa ter poder sobre o outro, sendo uma pessoa vista como agente do empoderamento de alguém, sendo ator e controlador. Nessa

---

<sup>15</sup> Moraes (2018) utiliza o termo “empoderamento” entre aspas, por considerar seu caráter controverso e de ambiguidade linguística. Sem discordar da autora quanto aos sentidos do termo, ao longo deste trabalho, por razões de estilo textual, deixaremos de fazer uso desse recurso.

<sup>16</sup> Essa distinção não está presente no dicionário online de Língua Portuguesa Priberam, enquanto que no Dicionário Caudas Aulete, o termo empoderamento nem mesmo aparece registrado.

relação, o empoderado/tutelado é o objeto passivo da ação. Empoderar, como verbo intransitivo, por sua vez, envolve a ação do próprio sujeito sobre a transformação de sua vida (BAQUERO, 2006, p. 179).

Para Baquero (2006), foi pela religião, com Martinho Lutero, que o termo empoderamento surgiu ligado às mulheres e ao social. A autora ressalta que a relação de poder e submissão entre homens e mulheres, passou a ser questionada pela sociedade, principalmente por Lutero, ao longo do século XVI. A separação entre as igrejas e o surgimento da igreja luterana teve como um dos pilares o direito das mulheres também poderem pregar a religião e serem pastoras da igreja. Explicava-se que elas também eram capazes de levar a palavra de Deus, tal qual os homens.

[...] ao afirmar a primazia da consciência indivíduo e o sacerdócio universal de todos os verdadeiramente crentes frente a relação hierárquica com Deus, abriu as portas à interrogação das mulheres ‘por que não as mulheres? Os Quakers, um dos grupos formados na Inglaterra a partir de tal reforma, incluíam as mulheres como pregadoras, admitindo que o Espírito Santo poderia se expressar por meio delas. (GARCIA, 2015, p. 30 *apud* MORAES, 2018, p. 2).

Bacqué e Bienwener (2015 *apud* Moraes, 2018, p. 2) confirmam que a Reforma Protestante também despertou a atenção para a ligação do termo *empowerment* às lutas sociais na Europa e nos Estados Unidos. A autora explica que, na Grã-Bretanha do século XVII, apareceu a construção verbal *to empowerment*, em oposição a um poder formal, estado (empoderado) de autoridade de nível superior, ou uma ação de poder, “de cima para baixo”. Somente no século XX, o empoderamento adquiriu forte significado político, através de ações integradas de conquista dos direitos civis. Contemporaneamente, ele se expressa nas lutas e nos movimentos de ideologia da Ação Social.

Baquero (2006, p. 77) afirma que na segunda metade do século XX a categoria *empowerment* passou ser utilizada fortemente nos EUA pelos movimentos emancipatórios, relacionados ao exercício da cidadania. São eles, os movimentos negros, das mulheres e homossexuais/LGBTs. Dentre esses, a autora destaca o movimento denominado Feminismo:

Feminismo – Diferentes correntes de pensamentos feministas, fundadas na análise das raízes da opressão e subalternização das mulheres nas várias instituições sociais e nos vários contextos da vida social, econômica e cultura (na família, no trabalho, nos sistemas educacionais e de saúde, na religião, nos relacionamentos interpessoais, na auto imagem) envolvendo o desenvolvimento e a aplicação de metodologias de intervenção no trabalho com mulheres, visa ao “acordar” da consciência feminina perante a sua subalternidade e alienação. Visa também a construção de autoajuda e iniciativa de bases comunitárias com as quais objetiva proporcionar às mulheres melhor educação e cuidados de saúde, qualificação profissional e oportunidades de trabalho, independência econômica e proteção contra a violência doméstica e sexual. (BAQUERO, 2006, p. 78).

Conforme Freitas (2016, p. 1), na década de 1970, o psicólogo americano Juliam Rappaport introduziu o conceito de empoderamento no serviço social e na psiquiatria social. Para ele, era necessário “repensar o novo”, repensar criticamente as premissas e as abordagens básicas dos serviços de atendimento humano, dentre esses, a educação e outras áreas de pesquisa e ação comunitária. Para Rappaport [o novo] significava ver as questões sociais e econômicas como possíveis fontes geradoras dos problemas individuais e coletivos, e não mais culpar as vítimas, exemplo, os pobres pela sua condição de pobreza.

É importante destacar que, durante a trajetória que marcou as mudanças no mundo do trabalho, desde a Revolução Francesa até a contemporaneidade, o termo empoderamento aparece subjetivo e representado como sinônimo de luta contra a opressão das classes subalternas do proletariado, pelo sistema capitalista. Moraes (2018) cita o educador brasileiro Paulo Freire, quando este faz referência ao termo, afirmando que este só teria um sentido libertador quando articulado com princípios de educação popular. Por isso, segundo a autora, Freire utilizou o conceito apenas uma vez em uma de suas obras “Medo e ousadia: o cotidiano do professor” (1996). A autora cita uma entrevista registrada por Carvalho (2014) com Ana Maria Araújo Freire (viúva de Paulo Freire) sobre relações entre o pensamento freiriano e o debate sobre empoderamento. Ela responde: “[...] o empoderamento nunca foi uma questão para Paulo, ele jamais escreveu sobre isso e talvez nunca respondesse diretamente sobre esse conceito, porque Paulo tinha um certo receio de dizer ‘eu tenho poder’”. (CARVALHO, 2014

*apud* MORAES, 2018, p. 07). Para Freire, o empoderamento só acontece coletivamente. Não existe empoderamento sem participação!

Debruçando-se sobre as questões femininas, Léon (1997 *apud* MORAES, 2018, p. 4), afirma que o termo empoderamento foi usado por parte do movimento social de mulheres na década de 1980, para opor-se aos modelos de desenvolvimento que, até então, tornavam invisíveis as mulheres na sociedade. Dessa forma, o termo tomou novo significado, saindo da referência de poder autorizado por um superior, seja Estado, religião ou cargos profissionais, ampliando seu uso para além das pautas do mundo do trabalho de Marx, ascendendo o [empoderamento] para a compreensão e a defesa de pautas como: liberdade das mulheres, questões raciais, direitos dos/as LGBTQs, defesa do meio ambiente, dentre outros.

Contextualizando a mudança de significado do tempo empoderamento, dialogando-o com o mundo do trabalho e às mulheres, Federici (2017) faz uma crítica à Marx, dizendo que ele poderia ter incluído em suas publicações e contestações, além da crítica ao Estado capitalista e a exploração aos proletários através da mais valia, também as questões da exploração e segregação das mulheres. Federici (2017) afirma que, além de Marx não mencionar as lutas dos desvalidos, negros, deficientes e homossexuais, ele também se abdicou de falar sobre as mulheres e sua situação de subalternidade. Fato que poderia ter contribuído, a sua época, para dar visibilidade às lutas por igualdade de gênero, tão ávidas de fortalecimento.

Devo acrescentar que Marx nunca poderia ter suposto que o capitalismo preparava o caminho para a libertação humana se tivesse olhado sua história do ponto de vista das mulheres. Essa história ensina que, mesmo quando os homens alcançaram certo grau de liberdade formal, as mulheres sempre foram tratadas como seres socialmente inferiores, exploradas de modo similar às formas de escravidão. “Mulheres”, então, no contexto deste livro, significa não somente uma história oculta que necessita se fazer visível, mas também uma forma particular de exploração e, portanto, uma perspectiva especial a partir da qual se deve reconsiderar a história das relações capitalistas. (FEDERICI, 2017, p. 27).

Na relação capitalista na qual a globalização dos mercados e da economia tornou cada vez mais fluidos os direitos sociais, o termo empoderamento também teve tradução e aplicação

mais diluídas quando passou a fazer parte das agendas da ONU. Na década de 1990, o termo empoderamento passou a ser usado fortemente pelas agências internacionais de cooperação: Organização das Nações Unidas (ONU) e Banco Mundial, firmando-se como dimensão das políticas públicas tanto nacionais quanto internacionais. Esse uso economicista do termo, segundo Moraes (2018), gera a banalização da palavra e dilui o seu sentido real.

Torna-se um jargão, uma “palavra da moda”. Perde seu conteúdo político mais progressista de transformação social. Adentra, inclusive, o mundo empresarial. Batliwala (2007) afirmou que, nos anos 1990, a prática do “empoderamento” de mulheres se degenerou e se tornou uma prática tecnocrata que respondeu às demandas da economia neoliberal. (MORAES, 2018, p. 5).

Já na década de 1980, o termo empoderamento surgiu nos movimentos reivindicatórios como um manifesto de afronta às políticas de desenvolvimento economicista, que segundo Moraes (2018) buscam subsídios e alternativas diferente da herança colonial, assim como a da nova economia capitalista.

Moraes (2018, p. 5-8) faz a distinção entre o que chama de empoderamento libertador e o empoderamento liberal. O primeiro conceito, em sua gênese, teria como pilares a construção de uma imagem positiva de si, a confiança em si, o desenvolvimento da capacidade de pensar criticamente e a construção de uma coesão de grupo para fins de superação do empoderamento liberal que está baseado no individualismo e no capitalismo monopolista (BACQUÉ; BIENWENER, 2015 *apud* MORAES, 2018, p. 13).

Segundo Moraes (2018), a característica libertadora do empoderamento libertador teria se originado com as mulheres indianas, envolvendo necessariamente um desequilíbrio nas relações de poder hierarquizado, por uma relação dialética e crítica dos sujeitos.

Fazendo referência ao empoderamento libertador pela inclusão das mulheres na política, Moraes (2018) chama a atenção para o manifesto DAWN de 1984 (*Development Alternatives with Women*) articulado pela ONU, que faz referência à abordagem “libertadora” do *Women in Development*, quando afirma que o principal problema das mulheres do terceiro mundo seria a

insuficiência de sua participação em um processo positivo de crescimento e desenvolvimento, e convoca para uma mudança estrutural que combata a desigualdade de classe, de gênero e raça em todos os países e na relação entre os países. O empoderamento das mulheres pobres seria condição necessária à implementação dessa forma alternativa de desenvolvimento.

[...] a rede DAWN (Development Alternatives with Women for a New Era), criada em 1984, a partir de uma reunião de trabalho de cientistas sociais do terceiro mundo para preparar o Congresso Internacional da ONU sobre mulheres em Nairobi, no Quênia, a se realizar no ano posterior. Nos dez meses seguintes circularam muitos documentos entre essas estudiosas, as quais decidiram elaborar uma plataforma de desenvolvimento feminista alternativo que mobilizasse o empoderamento das mulheres. O manifesto DAWN foi apresentado no fórum das ONGs da conferência de Nairobi em 1985 e publicado em 1987, intitulado “Development, Crisis and Alternative Visions. Third World Women’s Perspectives” (BACQUÉ; BIENWENER, 2015 *apud* MORAES, 2018, p. 9).

Dualmente Moraes (2018, p. 10) diz que diferentes interpretações atravessaram a obra da DAWN e o termo foi usado também como empoderamento liberal”, já que, assim interpretado, não tem a presunção de romper com a lógica de mercado capitalista e explorador. Por conseguinte, foi a internacionalização do termo empoderamento, utilizado de forma desfigurada da sua origem, que tinha uma perspectiva mais libertadora, do manifesto DAWN, que resultou, na década de 1990, em seu uso economicista, adquirindo caráter despolitizador, apresentando-se como um empoderamento liberal. Segundo a mesma autora, a política capitalista e as organizações internacionais de mercado convergem com a política neoliberal do “Estado mínimo”, com fortes implicações sobre as mulheres, em especial aquelas da América Latina e de outros países do sul global. (MORAES, 2018, p. 10).

A ONU<sup>17</sup> Mulher também utiliza o termo empoderamento em seus documentos de base. A entidade foi criada através da Resolução adotada pela Assembleia Geral em 2 de julho de

---

<sup>17</sup> A Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, também conhecida como ONU Mulheres é uma entidade das Nações Unidas destina-se a promover a empoderamento de mulher e igualdade de gênero. Sede: Nova Iorque, Nova York, EUA. Chefe: Phumzile Mlambo-Ngcuka. Fundador:

2010<sup>18</sup> pelas Nações Unidas, é uma entidade voltada a ações de Igualdade de Gênero e Empoderamento da Mulheres<sup>19</sup>, com o objetivo de fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres, de apoio para a igualdade de gênero e o empoderamento. Dentre os documentos que embasam e norteiam os trabalhos da ONU Mulher, destaca-se que o termo empoderamento aparece em três importantes referências, sendo: a Declaração e a Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre Mulher em Pequim, 4 a 15 de setembro de 1995; a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, de setembro de 2015, esta composta por 17 metas relacionadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), e a Estratégia de Montevideu para a Implementação da Agenda Regional de Gênero no Âmbito do Desenvolvimento Sustentável realizada em Montevideu de 25 a 28 de outubro de 2016.

Cronologicamente, temos a IV Conferência Mundial sobre a Mulher: Igualdade, Desenvolvimento e Paz, que foi um encontro organizado pelas Nações Unidas entre 4 de setembro e 15 de setembro de 1995, em Pequim, China. Participaram do evento 189 governos e mais de 5.000 representantes de 2.100 ONGs. Os principais temas tratados foram o avanço e o empoderamento da mulher em relação aos direitos humanos das mulheres, mulher e pobreza, mulher e tomada de decisões, a criança do sexo feminino; violência contra a mulher.

Define o conceito de gênero para a agenda internacional, empoderamento das mulheres e transversalidade das políticas públicas com a perspectiva de gênero. Para a ONU, “a transformação fundamental em Pequim foi o reconhecimento da necessidade de mudar o foco da mulher para o conceito de gênero, reconhecendo que toda a estrutura da sociedade, e todas as relações entre homens e mulheres dentro dela, tiveram que ser reavaliados. Só por essa fundamental reestruturação da sociedade e

---

Assembleia Geral das Nações Unidas. Fundação: julho de 2010. Subsidiária: UN Women Iceland. Organização mãe: Organização das Nações Unidas. (ONU, 2020).

<sup>18</sup> Para Rappaport (o novo) significa não mais culpar as vítimas, os pobres pela sua condição de pobreza, e ver as questões sociais e econômicas como possíveis fontes geradoras dos problemas individuais e coletivos.

<sup>19</sup> Para mais informações acessar: <https://nacoesunidas.org/agencia/onumulheres/>. Acesso em 02 mar. 2020.

suas instituições poderiam as mulheres ter plenos poderes para tomar o seu lugar de direito como parceiros iguais aos dos homens em todos os aspectos da vida. Essa mudança representou uma reafirmação de que os direitos das mulheres são direitos humanos e que a igualdade de gênero era uma questão de interesse universal, beneficiando a todos”. (BRASIL, 2020).

O documento resultante da Conferência de Pequim de 1995 estabelece 12 áreas de preocupação sobre os direitos de mulheres e meninas, que se encontram disponíveis no site da ONU Mulheres do Brasil. São elas: 1. Mulheres e pobreza; 2. Educação e Capacitação de Mulheres; 3. Mulheres e Saúde; 4. Violência contra a Mulher; 5. Mulheres e Conflitos Armados; 6. Mulheres e Economia; 7. Mulheres no Poder e na liderança; 8. Mecanismos institucionais para o Avanço das Mulheres; 9. Direitos Humanos das Mulheres; 10. Mulheres e a mídia; 11. Mulheres e o Meio Ambiente; 12. Direitos das Meninas.

Após dez anos a ONU organizou a ambiciosa Agenda do Milênio<sup>20</sup>, que apresentou ao mundo um plano de ação global para mudar o mundo até 2030.

A Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU sobre Mulheres, Paz e Segurança (2000) reconhece que as mulheres sofrem de forma diferente os impactos de guerra, e reafirmou a necessidade de reforçar o papel das mulheres na tomada de decisão com relação à prevenção e resolução de conflitos. Posteriormente, o Conselho de Segurança aprovou quatro resoluções adicionais sobre mulheres, paz e segurança: 1820 (2008), 1888 (2009), 1889 (2009) e 1960 (2010). Juntas, as cinco resoluções representam um quadro crítico para melhorar a situação das mulheres em países afetados por conflitos. (BRASIL, 2020).

Segundo a Plataforma da Agenda 30, em 2015 representantes dos 193 Estados-membros da ONU se reuniram em Nova York e reconheceram que a erradicação da pobreza em todas as suas formas e dimensões, incluindo a pobreza extrema, é o maior desafio global e um requisito indispensável para o desenvolvimento sustentável. Para realizar essa transformação, eles

---

<sup>20</sup> Para mais informações acesse: <http://www.agenda2030.com.br/sobre/>.

adotaram o documento “Transformando o Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável” (A/70/L.1), no qual os países-membros comprometeram-se a tomar medidas ousadas e transformadoras para promover o desenvolvimento sustentável. Para que essas medidas sejam implementadas de forma equânime em todos os países, foram criados os 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS e 169 metas para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta. Segundo a Agenda 30, “esses são objetivos e metas claras, para que todos os países adotem de acordo com suas próprias prioridades e atuem no espírito de uma parceria global que orienta as escolhas necessárias para melhorar a vida das pessoas, agora e no futuro”. (PLATAFORMA AGENDA 30).

Dentre as 17 metas dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) o termo empoderamento aparece na meta número cinco, relacionada à Igualdade de gênero: todas as mulheres e meninas precisam se sentir empoderadas. A igualdade de gênero deve ser garantida em todos os setores da sociedade.

Entre 25 a 28 de outubro de 2016, em Montevidéu, foram ratificados todos os tratados e convenções até então realizados sobre direitos das mulheres. Esse é o marco mais recente e atualizado que afirma o compromisso dos Estados e da sociedade na promoção, respeito e garantia de todos os direitos humanos das mulheres e meninas, para o alcance da igualdade de gênero sem discriminação.

O documento referência da Estratégia de Montevidéu compreende 74 medidas nos dez eixos de implementação da Agenda Regional de Gênero no âmbito do desenvolvimento sustentável até 2030 (17 ODS). O termo empoderamento aparece destacado quatro vezes, mais especificamente em contextos relativos aos meios de implementação (ODS 5) e igualdade de gênero. Duas vezes o termo aparece fazendo referência conforme documentos norteadores da ONU. Uma vez ele é citado considerando que o empoderamento de mulheres e meninas contribuirá para o progresso em todas as demais metas, enquanto que, na sequência, não deixa especificado de que forma seriam realizadas, de fato tais metas, deixando os governos livres para tomarem as medidas de acordo com suas potencialidades.

Ainda, o referido documento joga para a iniciativa privada a responsabilidade para o êxito dos objetivos propostos. É visível a mão do Estado mínimo de direito na sua função na proposição, execução de meios, estratégias e políticas sociais e de segurança pública para que realmente os direitos das mulheres saiam do papel para acontecer de fato. Da maneira como está disposto do documento, o termo empoderamento é mais informativo do que um compromisso efetivo dos governos apanharem para si a responsabilidade para erradicar a discriminação contra mulheres, combater a desigualdade de gênero e promover a garantia do pleno exercício da autonomia e dos direitos humanos das mulheres.

Pode-se dizer que, nos documentos em que o termo empoderamento apareceu linkado, ele tem significado genérico, é pouco sistematizado. Em nenhum momento percebe-se uma identificação clara de qual ação deveria ser colocada em prática para que o objetivo de empoderar estivesse sendo efetivado. Algumas vezes, ele aparece como um sentimento. Avaliando a forma como foi aplicado nas frases, ele é diferente de autonomia e está dentro dos direitos humanos. “Também é necessária a contribuição do setor privado, especialmente o setor empresarial, através de sua atuação em conformidade com os padrões de direitos humanos das mulheres e as normas trabalhistas, ambientais, tributárias e de transparência, assim como a promoção da igualdade de gênero, autonomia e empoderamento das mulheres”. (ONU MULHER, 2020, p. 15).

O termo empoderamento não está explícito, contudo aparece ligado diretamente ao vocábulo poder e ao Objetivo de Desenvolvimento do Milênio, no documento referência sobre a luta das mulheres por igualdade de oportunidade (La Rampa Del género Mujeres, Violencia y Pobreza), publicado em 2009 pela (EDAI) Anistia Internacional, o empoderamento das mulheres está verticalmente ligado à ausência de oportunidades e, conseqüentemente, à pobreza, à marginalização e à discriminação de gênero. Não há “poder” para as mulheres sem mudanças na estrutura política e inclusiva da sociedade: - *“Una cosa es cierta: la igualdad y el disfrute de los derechos sólo pueden alcanzarse cuando las mujeres participan activamente en*

*los procesos políticos y cuando se escucha su voz*<sup>21</sup> (EDAI, 2009, p. 41). Ainda, o termo está ausente nos dois tratados internacionais fundantes e representativos na luta pela igualdade de gênero, que são: CEDAW, o Decreto N° 4.377 de 13/09/2002 e no documento brasileiro de referência para o combate à violência contra a mulher: Convenção de Belém adotada em convenção realizada em Belém do Pará no Brasil, em 9 de junho de 1994.

A Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres (CEDAW) foi adotada pela Assembleia Geral em 18 de dezembro de 1979, e entrou em vigor em 3 de setembro de 1981. Promulgada no Brasil pelo Decreto n° 4.377, apenas em 13 de setembro de 2002<sup>22</sup>. A CEDAW deriva de DAWN apresenta em seus 30 capítulos que “lei de direitos das mulheres” é uma pedra fundamental de todos os programas da ONU Mulheres<sup>23</sup>.

Na sequência, da mesma forma em que empoderamento não aparece do documento resultante Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher “Convenção de Belém do Pará” (1994)<sup>24</sup>. Criada pelo Decreto n° 1.973, de 1, ° de agosto de 1996, este que é um marco brasileiro nas lutas por igualdade de gênero e abomina a violência em todas as circunstâncias. “Convencidos de que a eliminação da violência contra a mulher é condição indispensável para seu desenvolvimento individual e social e sua plena e igualitária participação com todas as esferas de vida” (Decreto n° 1.973, de 1, ° de agosto de 1996).

E por conseguinte, o termo empoderamento também não esteve presente na Resolução 1325 do Conselho de Segurança da ONU sobre Mulheres, Paz e Segurança (2000), o texto reconhece que as mulheres sofrem de forma diferente os impactos de guerra, e reafirmou a

---

<sup>21</sup> "Uma coisa é certa: a igualdade e o gozo de direitos só podem ser alcançados quando as mulheres participam ativamente de processos políticos e quando suas vozes são ouvidas". Tradução nossa.

<sup>22</sup> Para mais informações acesse o link Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/2002/D4377.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2002/D4377.htm). Acesso em: 24 abril 2020.

<sup>23</sup> Para mais informações acessar: <https://nacoesunidas.org/agencia/onumulheres/>. Acesso em: 24 abril 2020.

<sup>24</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1996/D1973.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1996/D1973.htm). Acesso em: 24 abril 2020.

necessidade de reforçar o papel das mulheres na tomada de decisão com relação à prevenção e resolução de conflitos armados e os desastres naturais visto que eles têm consequências devastadoras, inclusive no agravamento das disparidades entre mulheres e homens

Para Moraes (2018), é necessário considerar a conjuntura econômica e social vigente e buscar novas formas de organização e intervenção na realidade posta. A autora destaca, ainda, a necessidade de levar em consideração a educação popular crítica de Freire, como meio de fortalecimento popular, subversivo, na perspectiva revolucionária, que questione, articule, e seja libertador.

Mediante o exposto, a construção do empoderamento feminino, se dará pela mobilização, união e proposição de todos para o rompimento das barreiras históricas de desigualdade social e de gênero, para a promoção ao acesso e a inclusão feminina a todos os meios dignos de vida, seja pelo trabalho, pela política ou pela educação, em igualdade de condições com os homens.

### 3 O CONTEXTO HISTÓRICO DOS PROGRAMAS VOLTADOS ÀS MULHERES NO IFSC

O Programa Mulheres Sim não surgiu no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina- IFSC com essa nomenclatura e formato. A proposta, em sua origem, foi um projeto de extensão que teve seu início em 2005, a partir de uma parceria entre o Instituto Federal do Rio Grande do Norte (IFRN), na época Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica (Cefet), e os *colleges* canadenses.

[...] lá [no IFRN] foi realizado um projeto de extensão que ofereceu capacitação para camareira. O resultado foi tão impactante que o Canadá, por meio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) e da Associação dos Colleges Comunitários Canadenses, e o Brasil, por intermédio da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (Setec) e da Agência Brasileira de Cooperação (ABC/MRE), resolveram construir um projeto para ampliar a ação para outros estados. Assim nasceu o Mulheres Mil, que, além do Rio Grande do Norte, foi estendido para mais 12 instituições. (ROSA, 2011, p. 07).

É importante ressaltar o momento político em trânsito no Brasil durante o percurso de desenvolvimento, desde 2005 enquanto projeto piloto de capacitação para camareiras, e a implantação do Programa Mulheres Mil em nível nacional. Desde 2003 até 2014 o Brasil esteve representado por um governo com ideal democrático de esquerda, Lula entre 2003 e 2011, na sequência a presidenta Dilma até agosto de 2014.

Ainda em 2007, dois anos após o projeto piloto no cefet do Rio Grande do Norte, foi criado o programa piloto Mulheres Mil, pela Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica do Ministério da Educação (Setec/MEC). Os institutos federais que ofertaram as primeiras turmas e foram operacionalizadores do programa em sua fase inicial, doze estados do norte e nordeste brasileiro.

O Mulheres Mil está inserido no conjunto de prioridades das políticas públicas do Governo do Brasil, especialmente nos eixos promoção da equidade, igualdade entre sexos, combate à violência contra mulher e acesso à educação. O programa também

contribuiu para o alcance das Metas do Milênio, promulgada pela ONU em 2000 e aprovada por 191 países. Entre as metas estabelecidas estão a erradicação da extrema pobreza e da fome, promoção da igualdade entre os sexos e autonomia das mulheres e garantia da sustentabilidade ambiental. Integrado a essas prioridades, o Mulheres Mil tem como objetivo promover até 2010 a formação profissional e tecnológica de cerca de mil mulheres desfavorecidas das regiões Nordeste e Norte. A meta é garantir o acesso à educação profissional e à elevação da escolaridade, de acordo com as necessidades educacionais de cada comunidade e a vocação econômica das regiões. Estruturado em três eixos - educação, cidadania e desenvolvimento sustentável - o programa possibilitará a inclusão social, por meio da oferta de formação focada na autonomia e na criação de alternativas para a inserção no mundo do trabalho, para que essas mulheres consigam melhorar a qualidade de suas vidas e das de suas comunidades. (BRASIL, 2008).

O Mulheres Mil que teve êxito e despertou o interesse do governo federal para a implantação em todo o território brasileiro. Patrícia Barcelos, servidora do MEC entre 2005 e 2015, em sua gestão como diretora de articulação de projetos especiais do MEC, teve grande importância na articulação para que o programa fizesse parte da rede federal de educação e fosse ofertado em todos os estados brasileiros, inclusive no IFSC a partir de 2011. Segundo Rosa (2011) Patrícia afirmou que: “todas as unidades da rede federal, até o final do mandato da presidente Dilma Rousseff, vão ter um núcleo do Mulheres Mil, e nós vamos chegar a 100 mil mulheres até 2014. É uma meta arrojada, é uma meta que reflete o posicionamento da nossa presidente de fazer um trabalho com pessoas que estão na linha da pobreza, nas quais acredita e aposta” (ROSA, 2011, P. 08).

A Educação Profissional e Tecnológica tem pelo menos duas dimensões importantes, que são a dimensão da inclusão e também a da emancipação, na medida em que não apenas inclui a pessoa numa sociedade desigual, o que é insuficiente, mas lhe dá as ferramentas necessárias para que ela construa o seu itinerário de vida e possa se emancipar e se constituir como cidadã. O Projeto Mulheres Mil tem uma dimensão extremamente importante para nós, porque simboliza e registra, de certa forma, os nossos compromissos políticos e sociais como dirigentes e coordenadores da educação profissional no nosso país. [ ]. Por isso esse projeto tem um simbolismo enorme dentro da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Foi um aprendizado extraordinário, não só no sentido de estabelecermos os desdobramentos desse projeto, mas no sentido de nos abrir caminhos e ensinamentos para que as lições desse projeto possam ser disseminadas para o conjunto das atividades da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, porque são lições que dizem respeito a conceitos e princípios que devem nortear a educação profissional e tecnológica sob a ótica do governo brasileiro (ROSA, 2011, p. 05).

O compromisso assumido com a expansão do atendimento através do programa Mulheres Mil às mulheres em todo território brasileiro pela MEC/Setec, representou um

compromisso do atual governo de esquerda com uma educação inclusiva e interiorizada, pelos IFs, que fosse também emancipatória, “embora seja um avanço tirá-las da marginalidade social absurda, nós não podemos nos contentar com a inclusão, nós temos que trabalhar pela emancipação dessas pessoas” (ROSA, 2011, p. 05).

O programa passou a ser ofertado em todo o Brasil, pela Portaria nº 1.015 de 21 de julho de 2011 do MEC, como parte do “plano Brasil Sem Miséria” do Governo Federal brasileiro e foi implementado, prioritariamente, pelas instituições públicas dos sistemas de ensino federais, estaduais e municipais, com participação das entidades privadas nacionais de serviço social, aprendizagem e formação profissional vinculadas ao sistema sindical (“Sistema S”)<sup>25</sup>. As ofertas de entidades privadas sem fins lucrativos ocorreram quando comprovada experiência em Educação Profissional e Tecnológica, conforme disposto na referida normativa constitucional, que trazia também as diretrizes a serem seguidas e que nortearam as ações do programa em nível nacional.

Art. 2º O Programa Mulheres Mil constitui uma das ações do Plano Brasil Sem Miséria e terá como principais diretrizes: I – Possibilitar o acesso à educação; II – Contribuir para a redução de desigualdades sociais e econômicas de mulheres; III – Promover a inclusão social; IV – Defender a igualdade de gênero; V – Combater a violência contra a mulher; Art. 3º O Programa Mulheres Mil deverá ser ofertado por instituições de educação profissional e tecnológica, permitindo-se a parceria com instituições de ensino regular. Fonte MEC. (BRASIL, 2011 - grifos no original).

Seguindo essas diretrizes, o programa Mulheres Mil foi expandido e se interiorizou através dos IF’s e dos “Sistema S”. Contudo, pela exigência do Pronatec<sup>26</sup> para que os alunos

---

<sup>25</sup> Fazem parte do sistema S: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai); Serviço Social do Comércio (Sesc); Serviço Social da Indústria (Sesi); e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (Senac). Existem ainda os seguintes: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar); Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (Sescoop); e Serviço Social de Transporte (Sest). Fonte: senado notícias.gov.br.

<sup>26</sup> Criado em 2011 pelo Ministério da Educação (MEC), o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) é mais uma ferramenta de acesso educacional destinada aos estudantes e também aos trabalhadores brasileiros que visam alcançar grandes oportunidades na vida profissional. O programa tem como

tivessem escolarização mínima para ingresso nos cursos, muitas mulheres ficaram à margem. O IFSC institucionalizou o programa Mulheres Mil no mesmo formato e com os mesmos objetivos, sob a nomenclatura de programa Mulheres Sim. Essa nomenclatura foi escolhida pelos gestores à época para representar uma proposta de trabalho afirmativa para atender as mulheres em vulnerabilidade social excluídas dos meios de educação e profissionalização.

### 3.1 DO PROGRAMA MULHERES MIL AO MULHERES SIM NO IFSC

De acordo com os princípios norteadores do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina - IFSC, definidos no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI 2015-2019 (IFSC, 2017), o Mulheres Sim se caracteriza como um programa de extensão<sup>27</sup> vinculado à Pró-reitora de Extensão e Relações Externas - PROEX<sup>28</sup>, que busca a valorização da mulher e fomentar o acesso a direitos básicos. “O programa é destinado a mulheres e meninas a partir dos 15 anos de idade que se encontram em vulnerabilidade social e preferencialmente sem ou com baixa escolaridade” (IFSC, 2019b, p. 2).

---

finalidade expandir e democratizar o ingresso dos jovens e adultos de baixa renda a uma educação técnica de qualidade, por meio da oferta de cursos de educação profissional e tecnológica gratuitos. (MEC).

<sup>27</sup> Um programa de extensão reúne diversas atividades e seleciona uma temática de pertinência social lançando continuamente estratégias de enfrentamento e transformação. Já os projetos, podem ou não compor um programa e têm objetivo menos complexo, cronograma claro e metas definidas para o período de execução. As ações são ferramentas dentro de um projeto para que ele se efetive *in loco*. (IFSC, 2018).

<sup>28</sup> A Pró-reitora de Extensão e Relações Externas (Proex) é responsável por planejar, desenvolver, controlar e avaliar as políticas de extensão, de integração e de intercâmbio do IFSC com o setor produtivo e a sociedade em geral e coordenar os processos de divulgação e de comunicação institucional. (IFSC, 2018).

Para Michels (2018, p. 68), o Programa Mulheres Sim foi criado para atender a uma demanda reprimida de mulheres sem escolarização, proporcionando a inclusão no programa de educação e qualificação profissional.

[...] pela experiência de implementação, execução e análises do perfil das alunas do Programa Mulheres Mil no IFSC nos anos de 2011 a 2013, observou-se que muitas mulheres poderiam ser excluídas da oferta via Pronatec em função do perfil de baixa escolaridade que apresentam, cerca de 50% das alunas não tinham o ensino fundamental completo, ocasionando uma demanda reprimida, impossibilitando o acesso à Educação. (MICHELS, 2018, p. 15).

O Programa Mulheres Sim no IFSC faz parte das iniciativas sociais desenvolvidas pela instituição que visam atender às agendas emergenciais do país, em estreito alinhamento aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS):

Em setembro de 2015, líderes mundiais reuniram-se na sede da ONU, em Nova York, e decidiram um plano de ação para erradicar a pobreza, proteger o planeta e garantir que as pessoas alcancem a paz e a prosperidade: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, a qual contém o conjunto de 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). 1-Eradicar a pobreza, 2-Eradicar a fome, 3-Saúde de qualidade, 4-Educação de qualidade, 5-Igualdade de gênero, 6- Água potável e saneamento, 7- Energias renováveis e acessíveis, 8-Trabalho digno e crescimento econômico, 9-Indústria, inovação e infraestrutura, 10-Reduzir as desigualdades, 11-Cidades e comunidades sustentáveis, 12-Produção e consumo sustentáveis, 13-Ação climática, 14-Proteger a vida marinha, 15-Proteger a vida terrestre, 16-Paz, justiça e instituições eficazes, 17-Parcerias para a implementação dos objetivos. (ONU, 2019).

As ações são pautadas em intervenções em prol do enfrentamento dessas agendas emergenciais do país, como o fim da pobreza e da fome, igualdade de gênero, promoção da saúde, proteção ao meio ambiente, educação inclusiva, entre outros. Esses são objetivos que aparecem como requisitos de seleção nos editais publicados pela PROEX para seleção de planos de trabalho a serem desenvolvidos nos campi para atender as comunidades locais através do Mulheres Sim. Os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), programas e projetos

norteiam e determinam o foco de investimento em programas e projetos do IFSC para a comunidade externa (IFSC, 2019b).

O programa Mulheres Sim teve sua primeira edição em 2014 e faz parte do rol de programas, projetos e ações da PROEX que são normatizados pela Resolução CONSUP nº 20/2013 e nº 14/2014. Em 12 de dezembro de 2016, a Resolução CONSUP nº 61 passou a fazer a Regulamentação das Atividades de Extensão no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina. Definindo extensão como:

Art. 1º A extensão é entendida como um processo educativo, cultural, político, social, científico e tecnológico que promove a interação dialógica e transformadora entre o IFSC e a sociedade de forma indissociável ao ensino e à pesquisa. Art. 2º Enquanto processo, a extensão compreende um conjunto de atividades em que o IFSC promove a articulação entre os saberes com base no mapeamento das potencialidades de desenvolvimento. Art. 3º As atividades de extensão são aquelas relacionadas ao compartilhamento mútuo de conhecimento produzido, desenvolvido ou instalado no âmbito da instituição e estendido à comunidade externa. (IFSC, 2016).

O mesmo documento orienta as ações do IFSC para com a comunidade externa e tem como objetivos:

I) constituir-se enquanto espaço possível à troca de saberes, conhecimentos e experiências; II) promover interação dialógica entre a sociedade, os servidores e os discentes; III) integrar o ensino e a pesquisa às demandas da sociedade; IV) construir soluções atreladas às demandas da sociedade; V) colaborar com a formação integral do cidadão para além da prática acadêmica, desenvolvendo principalmente consciência social, artística, cultural, ambiental e política; VI) auxiliar no desenvolvimento regional sustentável em todas as suas dimensões; VII) articular políticas que oportunizem o acesso à educação estabelecendo mecanismos de inclusão; VIII) promover a autorreflexão institucional possibilitando revisão das práticas formativas. (IFSC, 2016).

Os princípios são promover o impacto e a transformação social a partir da educação; fomentar o desenvolvimento integral do discente, fazendo a aproximação contínua dos extensionistas com o mundo do trabalho e utilizando-se, para isso, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, a fim de alcançar a inserção socioprofissional do discente; visa

também, contribuir com a responsabilidade socioambiental dos extensionistas; desenvolver a interdisciplinaridade nas ações internas e, através de mecanismos de inclusão, contribuir para a superação das desigualdades sociais através do desenvolvimento regional das cidades onde os câmpus estão instalados, (IFSC, 2016). É preciso lembrar, também, que esse é um dos objetivos da interiorização dos institutos federais, conforme avalia Frigotto (2018, p. 148):

Cabe ressaltar, todavia, que o balanço de pontos positivos da expansão, com a inclusão de milhares de jovens nessas instituições, pela geração de centenas de empregos qualificados e pela mudança que a interiorização impacta em todos os níveis, econômico, cultural e político, nas pequenas e médias cidades, é muito maior que os problemas. Ressaltamos a inclusão de quilombolas, índios e alunos provenientes de estratos populares que jamais teriam ingressado num ensino médio de qualidade e possibilidade de ensino superior sem a criação, expansão e interiorização dos IF's.

O IFSC câmpus de São Miguel do Oeste desde o primeiro ano de atividades ofertou programas para o atendimento de mulheres em vulnerabilidade social. Foi um dos que participou da implantação do Mulheres Mil na instituição, em 2011. Em 2012, o programa ofertado no câmpus foi via SETEC - MEC inserido no Plano Brasil sem Miséria; em 2013 o Mulheres Mil passou a ser ofertado através de cursos via Pronatec.

### 32 MULHERES SIM NO IFSC, UM PROGRAMA INSTITUCIONAL

Concomitantemente ao Mulheres Mil do PRONATEC, em 2014 o IFSC paralelamente articulou o programa Mulheres Sim, nos mesmos moldes do Mulheres Mil, desenvolvido pela PROEX com edital próprio. Em maio de 2014, a PROEX lançou o primeiro edital N° 17/2014/PROEX para recepção e seleção daqueles câmpus que tivessem interesse em ofertar o projeto piloto do programa Mulheres Sim, para as suas comunidades locais.

O público-alvo do programa são mulheres em vulnerabilidade social com 15 anos ou mais<sup>29</sup>, prioritariamente sem escolaridade (ensino fundamental I) e moradoras de comunidades com baixo IDH. O Mulheres Sim é uma ferramenta de política social pública de inclusão das mulheres, conforme disposto no preâmbulo do edital e destacam-se a erradicação da pobreza, o combate à violência contra as mulheres, o desenvolvimento da autonomia feminina, dentre outros.

1 Do Preâmbulo 1.1 O Programa Mulheres SIM fomenta a execução de políticas sociais públicas de promoção da inclusão da mulher nas dimensões educacional, econômica, social e cultural. Busca subsidiar o desenvolvimento da autonomia política, da erradicação da extrema pobreza, do combate à violência, da consolidação da cidadania feminina e do desenvolvimento sustentável, em consonância com a Missão do Planejamento Estratégico do IFSC e diretrizes de outros órgãos de assistência social, saúde, segurança e movimentos de geração de renda. (PROEX, Nº 17/2014).

O programa é também uma política educacional que atende aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Plano de Desenvolvimento Institucional IFSC 2015-2019. O edital tinha como objetivos:

1 Fomentar atividades de extensão no IFSC através da promoção do Programa Mulheres Sim, que visem o desenvolvimento educacional, social e econômico de mulheres em situação de vulnerabilidade social, a serem desenvolvidas de agosto de 2014 a dezembro de 2014. 2.2 Consolidar e institucionalizar as atividades de Extensão no âmbito do gênero, de equidade e de inclusão, que contribuam para o alcance dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio. 2.3 Contribuir para a formação cidadã e crítica, valorização dos sujeitos de direitos, visando elevação da autoestima e autonomia das alunas. 2.4 Motivar a continuidade dos estudos e elevação de escolaridade das alunas, através da criação de itinerário formativo próprio. 2.5 Fomentar atividades empreendedoras, de associativismo e cooperativismo solidário. 2.6 Estimular a produção, desenvolvimento e difusão de conhecimentos científicos, tecnológicos, culturais, artísticos e desportivos.

---

<sup>29</sup> Nas edições dos editais da PROEX para o Mulheres Sim, após 2014, a idade das alunas passou de 18 para a partir de 15 anos.

O edital previa que os coordenadores locais receberiam uma bolsa de R\$ 600,00 pelo período de cinco meses e os alunos extensionistas uma bolsa de R\$ 400,00 pelo mesmo período. As alunas foram contempladas com três parcelas de R\$100,00 através do edital PAEVS/Assistência Estudantil N° 003/2014. As metas a serem alcançadas pela instituição neste projeto piloto eram:

Ofertar 210 vagas para mulheres acima de 18 anos, em situação de vulnerabilidade social para o Programa Mulheres Sim no IFSC, com 30 alunas cada turma. 7.2 Implementar o Programa Mulheres Sim em 07 câmpus do IFSC no segundo semestre de 2014. 7.3 Oferecer auxílio financeiro no valor de R\$100,00 para as mulheres durante o período de realização do curso, limitados a 3 (três) meses. 7.4 Capacitar o coordenador do Programa para consolidação do curso a ser oferecido. 7.5 Realizar Feiras de Economia Solidária. 7.6 Contribuir para o alcance dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. (IFSC, 2014).

Essas metas dispostas no edital N° 17/2014/PROEX propunham a diminuição da pobreza e o incentivo aos estudos através do apoio financeiro às mulheres, da observância às Diretrizes Nacionais do Plano Nacional de Políticas para Mulheres 2013 – 2015, fortalecendo assim as ações institucionais que contemplem ao terceiro do Objetivo do Desenvolvimento do Milênio (Igualdade entre os sexos e valorização da mulher).

Através do programa Mulheres Sim da PROEX a instituição buscou atender as mulheres de vários locais do estado, através dos projetos pilotos que os câmpus implementaram, após terem seus planos de trabalho aprovados. Para a seleção das propostas dos câmpus, o edital N° 17/2014/PROEX apresentou quatro critérios com as seguintes pontuações.

Quadro 1 - Critérios de avaliação dos editais PROEX Mulheres Sim

Critério	Pontuação
Oferta do Programa Mulheres Mil em 2013	40 pontos
Apresentação do Plano de Trabalho e Projeto da Feira de Economia Solidária completo.	30 pontos
Indicação de servidor para ser coordenador do Programa Mulheres Sim, com experiência no Programa Mulheres Mil, e/ou Gênero e Diversidade, e/ou Grupos Vulneráveis – com documentação comprobatória	20 pontos
Projeto de Extensão Feira de Economia Solidária coordenado por servidor com Capacitação em Economia Solidária - com documentação comprobatória	10 pontos

Fonte: Fonte: PROEX N° 17/2014 Edital Programa Mulheres Sim-intranet IFSC

O edital de 2014 apresentou um cronograma e um rito para a implementação das propostas dos câmpus. Salienta-se que esses se mantêm nos editais de seleção de propostas dos câmpus ainda em 2020, com pequenas adequações ao longo dos anos.

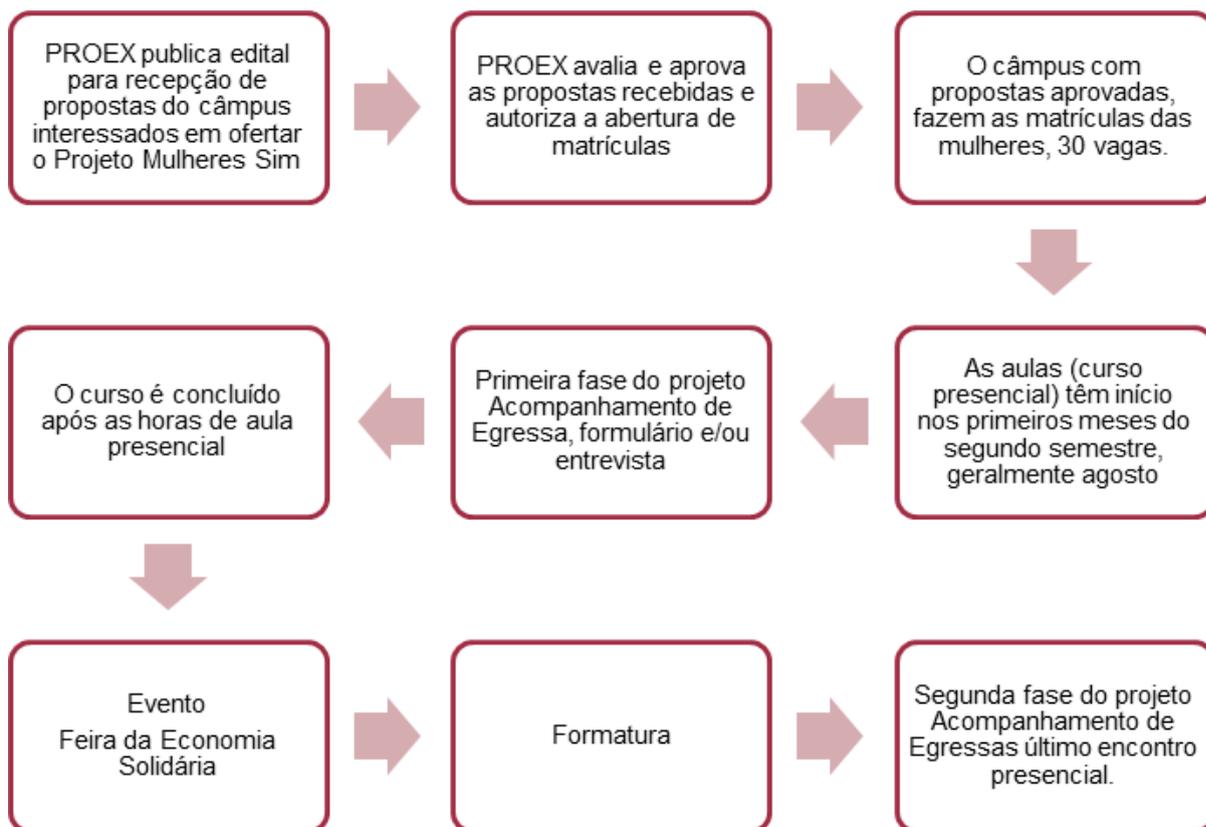
Quadro 2 – Cronograma do Edital PROEX Mulheres Sim

Cronograma para a implementação do Mulheres Sim e dos projetos pilotos nos câmpus	
Inscrições	30 de abril a 30 de maio de 2014
Resultados	06 de junho de 2014
Início do Curso Educação e Gênero	Agosto de 2014
Conclusão do Curso Educação e Gênero	Outubro de 2014
Realização da Feira de Economia Solidária	Outubro, Novembro ou Dezembro de 2014
Execução do Projeto Avaliação das Egressas	Setembro a Dezembro de 2014
Entrega do Relatório Final	Até 20 de Dezembro de 2014
Execução orçamentária	2014

Fonte: Fonte: PROEX N° 17/2014 Edital Programa Mulheres Sim-intranet IFSC

Abaixo um gráfico mostra o rito do processo do programa Mulheres Sim desde o lançamento do edital pelo PROEX no primeiro semestre de cada ano até o último encontro presencial das alunas.

Quadro 3 - Rito para desenvolvimento do Programa Mulheres Sim



Fonte: Elaborado pela autora.

Mesmo com essas normatizações, as propostas dos câmpus quando aprovadas pelo edital de seleção PROEX, devem adotar arranjos que levem em consideração o público-alvo a ser atendido em sua localidade, de acordo com suas especificidades, como: mulheres agricultoras, mulheres em instituições prisionais, mulheres imigrantes, usuárias do CRAS, etc.

O câmpus de São Miguel do Oeste encaminhou em 29 de maio de 2014 o Plano de Trabalho<sup>30</sup> para participar do primeiro edital da PROEX, 2014, e foi selecionado para oferta de trinta vagas, juntamente com mais seis câmpus que implementaram os planos de trabalho em suas unidades: Canoinhas, Criciúma, Gaspar, Itajaí, Lages, e São Miguel do Oeste, esses tiveram suas aulas inaugurais com as primeiras turmas do programa Mulheres Sim em agosto de 2014.

### 3.2. 1 As ofertas do Mulheres Sim no IFSC-São Miguel do Oeste

O câmpus IFSC de São Miguel do Oeste, ofertou em 2014 simultaneamente a primeira turma do Mulheres Sim e a turma do Mulheres Mil via PRONATEC. Alguns cursos foram ofertados concomitantemente, inclusive em cidades vizinhas a São Miguel do Oeste, de modo a atender a um número maior de mulheres de toda a microrregião do extremoeste. Contudo, tratar-se-á exclusivamente do programa Mulheres Sim. Na sequência, este trabalho contempla informações específicas sobre os dois PPCs que são utilizados pelo Mulheres Sim desde 2014 até 2019, intercalados anualmente conforme verifica-se na planilha que segue.

Quadro 4 - Ofertas do Mulheres Sim no câmpus de SMO

PPCs ofertados, alternadamente, no câmpus de SMO	
Educação e Gênero	Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino
2014 e 2018	2015, 2017 e 2019

Fonte: Elaborado pela autora.

---

<sup>30</sup> O plano de trabalho é composto por três projetos: Curso De Extensão Educação e Gênero Com 80 Horas para 2014 e 96 horas aula para 2018, Projeto De Extensão Feira Da Economia Solidária E Projeto De Extensão Avaliação E Acompanhamento Das Egressas Do Curso Educação E Gênero-programa Mulheres Sim.

### 33 ESPECIFICIDADES DOS DOIS PPCS UTILIZADOS NAS OFERTAS DO MULHERES SIM EM SMO

Os planos de trabalho/proposta encaminhadas pelos câmpus para concorrer aos editais da PROEX devem conter sempre um curso, mais um projeto de extensão (ciclo de palestras e acompanhamento de egressas) e um projeto de extensão denominado evento (feira da economia solidária), esses devem ser ofertados no início do segundo semestre de cada ano, iniciando pelo curso com uma aula inaugural e aulas presenciais divididas em unidades curriculares.

Tanto um PPC quanto o outro oferecem disciplinas curriculares que compõem a matriz do programa. Conforme visualiza-se no gráfico nº 01.

Gráfico 1- Horas aula de cada unidade curricular nos dois PPCs



Fonte: Elaborado pela autora, a partir dos PPCs.

Os dois PPCs têm unidades curriculares diferentes, mas que são complementares, a quantidade de horas de cada UC está descrita dentro de cada aba do gráfico. Destaca-se a unidade curricular de geração de renda no curso de Educação e Gênero com 24% da carga horária, e desenvolvimento de produtos, no PPC de Geração de Renda com 40 % da carga horária, essas são as unidades curriculares com mais horas aula em cada PPC.

### 3.3.1 Projeto Pedagógico de Curso – FIC Curso de Extensão Educação e Gênero

As ofertas do programa Mulheres Sim executados no câmpus IFSC-São Miguel do Oeste em 2014 e 2018 utilizaram o PPC Educação e Gênero, constituindo-se em três partes: “Curso de Extensão - Educação e Gênero”, “Projeto De Extensão - Evento - Feira da Economia Solidária” e o “Projeto de Extensão - Avaliação e Acompanhamento das Egressas com visita técnica” - Mulheres Sim” (IFSC, 2019).

No programa desenvolvido em 2014, o PPC Educação e Gênero dispunha de 80 horas aulas, enquanto que a turma de 2018, já utilizou o novo PPC aprovado pelo DEPE-IFSC, com 96 horas aula.

O curso Educação e Gênero visa motivar a autonomia e a geração de renda envolvendo temas como: conhecimento histórico-cultural, saúde da mulher e da família, ética e cidadania, linguagens, informática, desenvolvimento social e sustentável, vivência matemática e geração de renda.

Segundo o PPC de “Educação e Gênero” as unidades curriculares são interdisciplinares e desenvolvidas de acordo com a condição de instrução e a problemática do público envolvido. As atividades em sala de aula realizadas são dinâmicas, expositivas, dialogadas, com estudos dirigidos e apresentações. Visitas técnicas/pedagógicas, práticas laboratoriais, levantamento de problemas e dinâmicas de resolução de problemas complementam o processo. (PPC, IFSC, 2014).

Os objetivos do PPC visam:

Proporcionar a construção de conhecimentos que auxiliem as alunas no exercício da cidadania, na melhoria de sua qualidade de vida sua e de sua família, e que contribuam para geração de renda, a partir do desenvolvimento de atividades embasadas no saber já adquirido, abordando temas contextualizados e de impacto direto no seu dia a dia. Objetivos Específicos · Estimular a inclusão educacional, produtiva e social de mulheres em situação de vulnerabilidade social; · Contribuir para elevação da autoestima, autonomia, e empoderamento; · Instruir os participantes sobre autocuidado e a saúde; · Incluir as alunas no mundo digital. · Capacitar as alunas para a confecção de produtos artesanais, levando em conta o cálculo de custos de produção e preço final, aspectos estéticos, ergonômicos e de saúde; · Habilitar os participantes a promover o reaproveitamento e a reciclagem de resíduos domésticos; · Articular

mecanismos e conexões para a inserção das egressas no mundo do trabalho, estimulando o empreendedorismo, as formas associativas e solidárias e a empregabilidade. (PPC, IFSC, 2014).

As unidades curriculares devem proporcionar o desenvolvimento das seguintes competências às egressas:

Gerir de forma adequada o ambiente doméstico no que se refere aos aspectos financeiros, de saúde, de nutrição e ambientais. · Atuar, na família e na sociedade, como agente de fomento às boas práticas de saúde, higiene, nutrição e bem-estar físico e mental. · Exercitar o pensamento crítico. · Identificar os componentes básicos de um computador e os meios de armazenamento de dados, navegar na internet, comunicar-se através de softwares de mensagem instantânea, e-mail e redes sociais. · Gerar renda, através da elaboração de produtos que condizem com sua realidade, interesse e necessidade. (PPC, IFSC, 2014).

Ainda rege o PPC que diante da formatura do curso as egressas deveriam estar aptas para contribuir com suas famílias apoiadas em conceitos e práticas de saúde, cidadania, educação, política e direitos. Poderão a partir dos conceitos de geração de renda formar grupos organizados para produzir e desenvolver produtos artesanais, ou ainda, buscar a continuidade dos estudos, dando sequência a um itinerário formativo educacional e profissional. O gráfico que segue apresenta a estrutura curricular do curso de extensão Educação e Gênero, com as unidades curriculares e as respectivas cargas horárias.

Quadro 5- Estrutura curricular do curso de Extensão Educação e Gênero.

CURSO /CARGA HORÁRIA TOTAL	UNIDADE CURRICULAR	CARGA HORÁRIA
Educação e Gênero (96 h)	Conhecimento histórico- cultural	10h
	Desenvolvimento social e sustentável	08h
	Ética e cidadania	08h
	Geração de renda	24h
	Informática	14h
	Linguagens	10h
	Saúde da mulher e da família	14h
	Vivência matemática	08h

Fonte: Elaborado pela autora.

A carga horária de informática no PPC de Educação e Gênero é o dobro do que no PPC Geração de Renda, mesmo assim, as egressas destacaram em suas entrevistas que não é suficiente para que elas consigam aprender tudo que gostariam sobre o assunto.

Percebe-se que o curso poderia ter mais horas a fim de aprofundar mais as estratégias pedagógicas e tempo experiencial de “Desenvolvimento de produtos” / feira da economia solidária, para se poder refletir de forma aprofundada sobre os objetivos específicos, tal como “acesso ao mundo do trabalho e na geração de renda das egressas”. Na sequência apresentar-se-á o PPC do curso Geração de Renda.

### **3.3.2 Projeto Pedagógico do Curso – FIC de Extensão Curso de Extensão Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino**

O curso Geração de Renda foi ofertado no câmpus de SMO em 2015, 2017 e 2019. O foco está na ampliação de renda e com foco específico em conhecimentos tecnológicos que valorizem os produtos já desenvolvidos ou em desenvolvimento, agregando valor e conseqüentemente ampliação de renda. O PPC foi oferecido paralelamente, oportunizando que os câmpus escolhessem dentre os dois PPCs que pretendiam desenvolver em suas unidades:

[ ] ampliando assim o público estratégico como também compromete a instituição em estimular o associativismo, a criação de fundos solidários, a disponibilizar oportunidades de negócios, melhorar a qualidade e a comercialização dos produtos, o desenvolvimento de novos produtos, a inclusão digital, uso das mídias sociais, o acesso aos serviços da tecnologia e do design, e o estímulo a iniciativas de criação, gestão, manutenção e expansão do negócio. (IFSC, PPC, 2015, p. 03).

Tem como objetivos estimular a produção e a ampliação de renda para mulheres acima de 15 anos, em situação de vulnerabilidade social, possibilitando acesso à educação e tecnologia. As competências gerais visam desenvolver produtos comercializáveis a partir de suas habilidades manuais, assim como utilizar ferramentas tecnológicas para otimizar a produção e qualificar o produto, agregando assim valor ao mesmo e ampliando a sua comercialização. As egressas do curso poderiam atuar em várias áreas como: em empreendimentos de economia solidária, feiras de economia solidária, como profissionais autônomas, em cooperativas e associações, além de feiras e eventos.

O PPC rege também sobre a avaliação do processo de ensino e aprendizagem, aplicando a metodologia intitulada Avaliação e Reconhecimento de Aprendizagem Prévia- ARAP, que fez parte desde a implantação do Mulheres Mil, considerando os conhecimentos prévios das alunas como parte do processo de desenvolvimento do conhecimento e das competências.

A avaliação do curso, de forma geral, assume um caráter formativo e sintonizado com as demandas de cada turma específica, levando em conta suas características e particularidades. A avaliação será baseada nas competências, considerando o aluno como um todo, seu crescimento e desenvolvimento durante o decurso. Para tanto, não serão utilizados métodos somáticos, mas sim uma avaliação diagnóstica e formativa, que se preocupar com o estágio inicial de conhecimentos do aluno, seu desenvolvimento durante o percurso, sua percepção quanto ao seu próprio “caminhar”. (IFSC, PPC, 2015, p. 09).

Quanto à metodologia o PPC orienta que os trabalhos devem ser interdisciplinares para dar conta, principalmente, da permanência e êxito das alunas, considerando sempre o perfil das egressas, além de fazer a utilização eficaz dos recursos do projeto quando da sua aplicação. Os PPCs discorrem que as unidades curriculares devem ser trabalhadas de forma interdisciplinares e transdisciplinar, desenvolvidas de acordo com a condição de instrução e a problemática do público envolvido, deve-se considerar a singularidade do público feminino, mulheres em vulnerabilidade social.

O fazer pedagógico se dá através do enfoque teórico-prático com atividades em sala de aula realizadas com base em aulas expositivo dialogadas, estudos dirigidos, apresentações, oficinas, rodas de conversa, círculos de cultura, minicursos. Visitas técnicas/pedagógicas, práticas laboratoriais, levantamento de problemas e dinâmicas de resolução de problemas complementam o processo. Trabalhar de forma interdisciplinar e de acordo com a condição de instrução e a problemática do público envolvido, sintonizando com as demandas reais e de cada turma, que tem especificidade própria, levando em conta suas características e particularidades. Fazer uso da oralidade, vivências corporais (cenestésicas). Proporcionar eventos lúdicos e momentos festivos, de solidariedade e de confraternização. Considerar desde espaços não formais de educação, a aula inaugural, a formatura e feiras de economia solidária como espaços propositivos de formas de geração de renda e de estímulo ao associativismo, com elaboração de produtos de extensão. (IFSC, 2015, p. 10).

Segundo PPC de Geração de Renda o curso visa motivar a autonomia e a geração de renda envolvendo temas voltados ao empreendedorismo com unidades curriculares de: comunicação e acesso às mídias sociais, desenvolvimento de produtos, economia solidária e trabalho coletivo, educação financeira, oportunidades de negócio e trabalho, Saúde e trabalho, trabalho feminino e economia. A seguir apresentar-se-á a estrutura curricular do projeto pedagógico do curso Geração de Renda.

Quadro 6 - Estrutura curricular do curso de Extensão Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino.

Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino (96 h)	Comunicação e acesso às mídias sociais	12h
	Desenvolvimento de produtos	40h
	Economia solidária e trabalho coletivo	12h
	Educação financeira	08h
	Oportunidades de negócio e trabalho	08h
	Saúde e trabalho	08h
	Trabalho feminino e economia	08h

Fonte: (PPC 2, IFSC, 2014).

Segundo o PPC do curso Geração de Renda, os conhecimentos adquiridos pelas egressas devem aprimorar do percurso formativo para ampliar as possibilidades de inserção: econômica, de educação tecnológica e ciência para mulheres em situação de vulnerabilidade social através do aumento do seu grau de instrução.

Na sequência um recorte explicativo sobre os projetos de acompanhamento de egressas e o projeto feira da economia solidária, que acompanham todas as ofertas do Programa Mulheres Sim, independente do PPC.

#### 34 EXPERIÊNCIAS DO MULHERES SIM: ACOMPANHAMENTO DE EGRESSAS

O projeto de avaliação e acompanhamento de egressas faz parte do combo do Programa Mulheres Sim, tanto para Geração de Renda como Educação e Gênero, objetiva conhecer as

expectativas das alunas quanto ao curso oferecido, um pouco da história de cada mulher e gerar dados sobre os possíveis impactos do programa na vida das egressas e de suas famílias. Para isso, são aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas às alunas em dois momentos do programa, o primeiro ao final do primeiro mês de aulas e o segundo após dois ou três meses do término do curso presencial, no encontro de egressas, este é um momento de confraternização e venda dos produtos que as alunas produziram durante e após o término do curso.

Teles (2015, p. 108-113) disserta que o desenvolvimento das políticas públicas precisa constantemente de acompanhamento e avaliação. Para isso há a necessidade de apresentar uma proposta com o objetivo de melhorar a operacionalização dos cursos do Programa Mulheres Mil. Como resultado de uma boa avaliação, há possibilidade de ofertar programas mais adequados às reais necessidades das mulheres, possibilitando sua condição socioeconômica que se apresente como alternativa de redução da pobreza e das privações por que passam as mulheres em vulnerabilidade social. Para isso, Teles desenvolveu um questionário, denominado “Mulheres Mil: ouvir para transformar” para que fosse preenchido pelas alunas ao final dos cursos oferecidos. O referido questionário apresenta linguagem objetiva e simples, que atende ao nível de escolaridade do público atendido pelo programa, utilizando-se de figuras denominadas de *emoticons*, que representam sentimentos variados, para proporcionar às alunas uma avaliação prazerosa e descontraída.

Para Teles (2015, p. 109), o questionário é uma ferramenta para que a gestão do Programa Mulheres Mil tenha um retorno do desenvolvimento dos cursos, como também, um respaldo concreto para desenvolver e/ou redimensionar as ações voltadas para esse público.

Analisando os dados obtidos pelos questionários socioeconômicos por Rachadel (2015) como forma de avaliação das alunas do programa de 2014, aplicados durante e após o curso, visualizou-se que a maioria das mulheres já produzia artesanato ao ingressar no programa (76,6%), o aumento de mulheres que não produziam artesanato e começaram essa atividade pela participação no programa foi relativamente pequeno, assim, no total das alunas que após

três meses do término do programa desenvolviam essa atividade foi de (83,3%). Nem todas as mulheres produziram artesanato para obter renda, as que vendiam antes do programa eram (40%) e passaram para (58,3%) da turma após formadas. Contudo a expectativa para ampliação das vendas teve uma porcentagem considerável após o término do programa, e passou de (56,6% para atingir 75%) após a formatura.

Um dado importante para a avaliação do programa, segundo Rachadel (2015) na avaliação da segunda turma do programa em 2015, apontou que as mulheres tinham interesse em continuar estudando, 100% das respondentes afirmaram querer continuar estudando no IFSC. Esse percentual apareceu na primeira avaliação e no encontro das egressas. Enquanto, os cursos que as mulheres informaram ter interesse, os que se sobressaíram foram os das áreas de vestuário, culinária e informática, nesta ordem.

Por outro lado, dados extraídos de questionários aplicados às egressas da turma em 2015, lamentavelmente, apontaram que 42,9% das alunas já haviam sofrido algum tipo de violência. Estas e outras informações demonstram a importância da capacitação de mulheres para a melhoria de sua autoestima, prevenção de abusos e qualidade de vida. (RACHADEL, 2016, p. 06).

Os dados obtidos pela avaliação de egressas em 2014 substanciaram para que fosse feito um outro PPC, geração de Renda, este que visa proporcionar atividades mais efetivas voltadas ao empreendedorismo. Como parte integrante do programa, o evento Feira da Economia Solidária busca o aperfeiçoamento dos conhecimentos dos cursos, quando as alunas colocam em prática as suas habilidades no empreendedorismo, através da amostragem e venda dos produtos produzidos por elas, conforme mostrar-se-á.

### 35 EXPERIÊNCIAS DO MULHERES SIM: FEIRA DA ECONOMIA SOLIDÁRIA

Na movimentação da economia capitalista e globalizada no mundo, os governantes priorizaram os investimentos à manutenção e ampliação do desenvolvimento econômico de produção, como meio de atendimento às demandas trabalhistas pela inclusão no mercado de trabalho formal, enquanto, na mesma proporção, afastaram-se dos investimentos para o desenvolvimento da agricultura familiar, fato que contribuiu para o desequilíbrio e o aumento das desigualdades sociais, do êxodo rural e das populações pobres nos grandes centros do Brasil.

Casagrande e Begnini (2018, p. 01) diz que no Brasil, as iniciativas relacionadas ao cooperativismo iniciaram no século XX. Ao longo da década de 1990, surgiu o movimento de economia solidária no País, em resposta ao desemprego estrutural. Os autores afirmam ainda que em 1996, Paul Singer articulou diversos atores: organizações sindicais, ONGs, estudantes, universidades, religiosos, gestores públicos, entre outros, em torno de um objetivo comum, surgiu a aqui expressão "Economia Solidária".

Discorrem Casagrande e Begnini (2018, p. 01) que a organização deste movimento começou em 2002 com uma carta ao então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva pleiteando uma secretaria para a economia solidária. Em janeiro de 2003, definiu-se a agenda de mobilizações e debates e substituindo a denominação "GT-Brasileiro" por "Fórum Brasileiro de Economia Solidária", assim a economia solidária passou a fazer parte da agenda do Governo Federal e a ser incluída nas ações de políticas públicas a partir de 2003, sendo entendida como uma alternativa para a geração de trabalho e renda. A fim de atender esse público, o governo implantou a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES) tendo como protagonista o economista Paul Singer e, vinculado ao Ministério do Trabalho, o Programa Economia Solidária em Desenvolvimento. Dias após a constituição da SENAES, a economia solidária começou a se consolidar como organização em redes.

Entre 2003 e 2013 a Secretaria Nacional de Economia Solidária SENAES teve grande êxito, contudo devido à mudança no cenário político e econômico do País, os recursos destinados ao desenvolvimento de políticas públicas voltadas ao Plano Territorial de Desenvolvimento Rural Sustentável e à Economia Solidária foram sendo reduzidos. Em novembro de 2016, por estratégia do Governo Federal visando à redução de gastos públicos, a SENAES foi extinta, sendo criada uma subsecretaria de Economia Solidária dentro da Secretaria de Relações do Trabalho. Considera-se que os EES estão em um momento de incertezas e inseguranças, uma vez que os editais e projetos

que destinavam recursos para os EES, bem como para o desenvolvimento do território, foram reduzidos (CASAGRANDE e BEGNINI, 2018, p. 01).

Para Singer e Souza (2000, p. 142), a economia familiar e solidária<sup>31</sup> é a forma humanística de produzir que não prioriza a reprodução e a acumulação de capital, em que impera a pilhagem e a exploração ambiental humano e social. A economia solidária é a atividade de produção em rede, a qual se baseia na pequena empresa comunitária, na agricultura familiar, no trabalho doméstico, autônomo e nas cooperativas, estas aos poucos superam os desafios do mercado e viabilizam sua competitividade e a manutenção da família camponesa na atividade rural.

Contudo, Singer e Souza (2000, p. 143) dizem que pela extrema desorganização e ausência de políticas governamentais sistemáticas para os pequenos agricultores, eles são carentes de infraestrutura econômica e, por esta razão, são forçados a negociar sua produção em mercados regulados por agentes intermediários, esse fator é diminuído quando os pequenos agricultores se organizam em forma de economia solidária, que atua numa perspectiva de reciprocidade, como reconciliação de autonomia e interdependência. Os autores afirmam que:

A construção da economia solidária é uma destas outras estratégias. Ela aproveita a mudança nas relações de produção provocada pelo grande capital para lançar os alicerces de novas formas de organização da produção, à base de uma lógica oposta àquela que rege o mercado capitalista. Tudo leva a acreditar que a economia solidária permitirá, ao cabo de alguns anos, dar a muitos, que esperam em vão um novo emprego, a oportunidade de se reintegrar à produção por conta própria, individual ou coletivamente. (SINGER; SOUZA, 2000, p. 138).

Para Singer e Souza (2000, p. 169) a economia solidária vai além das expectativas de produção e distribuição, pois compreende uma variedade de práticas econômicas e sociais organizadas é definida como o conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição,

---

<sup>31</sup> Vale ressaltar que a economia solidária não se confunde com o chamado "terceiro setor", que substitui o Estado nas suas obrigações legais e inibe a emancipação de trabalhadores, enquanto sujeitos protagonistas de direitos.

consumo, poupança e crédito sob a forma de autogestão. Onde a comunidade de envolve e decide solidariamente sobre todos os processos, é uma forma de organização da produção, consumo e distribuição de riqueza centrada na valorização do ser humano e não do capital, caracterizada pela igualdade de oportunidades.

Pode-se abstrair que a economia solidária é uma forma de organizar o sistema produtivo de forma inclusiva, na medida em que forma uma corrente através de cooperativas, associações e grupos de trocas<sup>32</sup> para apoiar e fomentar a renda das pequenas propriedades rurais, muitas delas de produção orgânica, como são as propriedades de Margarida (51) e Girassol (62). Ressalta-se ainda que a economia solidária teve êxito enquanto havia interesse público para o atendimento a esta demanda social, no período do governo de esquerda primeiro representado por Luiz Inácio Lula da Silva (1º de janeiro de 2003 a 1º de janeiro de 2011) e Dilma Rousseff entre (12 de maio de 2016 a 31 de agosto de 2016). Hoje o Programa Mulheres Sim mantém em seus PPCs este ideal de estímulo ao fomento da economia solidária através das feiras.

Após o curso e o ciclo de palestras do Programa Mulheres Sim, as alunas realizaram o evento feira da economia solidária, em duas edições, sendo uma interna (no câmpus) e outra externa. Observa-se que o programa tem como objetivos e foco das atividades práticas: fornece meios, ferramentas e conhecimentos necessários para a produção de produtos, artesanatos, alimentos, e outros que pudessem ser comercializados, ou agregar valor àqueles já produzidos, fomentar o acesso à educação e a tecnologia, buscando a ampliação de renda familiar.

Para Rachadel (2016, p. 09), as feiras de economia solidária, na prática, estimulam a reflexão sobre determinação de preços, avaliação do trabalho em equipe, estratégias de venda, entre outros. Além dessas experiências formativas fundamentais, os trabalhos e estudos recebem ainda complementação através de outros projetos e atividades. É o caso da Visita

---

<sup>32</sup> Sobre os grupos de troca, as pesquisadas Girassol (510), Azaleia (73) e Margarida (62) fazem parte do MMTU - Movimento de Mulheres Trabalhadoras Urbanas e camponesas que fazem troca de semestres crioulas para que estas sejam mantidas nos meios rurais e não entrem em extinção.

Técnica e do Ciclo de Oficinas que fizeram parte, respectivamente, da primeira e da segunda edição do programa em São Miguel do Oeste.

#### **4 AS VIDAS E AS VOZES DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM-SÃO MIGUEL DO OESTE: ANÁLISE DO PERFIL SOCIAL E OS RESULTADOS DO PROGRAMA**

Desde o início das atividades no câmpus São Miguel do Oeste, em 2011, até a última edição utilizada como recorte desta pesquisa, em 2019, os Programas Mulheres Sim e Mulheres Mil ofertaram os cursos de Formação Continuada (FIC) Mulheres Mil Pronatec<sup>33</sup> Mulheres Mil e Programa Mulheres Sim, e atenderam a 347 mulheres, em doze ofertas diferentes<sup>34</sup>.

Para a seleção das oito egressas entrevistadas que constituem o *corpus* deste estudo, foi construída uma tabela com todas as alunas participantes das turmas Mulheres Sim do curso de Trabalho e Renda, nas edições 2015, 2017 e 2019; e do curso Educação e Gênero, edições 2014 e 2018. A partir desses dados, foi possível selecionar a amostra, de modo a ouvir mulheres de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade, perfis socioeconômicos e moradoras das áreas urbana e rural dos municípios da região de abrangência da instituição. Cinco egressas participaram dos Programas Mulheres Mil e Mulheres Sim, entre 2011 e 2019, mas, levou-se em consideração para este estudo apenas a participação no Mulheres Sim. A tabela a seguir traz a categorização das mulheres selecionadas para a pesquisa.

---

<sup>33</sup> Como informação adicional, destaca-se que os cursos que tiveram maior evasão foram os ofertados via Pronatec, a exemplo de Pronatec costureiro e maquiador de 2015, que concluíram respectivamente oito e nove formandos de turmas de vinte alunas cada. Destaca-se aqui o Mulheres Sim de 2017 que não teve nenhuma evasão.

<sup>34</sup> As informações resultam da pesquisa realizada nos livros de registro e emissão de certificados do IFSC - SMO sob a guarda da secretaria acadêmica, disponibilizado a esta pesquisadora para consulta local. Os cursos ofertados foram: Mulheres Mil via Setec - MEC (160 h), FIC Mulheres Mil Processamento de Alimentos (160 horas), FIC Mulheres Mil em Horticultura (160 h), FIC Mulheres Mil Reciclagem (250h), Pronatec Mulheres Mil Maquiador (180h), Pronatec Mulheres Mil Costureiro (160h), Pronatec Mulheres Mil contador de histórias (160h), Pronatec Mulheres Mil Agente de Alimentação Escolar (200h), Pronatec Manicure e Pedicure (180h), Mulheres Sim Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino (96), Mulheres Sim Educação e Gênero (96h). (Fonte: do autor).

Quadro 7 - Estratificação social das egressas.

<b>Nome (fictício)</b>	<b>Idade</b>	<b>Escolaridade</b>	<b>Oferta Mulheres Mil e Sim</b>	<b>Área de moradia</b>	<b>Trajetória profissional</b>
Lírio	27 anos	Ensino médio, cursando graduação	2018	São Miguel do Oeste/urbana	Faxineira
Margarida	51 anos	Graduação	2012 e 2017	Descanso/ rural	Agricultora
Rosa	50 anos	Ensino médio completo	2015	São Miguel do Oeste/rural	Artesã e professora de artesanato
Tulipa	53 anos	Ensino médio completo	2011, 2014 e 2015	São Miguel do Oeste/urbana	Artesã e operária aposentada
Orquídea	59 anos	Ensino fundamental completo	2011, 2014, 2015 e 2019	São Miguel do Oeste/urbana	Doméstica/afastada por auxílio-doença
Girassol	62 anos	Graduação	2011, 2017 e 2019	São Miguel do Oeste/urbana	Agricultora e trabalhadora do comércio aposentada
Calêndula	65 anos	Ensino fundamental incompleto	2011, 2014 e 2019	SMO/urbana	Oleira aposentada
Azaleia	73 anos	Pós-graduada	2017 e 2019	Tunápolis/rural	Nutricionista aposentada

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme pode ser percebido pela análise da tabela acima, das egressas ouvidas neste trabalho, três participaram uma única vez do Programa Mulheres Sim, sendo Rosa<sup>35</sup> em 2015, Margarida (51) em 2017, e Lírio (27) em 2018. Destaca-se também que quatro egressas são alunas do Mulheres Sim em 2019. Dentre elas está Orquídea (59) que pela quarta vez, em nove anos, retorna o IFSC para participar dos cursos Mulheres Mil e Mulheres Sim.

Quanto à faixa etária das participantes, uma delas tem idade inferior a 30 anos, quatro têm idade entre 50 e 60 anos e três delas têm acima de 60 anos. A diversidade de faixa etária também faz com que as trajetórias profissionais sejam variadas, sendo que quatro delas são aposentadas, uma está afastada em auxílio doença, e as demais estão inseridas no mundo do trabalho. O nível de escolaridade é bem variado, havendo integrantes com ensino fundamental incompleto (Calêndula, 65) até a pós-graduação (Azaleia, 73). Observa-se que as egressas são residentes em diferentes municípios, o que demonstra a amplitude de atendimento do programa. Em posse dessas informações, a pesquisadora selecionou oito mulheres com o perfil eclético para serem as entrevistadas. Dentre a primeira lista de egressas, duas foram substituídas porque as primeiras selecionadas não aceitaram participar da pesquisa. Escolhidas as entrevistadas, agendou-se por telefone a entrevista previamente elaborada e autorizada pelo comitê de ética via Plataforma Brasil. As entrevistas ocorreram no câmpus do IFSC/SMO, foram gravadas em áudio e na sequência transcritas. Todas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido/anuência de dados, e o termo de autorização para uso da imagem e voz à pesquisadora.

Nas seções que seguem, serão analisados de forma mais detalhada o perfil social dessas mulheres e os alcances do programa em suas vidas.

---

<sup>35</sup> Com o objetivo de preservar a identidade das mulheres participantes da pesquisa, os nomes verdadeiros foram substituídos por pseudônimos, inspirados em nomes de flores.

#### 4.1 AS MOTIVAÇÕES PARA PARTICIPAR DO MULHERES SIM

[...] educação como prática da liberdade. Trata-se, como veremos, menos de um axioma pedagógico que de um desafio da história presente. Quando alguém diz que a educação é afirmação da liberdade e toma as palavras a sério — isto é, quando as toma por sua significação real — se obriga, neste mesmo momento, a reconhecer o fato da opressão, do mesmo modo que a luta pela libertação (FREIRE, 1967, p. 10).

A entrevistada Lírio (27) faz parte do perfil das mulheres mais jovens que passaram pelo programa. Participante do curso Educação e Gênero, oferta de 2018, ela procurou no programa uma forma de integração com o novo país que a família escolheu para viver: o Brasil. Ela descreve as razões pelas quais migrou do Haiti para o oeste de Santa Catarina:

Eu tenho 27 anos, morava em Jacmel, um departamento no sudeste do país Haiti e trabalhava de vendedora. Meu namorado veio ao Brasil em 2013, depois do terremoto que destruiu o Haiti em 2010. A situação no Haiti estava muito complicada, muitas pessoas estão saindo de lá porque não têm emprego, há muita pobreza. Meu namorado veio antes, em 2013 e eu cheguei em 20 de dezembro de 2016 e me casei em 24 de dezembro de 2016, nós casamos e agora temos um filho [nascido no] Brasil. Estou no Brasil há quase três anos e moro com meu esposo, meu filho de dois anos, minha cunhada, o filho e o esposo dela, num porão alugado no bairro Progresso. Trabalho há sete meses como faxineira na Rodomac tratores (LÍRIO, 27).

Questionada sobre quais os motivos que a levaram de volta aos bancos escolares, no curso Mulheres Sim, ela citou o desejo de aprender. Para Lírio (27), a experiência de estar em sala de aula com brasileiras gerou expectativa. “Tava bem curiosa para saber o que vai fazer, como vai fazer, sabe, a primeira vez que vai fazer um curso com as brasileiras, essas coisas...eu tava bem curiosa pra saber como ia ser o curso. Mas foi uma sensação de que vou aprender muitas coisas.” Com as informações às quais teve acesso pela participação no programa, ela realizou processo seletivo e ingressou no curso superior de Tecnologia de Alimentos, na mesma instituição.

Um dos motivos que levou Rosa (50), uma artesã de cinquenta anos, mãe e viúva de volta aos bancos escolares depois de 13 anos da conclusão do ensino médio foi a necessidade

de aprendizado para melhor desenvolver a atividade de empreendedora autônoma, como artesã. Rosa (50) frequentou o Programa Mulheres Sim de Geração de Renda em 2015, voltado à produção de artesanatos. Segundo ela, a motivação principal foi o próprio nome do curso, “ele abrangia o gerenciamento, a renda e a produção em si. [...] Busquei aprender mais para poder gerenciar o meu negócio, que na época estava bem pequeno”. Depois do Mulheres Sim, Rosa (50) fez outro curso na mesma instituição, voltado às necessidades do seu trabalho de artesã (marketing e vendas). O sonho da artesã é fazer uma faculdade que envolva artes, ampliando o seu potencial artístico e a sua profissão. - “Porque conhecimento é tudo”, descreve ela Rosa (50).

Margarida tem 51 anos e mora na linha Parda, interior do município de Descanso. Ela já fez o curso mulheres Mil e, em 2017, participou do Mulheres Sim de Geração e Renda, voltado às mulheres agricultoras. Tem ensino superior e curso técnico de Agroecologia pelo IFSC, instituição na qual participou do Mulheres Sim. Margarida (51) trabalha na agricultura familiar com o marido e o filho, produzindo alimentos orgânicos vendidos diretamente ao consumidor: produção de morango, batata-doce, feijão, arroz e hortaliças. Ela é uma mulher da agricultura, feminista e preocupada com o bem-estar e saúde das comunidades. Os conhecimentos que adquiriu no curso técnico de Agroecologia no IFSC, aliados aos demais conhecimentos que buscou através dos outros cursos que fez, sinalizaram novas formas de produção orgânica, e com isso, a preocupação em repassar esses conhecimentos para as demais pessoas através da sua participação nos movimentos sociais pela luta e igualdades das mulheres do campo. Ela é uma ativista, uma “margarida”.

---

Eu estive na Marcha das Margaridas<sup>36</sup> no mês de agosto. Muito lindo aquelas mulheres de todo o Brasil! Cada uma com sua cultura, com seu rosto, seu jeito de se arrumar,

<sup>36</sup> A Marcha das Margaridas é uma ação estratégica das mulheres do campo e da floresta que integra a agenda permanente do Movimento Sindical de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (MSTTR) e de movimentos feministas e de mulheres. É um grande momento de animação, capacitação e mobilização das mulheres trabalhadoras rurais em todos os estados brasileiros, além de proporcionar uma reflexão sobre as condições de vida

seus cabelos, tinha as índias, os quilombolas, as nordestinas e nós aqui do sul, né. Tudo junto misturado: cultura de gostos, de sabores. Muito legal! Eu adoro esses momentos de estar conversando com elas, conhecer os costumes delas! Então, um sonho é este, estar conhecendo essas mulheres no Brasil todo. Como vivem? O que precisam pra viver? Como criam os filhos? (MARGARIDA, 51).

Tulipa tem 53 anos, é divorciada e mãe de dois filhos, um deles é jovem e ainda mora com ela. Está aposentada, é artesã e descobriu um nicho de mercado, faz casas de gatos e cachorros para vender. Além disso tem uma pensão para adolescentes que é uma segunda fonte de renda. “Tulipa (53) é sorridente, criativa e batalhadora. Depois de 2011, quando participou da oferta do primeiro Mulheres Mil, não parou mais. Além do conhecimento que a impulsionou ao sucesso como empreendedora, Tulipa afirma que, com o curso, sentiu um alívio para a depressão que a incomodava. ”

Para mim, foi uma experiência muito valiosa porque me agregou muito conhecimento e muitas coisas boas. Nesse curso, na verdade, eu participei pela primeira vez no curso do Mulheres Mil no ano de 2011, ali foi a minha entrada no IFSC, a partir dali então eu comecei a perceber o quanto é importante a gente estar fazendo cursos, e surgiu oportunidade de fazer Mulheres Sim (TULIPA, 53).

A trajetória escolar de Orquídea 59 anos foi curta. Ela concluiu o ensino fundamental, mas afirma saber apenas ler e escrever o próprio nome. É doméstica e estava afastada do trabalho, em auxílio-doença, no período da coleta de dados deste trabalho. Ela participou dos Programas Mulheres Mil em 2011, na sequência do Mulheres Sim em 2014 e 2018. Quando questionada sobre qual foi a motivação para participar dessas ofertas, depois de muitos anos longe dos bancos escolares, ela afirma:

---

das mulheres do campo e da floresta. Por ser permanente, as mulheres trabalhadoras rurais seguem, diariamente, lutando para romper com todas as formas de discriminação e violência, que trazem consequências perversas à vida delas. Realizada a partir de 2000, tem revelado grande capacidade de mobilização e organização. (FETASE, 2020).

A gente não sabia como é que era, pensei que eu passaria vergonha. Pensava: eu não sei como é que vai ser lá, não sei como é que é. - Teve uma mulher que eu encontrei no CAIC antes de vir aqui estudar, ela disse que “ele não era bem assim”, que um curso aqui era bem diferente do que lá no CAIC, bem mais difícil. Porque eu não aprendi a escrever, só sei o nome e para me defender um pouco eu conheço o dinheiro, nisso ninguém me logra. Mas eu não achei difícil, não! Foi muito bom, demais! Quando eu fiquei sabendo do curso deste ano, 2019, eu vim falei com professora M. e logo no outro dia ela disse que eu podia começar o curso, e aqui estou novamente. Isso é muito bom para mim, porque me ajuda para não ficar em casa, não ficar muito dentro de casa. Pra não ficar em casa, fazer amizades, meus filhos eles gostam de saber o que eu aprendo, pra não precisar tomar remédios para depressão, para pressão alta e para dores no joelho e coluna, aqui eu converso com as pessoas e o dia passa que eu nem vejo (ORQUÍDEA, 59).

Voltar a estudar foi uma quebra de barreiras, da perspectiva de subalternidade que personifica a ideia de que os melhores espaços de aprendizagem, especialmente aqueles pertencentes à esfera federal, como universidades e institutos federais, não são acessíveis aos mais pobres. Essa ideia é um entrave a ser superado através da educação de modo a que todos possam adentrar às instituições de ensino públicas federais e reconhecer este espaço como “um lugar para todos”. Ainda é forte a ideia de que os espaços públicos não são públicos. Vale lembrar que foi justamente esta aproximação com os que estão às margens da sociedade, os mais vulneráveis, que aconteceu a expansão da educação profissional e tecnológica, a interiorização dos Institutos Federais, deslocados dos grandes centros para se aproximar das comunidades e ofertar apoio educacional gratuito e de qualidade. Através desta interiorização, o Programa Mulheres Mil e depois o Mulheres Sim passaram a ser ofertados em cidades pequenas, como São Miguel do Oeste.

Girassol tem 62 anos, participou do Programa Mulheres Mil em 2011, retornou para o Mulheres Sim Geração de Renda em 2017 e ao curso de Educação e Gênero em 2019. Depois de ter os filhos adultos e se aposentar, mudou-se para o campo para dedicar-se à produção de alimentos orgânicos. Esposa de esportista, ela juntou-se ao movimento das Mulheres Camponesas, e dedica-se na busca pela valorização e cuidado com a saúde, hábitos de vida saudáveis e a preservação da natureza.

Girassol (62) relata que tem um histórico de depressão na família. “Então eu não posso me acomodar, porque se eu me acomodar eu vou cair na depressão. Eu já caí uma vez e eu não

quero nunca mais entrar nesse poço fundo. Então eu busco o máximo estar integrada, atualizada, estar em função para poder reagir contra esse mal”. Para ela, estar em sala de aula é: “a oportunidade de ver outras pessoas, de ver as ideias boas dos outros, além de aprender mais.” Ela conclui: “eu não tenho mais depressão, estou feliz!”

Em suas falas, Girassol (62) relata que já conhecia muitas das colegas do Programa Mulheres Sim de 2017 e 2019 pela sua vivência em comunidade, e descreve o sentimento de alegria em voltar aos bancos escolares: “a sensação de voltar para a escola foi maravilhosa, os professores muito queridos, que ajudam todo mundo e não discriminam ninguém”. Ela tem uma ligação muito forte com a educação. Durante sua juventude, trabalhou em uma escola como professora substituta. A atividade de professora, o ato de ensinar e aprender aparece em suas falas e ela demonstra grande carinho e atenção às colegas. Quando ela percebe que as colegas têm dificuldades em sala de aula, prontamente se dispõe a ajudá-las. Girassol (62) descreve que sente uma sensação de bem-estar e utilidade em poder auxiliar outras mulheres, e isso para ela é recompensador. “[...] é muito bacana a gente poder ajudar quem precisa. Eu não teria necessidade de fazer o Mulheres Sim, porque eu faço bastante cursos, mas eu sei que cada curso que eu frequento, aprendo alguma coisa, e eu ajudo às outras mulheres a aprenderem também, é gratificante” (GIRASSOL, 62).

O sentimento de inclusão, por frequentar o curso ofertado por uma instituição da rede federal, descrito anteriormente pela egressa Orquídea (59), é retratado também por Calêndula, de 65 anos de idade, que tem apenas os anos iniciais do ensino fundamental. A oleira aposentada fala sobre a sua motivação por participar no Mulheres Mil em 2011, e pela terceira vez do Programa Mulheres Mil Educação e Gênero em 2019, e os sentimentos que permearam os primeiros dias de aula na segunda oferta na qual se matriculou:

Foi muito bom, porque eu já tinha feito o curso em 2011. E eu gostei muito das coisas que a gente aprendeu. Eu parei no 4º ano porque eu tinha que trabalhar, tudo era difícil, não tinha como ir na escola. Quando começaram a construir aqui, o IFSC, daí eu vinha pegar a lenha ali e daí eu disse para minha vizinha “tão fazendo um colégio muito grande e bonito lá, mas lá eu acho que nunca vou entrar”. Eu sempre tinha vontade de estudar, sim! Sempre quis descobrir as coisas e aprender sobre tudo. Daí eu fui no

CAIC e ela me disse que ia ter um curso aqui e não precisava ter estudo, eu pedi pra moça me inscrever, e eu comecei aqui. Eu sempre tinha sim! Sempre quis descobrir as coisas e aprender sobre tudo (CALÊNDULA, 65).

Percebe-se o sentimento de exclusão e insegurança com que Calêndula (65) se refere à construção do prédio do IFSC próximo de sua casa, enquanto um lugar onde os pobres não teriam acesso, “mas lá eu acho que nunca vou entrar”. Para ela, a experiência de ser aluna no IFSC foi também um desafio, enquanto uma experiência agradável que a trouxe de volta ao programa.

A falta de oportunidade de estudar na idade certa devido às necessidades econômicas, obrigou Calêndula (65) ao distanciamento dos bancos escolares e ao sentimento de não pertencimento a uma escola/curso comum. O sentimento de Calêndula (65) sobre estar em sala supera as marcas dos tempos de estudante na infância. Ela conta que: “muita coisa que eu não aprendia [enquanto criança], a partir deste curso eu descobri que”: “sim! Eu posso aprender!”

A gente fazia bastante coisa com os professores [no Mulheres Sim]. Lembro do professor Bruno, que foi embora. Ele era muito bom para a gente, ensinava muita coisa que eu não aprendi quando eu ia na aula no 4º ano, porque naquele tempo a professora não ensinava, quando se eu não sabia fazer uma conta de matemática, ela xingava e mandava se virar (CALÊNDULA, 65).

O acolhimento do professor ajudou para que a aluna superasse os sentimentos de inaptidão, recuperasse a autoestima e o seu potencial para aprender. A importância do acolhimento foi uma das observações feitas por Casagrande, Nunes, Michels e Souza (2018, p. 44), em pesquisa com alunas do Mulheres Sim. O objetivo dos autores foi verificar se o programa poderia ser caracterizado como uma prática de empoderamento das mulheres/alunas. Eles concluem que:

As mulheres participantes sentem-se valorizadas pela interação com a equipe de professores e servidores, pelo contato com o espaço acadêmico, e aproximação com outras mulheres com o desejo de transformação. Valorização esta, que também ocorre

pois elas adquirem uma consciência crítica que pode ser distinta das ideias que tinham do ser mulher. Pode-se constatar que o Programa Mulheres Sim contribui no processo de empoderamento, no desenvolvimento da consciência crítica em relação ao seu papel enquanto mulher, o que gera empoderamento individual e coletivo, conforme apresentado por Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008), através da percepção do controle sobre determinadas circunstâncias e capacidades de mobilizar (CASAGRANDE; NUNES; MICHELS; SOUZA, 2018, p.44).

Azaleia tem 73 anos e reside em Tunápolis, município distante 34 quilômetros da instituição ofertante do Programa Mulheres Sim. É graduada e pós-graduada em Nutrição. No aspecto de escolarização, como se vê, o seu perfil difere em muito daquele para o qual o programa foi, inicialmente, voltado<sup>37</sup>. Estando aposentada, ela participou do programa Mulheres Sim para camponesas, em 2017, e voltou ao programa em 2019, na oferta denominada Educação e Gênero. Segundo ela, as motivações para participar dos cursos foram a curiosidade e o gosto de aprender. Contudo, o objetivo maior que a levou a participar das ofertas foi a possibilidade de, com isso, enfrentar a depressão e ajudar as vizinhas que sofriam pelo mesmo problema:

Então foi assim, a gente nem sabia se ia dar conta disso, então foi uma maneira também de colaborar com elas e melhorar juntas, eu também sou de depressão. Eu quis participar porque a gente queria evoluir um pouco mais, no sentido de não ficar muito de casa, parada, e eu queria conhecer mais coisas, conquistar outras coisas que fossem importantes. Uma amiga e uma vizinha tinham depressão. Daí eu convidei outras duas colegas<sup>38</sup> [cita os nomes] que moravam perto de mim, e elas gostaram do curso, gostaram muito, elas participaram bem, até melhor que eu. E me sentia realizada por causa disso, porque o objetivo meu era mesmo que elas viessem. Uma delas que tava com problema de saúde, que ela não poderia trabalhar fora e está encostada pelo INSS. Então ela estava com muita depressão e como eu também não tinha uma companhia, convidei, achei que ela ia melhorar também. Porque eu fazia companhia com ela e como a outra que era prima dela, que também veio junto (AZALEIA, 73).

---

<sup>37</sup> É preciso lembrar que o Mulheres Sim foi criado para atender as mulheres que não eram atendidas pelo Mulheres Mil, por não terem comprovação de escolaridade, nem mesmo de anos iniciais do Ensino Fundamental.

<sup>38</sup> Os nomes das pessoas citadas pelas entrevistadas, independente do vínculo, foram suprimidos, visando preservar a identidade desses sujeitos.

Observa-se pelo depoimento de Azaleia (73), que muito embora a egressa não apresenta o perfil de mulher com baixa escolaridade, para às quais o programa foi pensado, tem outras vulnerabilidades que a atraíram para ser aluna do programa por duas vezes em 2017 e 2019. A sua participação (e de outras duas colegas motivadas por ela) gerou impactos significativos no seu cotidiano. Essas questões serão discutidas com mais profundidade na sequência deste trabalho.

#### **4.1.1 O acesso e a permanência na educação: um desafio na vida das mulheres**

“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”  
(NELSON MANDELA, 2003).

Dentre as entrevistas deste trabalho, três mulheres têm ensino médio completo sendo Lírio, (27), Rosa (50) e Tulipa (53). Duas Têm graduação: Girassol (62) e Margarida (51). A egressa Azaleia (73) tem pós-graduação, e duas mulheres têm apenas o ensino fundamental - anos iniciais: Orquídea (59) e Calêndula (65).

Das oito egressas entrevistas, percebeu-se que Lírio de 27 anos, e Azaleia com 73 anos, são as mulheres que tiveram uma trajetória escolar contínua, sem interstícios devido á necessidades de trabalho e outros impedimentos que interferiram negativamente na trajetória escolar. Lírio (27) tem ensino médio e ingressou na universidade logo após participação do Programa Mulheres Sim, em 2018, enquanto Azaleia (73) teve uma trajetória escolar que lhe permitiu, com muito esforço, chegar à pós-graduação e exercer a atividade de nutricionista como funcionária pública, até chegar à aposentadoria.

Contudo, a trajetória escolar da maioria das mulheres participantes da pesquisa não é linear, tampouco suficiente para atender as necessidades de formação que promovessem mudanças positivas em sua vida profissional. São caminhos permeados por períodos de

extremas dificuldades de acesso, seguidos por rompimentos e recomeços. Por isso mesmo, revelam-se uma mescla de saberes vividos, histórias para contar e muita resistência e força de vontade de ali estarem. Nesse contexto, é fundamental que as ofertas voltadas para esse público sejam realizadas com metodologias próprias e que considerem o percurso formativo como um espaço inclusivo.

Por um lado, como afirmou Thompson (1998, p. 43), esses adultos “que não conseguem provar a si mesmos serem suficientemente iguais para galgar os degraus da oportunidade, têm gravada sobre si mesmos (...) uma sensação não de diferença, mas de fracasso humano”. Por outro, suas trajetórias de classe lhes conferem um conhecimento da materialidade da vida que não pode ser ignorado pela escola. Para Gramsci (2000), faz-se necessário que a escola se constitua em espaço de potencialização dos processos de aprendizagem vivenciados fora dela impregnados de saberes socialmente construídos (CIAVATTA; RUMMERT, 2010, p. 5).

A egressa Rosa (50) lembra dos tempos de sua juventude, quando a dificuldade para estudar era muito maior do que aquela que enfrentam as gerações atuais. Ela relata que sua vida escolar foi uma constante luta para superar os desafios que se apresentavam, contudo, ela tem o sonho de ainda fazer uma faculdade.

Pra continuar e fazer a quinta série eu fui na casa de minhas tias, irmã de minha mãe, lá tinha uma escolinha próxima e que tinha quinta série. Na 6ª série eu fui cuidar de crianças, tive que sair de casa e continuar meus estudos, num período do dia eu estudava e o restante trabalhava, cuidar das crianças, né. A sétima e oitava série eu voltei novamente para casa dos meus pais, onde eu ia de ônibus para a cidade continuar os estudos, era Escola Estadual Érico Veríssimo de Três Passos/RS. Após isso, como o custo para ir de ônibus era muito alto, e também não tínhamos a escola estadual ensino médio, segundo grau por perto, então tive que parar os estudos. O que se encontrava eram algumas escolas no interior que ofertavam o fundamental entre o 1º ao 4º ano. Então eu parei em 1984 com 15 anos e voltei a estudar novamente em 1999 pra fazer o ensino médio no CEJA, concluí em 2002. Durante o período em que fiquei afastada eu casei, depois fiquei viúva e precisei cuidar da filha e de todas as despesas da casa sozinha. Naquela época ninguém dizia pra você que precisava ter uma faculdade, que seria bom pra sua vida! (ROSA, 50).

Margarida (51), quando questionada sobre sua vida de estudante, preferiu fazer referência aos conhecimentos adquiridos no Programa Mulheres Sim. Relata que obteve conhecimentos que proporcionaram mais qualificação no trabalho em sua propriedade rural,

aumentando os recursos financeiros, além disso ela destaca que muitas coisas que aprendeu utiliza em sua casa, e ensina a outras pessoas de sua convivência, por exemplo: rosca de polvilho, vários tipos de pães (pãozinho sovado, pão integral, de ora pro nobis, pão de abóbora, pão integral).

Paralelamente, mas não menos importante Margarida (51), destaca-se que faz parte do movimento das mulheres camponesas, no qual o associativismo e a cooperação para o trabalho são os objetivos principais. Ela afirma ter sido uma das pessoas que, ao saber que seria oferecido um Programa Mulheres Sim, em 2017, foi em busca das companheiras para incentivá-las a se inscreverem. Margarida (51) relata que, como as aulas duravam o dia todo, manhã e tarde, elas almoçaram no câmpus da instituição ofertante. O almoço era feito com produtos agrícolas doados por elas próprias. Margarida (51) diz que sempre tinha uma escala de alunas para que fossem as cozinheiras do dia. Segundo ela, ali elas conversavam, discutiam sobre o cotidiano, relembrou histórias vividas e divertiam-se. Observa-se que o referido curso não teve nenhuma aluna que se evadiu. Avalia-se, dessa forma, que o companheirismo e o apoio entre as mulheres favoreceu a permanência delas no programa.

Margarida (51) discorre que, durante as aulas com a professora de artesanato, aprendeu algumas técnicas diferentes e interessantes. Ela também fez referência às aulas de educação física, com exercícios de ginástica e jogos benéficos para sua saúde, porque a movimentação do corpo lhe trouxe bem-estar.

Para Orquídea (59), que cursou até a quarta série, as dificuldades para estudar na idade própria aparecem fortemente vinculadas à pobreza e à necessidade de abandonar os estudos para poder trabalhar e contribuir com a economia da família.

Quando eu fui na aula, os pais da gente iam colocar a gente grande na aula, aí quando a gente quis começar a aprender alguma coisinha tinha uns oito a nove anos, nós fomos morar na Argentina quando eu era criança, em Bernardo de Irigoyen para meu pai trabalhar, nós éramos muito pobres, lá meu pai morreu e eu fiquei um ano e pouco na casa de um casal de professores, eles me ensinaram a escrever, mas não em português. Quando a minha mãe voltou para o Brasil eu tinha 15 anos, daí nunca mais estudei,

só trabalhei. Até hoje eu não consigo fazer uma lista do mercado, nem meu filho entende o que eu escrevo (ORQUÍDEA, 59).

Quando solicitado a Tulipa (53) para que contasse um pouco sobre a sua vida escolar, ela discorreu que a família não tinha consciência de que estudar era necessário. Os pais não tinham estudo e não orientavam para que os filhos estudassem. As dificuldades para o acesso à educação também foram uma barreira na sua vida, em muitos momentos intransponível.

O meu pai não incentiva muito, eu acho que é próprio da cultura dele. Ele não consentiu. Hoje ele está com 97 anos, então dá para entender. Ele também só fez a segunda série com o professor particular, e só aprendeu as quatro operações, ler e escrever e deu. Então, ele vivia assim e achava que não havia necessidade das filhas estudar, os homens podiam estudar, as filhas não. As filhas iam se perder se saíssem para estudar, então tinha que ficar em casa, arrumar um namorado e casar logo. E o marido também não incentivou a estudar e agora que eu me separei, não sei se ele voltou a estudar ou não. Mas na época que a gente era casada ele não tinha interesse nenhum em estudar (TULIPA, 53).

O machismo apresenta-se forte quando a entrevistada diz que, segundo seu pai, se as filhas fossem estudar na cidade poderiam “se perder” segundo Tulipa (53) o pai quis dizer [se prostituírem]. Evidencia-se, assim, a desigualdade de gênero e a violência velada que este estigma traz na vida das mulheres. Para Tulipa (53), a falta de estudos na idade certa foi um empecilho para que ela conseguisse uma vaga de emprego com salário melhor e com atividades menos sofridas. Devido a essas condições, o trabalho que Tulipa (53) conseguiu foi em um frigorífico, no qual atuou por 16 anos. Segundo ela, foi um ofício repetitivo, pesado e insalubre que lhe causou problemas irreversíveis de saúde. “Fiquei com síndrome do túnel do carpo bilateral, desgaste na cervical e depressão”, o que, segundo ela, essas doenças lhe trouxeram grandes dificuldades em sua vida, e são um desafio cotidiano para realizar as pequenas atividades do cotidiano.

A educação para Girassol (62) apresentou-se aos quatorze anos como um desafio a ser vencido, e superado. Quando ela frequentava o ensino médio, foi convidada a trabalhar de professora substituta. Sua trajetória escolar sempre foi mesclada com o trabalho

Eu tenho uma história de vida engraçada até, porque aos 14 anos eu fui professora pra substituir um professor que tinha passado no concurso do Banco do Brasil, ele não queria perder a vaga, então ele conversou com meu pai pra eu cuidar de setembro até dezembro aqueles alunos dele, ele ia acompanhar o dia a dia, os alunos bisseriados da 4ª série. Tinha uma outra professora que dava aula para o 2 e 3 e cada pouco ela vinha na minha sala pra ver se estava tudo sob controle. Naquele tempo a gente era merendeira, professora, tinha que limpar a sala e fazer tudo né. Eu com 14 anos dava conta da 4ª série. Um dia eu apanhei, um aluno ficou bravo e chutou a minha canela, eles respondiam porque eu era da idade deles, um pouquinho mais velha, mas enfim esse professor convenceu meu pai de que eu tinha que estudar, porque eu tinha potencial pra ser professora. Depois, durante a continuidade do ensino médio eu fui trabalhar numa loja de ferragens, e conciliava trabalho e estudos, numa rotina exaustiva. À noite eu não ia pra casa, ia direto pra escola, sem tomar banho, sem comer, só levava um pão enrolado num guardanapo com *chimia*<sup>39</sup> que muitas vezes azedava. Voltava 11 horas da noite, tinha que tomar banho, deitar e no outro dia tinha que estar cedo na ferragem, porque atendia pedreiros e eles chegam cedo (GIRASSOL, 62).

Do grupo entrevistado para este trabalho, como já mencionado, uma das mulheres é pós-graduada, Azaleia (73) estudou em um colégio filantrópico de freiras, ingressou na universidade logo após concluir o ensino médio, seguindo para a pós-graduação como nutricionista. Sua história de vida gira em torno de sua profissão. Ela foi morar ainda muito jovem em Porto Alegre/RS e lá ficou até se aposentar. Nunca casou, não tem filhos e retornou para a região extremo oeste de Santa Catarina após a aposentadoria. Azaleia (73) reside sozinha na antiga casa de seus pais, falecidos há alguns anos, no interior de Tunápolis. Tem seu próprio carro e dirigia mais de 40 km para se deslocar de casa até o IFSC, a fim de participar do Programa Mulheres Sim, em 2017. A renda de Azaleia (73) também é a maior do grupo. Ela relata que sofre de depressão e tem sequelas irreversíveis devido a complicações em um tratamento de saúde, por isso, segundo ela, sente dores crônicas que são aliviadas, assim como a solidão, ao estar em sala de aula com as colegas.

---

<sup>39</sup> Nome de origem alemã dado ao doce feito de frutas diversas e com forma pastosa, parecido com a geleia.

Para alcançar o objetivo de fazer graduação, Azaleia (73) não escapou de outras dificuldades pelas quais passam muitas mulheres, como o machismo, o assédio, a exploração e a violência. Ela descreve sua trajetória como: “uma lembrança que não sai da minha cabeça”, referindo-se a momentos que marcaram sua vida negativamente. A nutricionista aposentada conta que quando ainda era jovem foi trabalhar de doméstica na casa de uma família em Porto Alegre/RS para poder estudar. Além de enfrentar o preconceito em relação à função que exercia, não sendo a ela permitido sentar-se à mesa dos patrões, conta que foi assediada pelo dono da casa, que abusá-la. Em pânico, ela abandonou o local de forma repentina e nunca mais voltou para buscar seus pertences.

Duas mulheres da pesquisa, Orquídea (59) e Calêndula (65) cursaram apenas o ensino fundamental – anos iniciais. A baixa escolaridade interferiu negativamente para que elas tivessem acesso a trabalhos com remuneração mais alta. Orquídea (59) trabalhou 25 anos como empregada doméstica e Calêndula (65) também 25 anos como oleira, ambas para os mesmos patrões. Orquídea (59) relatou que após alguns anos de trabalho com nessa casa, pediu demissão e buscou outros trabalhos menos sofridos, contudo, devido à sua baixa escolaridade não conseguiu outro trabalho, e precisou pedir aos patrões que lhe contratassem novamente, assim se passaram 25 anos.

Conforme pesquisa realizada por Lisboa (2012) com 45 mulheres do (CRAS) de Florianópolis, com o objetivo focar a pobreza a partir de uma perspectiva de gênero, foi constatado que:

[...] este déficit na educação manifesta-se quando procuram ingressar no mercado de trabalho, ou seja, uma parcela significativa delas (treze) declarou estar desempregada e dez se assumem como “donas de casa”. Aquelas que exercem uma atividade remunerada possuem empregos como serviços de limpeza, empregadas domésticas, entre outros. Esta relação entre a falta de estudo e pobreza também apareceu em mais de um depoimento: Chama atenção as respostas de algumas mulheres que passaram por situações que implicam em mudanças irreversíveis na vida das mesmas (por exemplo, uma gravidez na adolescência) afetando as oportunidades de estudo e trabalho (LISBOA, 2012, p. 81).

Lisboa (2012, p. 82) destaca que, segundo os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da ONU, “sem educação de qualidade as mulheres não conseguem acesso a empregos bem pagos do setor formal, nem avanços na carreira muito menos participação e representação no governo com influência política”. Para a autora, “a importância da alfabetização feminina é enorme, considerando que as mulheres ainda constituem dois terços da população analfabeta mundial”. A exploração pelo trabalho está intimamente ligada à baixa escolaridade das mulheres, conforme verificou-se as duas egressas que têm somente o ensino fundamental fizeram trabalhos braçais e pouco remunerados por 25 anos ininterruptos, com os mesmos padrões.

Percebeu-se que as entrevistadas destacaram vários e diferentes acontecimentos referentes aos abusos e às violências vividas, mencionaram que esta não está restrita a nível social, educacional nem a renda ou profissão. Pode-se confirmar que a discriminação, a exploração e o assédio mencionados pelas egressas estão ligado ao “gênero mulher”, e são fomentados pela moldura machista da sociedade. A violência contra a mulher é o tema da próxima seção deste trabalho.

#### **4.1.2 A violência de gênero na voz das egressas do Mulheres Sim-SMO**

La violencia que enfrentan las mujeres contribuye a mantenerlas en la pobreza, y son las mujeres pobres quienes más expuestas están a esta violencia<sup>40</sup>. (EDAI, 2009, p 05)

---

<sup>40</sup> A violência que as mulheres enfrentam contribui para mantê-las na pobreza e são as mulheres pobres que estão mais expostas a essa violência. Tradução nossa.

Cotidianamente, as mulheres lutam para superar o desafio de serem mulheres num mundo machista. As marcas dessa violência, muito recente, ainda atormentam Tulipa (53) que, ao enfrentar um problema dessa natureza<sup>41</sup>, mesmo tendo buscado ajuda para punir o agressor, passou por uma segunda violência: a falta de atendimento adequado por parte do Estado às vítimas.

Não foi só na delegacia que me senti desprezada. Inclusive, fui até o CRAS pedir apoio com a psicóloga, fui umas duas ou três vezes pedir agendamento e eles nunca agendaram horário para mim, sabe eu me senti discriminada. [...]. Então ficou assim ficou um ciclo interrompido. Eu busquei ajuda e fui na delegacia da mulher porque eu sofri um assédio em público, e não quiseram fazer a medida protetiva. O homem me vigiava e me perseguia e não me deram medida protetiva (TULIPA, 53).

A violência de gênero não está restrita aos abusos sexuais e à intimidação por parte dos homens. Talvez essa seja a violência mais aparente e a mais temida pelas mulheres, devido ao sentimento de incapacidade para lidar tanto com a situação e as suas consequências. Acrescenta-se a isto a falta de atendimento qualificado dos órgãos que as deveram proteger, e principalmente, com os apontamentos e julgamentos que a sociedade faz das vítimas, as mulheres são vitimadas duas vezes, ou várias vezes. Rodrigues e Almeida (2015 *apud* CASAGRANDE *et al.*, 2018, p. 2) dizem que, em suma, a igualdade de gênero ratifica o princípio da dignidade humana. Por certo, todos os indivíduos possuem o direito de viver dignamente, resguardados sob condições de autonomia e segurança. Contudo, os autores admitem que no cenário brasileiro esse debate ainda é fraco frente aos países com maior tradição democrática oriunda de um modelo de Estado social consolidado.

Prova disso, no Brasil contemporâneo o “silêncio” institucional e midiático em relação a “violência de gênero” se tornou um obstáculo no reconhecimento dos maus-tratos às mulheres. Somente na década de 1990 o termo começa a ser utilizado de

---

<sup>41</sup> Não explicitaremos o caso para não expor a informante.

maneira perdurável, viabilizado pelos discursos na Conferência Mundial para os Direitos Humanos em Viena, na Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação da violência contra a mulher e na Convenção Interamericana para prevenir, sancionar e erradicar esse tipo de violência (FRANÇA, 2015 *apud* CASAGRANDE, *et al.* 2018, p. 2).

Tulipa (53) relata que teve uma injeção de ânimo após participar do Programa Mulheres Sim, sentiu-se como gente que é capaz. “ Descobri que a gente não precisa ficar só em casa, cuidando dos afazeres e da família; percebi que a gente pode sim se inserir novamente na sociedade. A mulher precisa buscar o conhecimento e o aperfeiçoamento, não importa a área onde que ela atua, ela consegue se inserir novamente no mercado” (TULIPA, 53).

Lírio (27) destacou que a palestra sobre violência doméstica e direitos da mulher, que assistiu durante o programa em 2018, lhe marcou muito. Ela observou que, aqui no Brasil o machismo é muito mais forte que no Haiti, seu país de origem. Relatou ter ficado impressionada com os casos de feminicídio divulgados pelos noticiários brasileiros, nos quais as mulheres são assassinadas por motivos fúteis, como em casos de separações conjugais.

Eu posso dizer que é novidade sim, porque aqui no Brasil as mulheres morrem mais do que lá. Por que lá no Haiti se um homem tem uma mulher e ela não quer mais continuar ele é só deixar. Não é como aqui, eu vi na televisão que os homens matam as mulheres porque elas deixaram os homens, por isso matam. Não é assim lá no Haiti (MARLINI, 27).

Essas notícias que assustam a haitiana recém-chegada ao Brasil incluem registros de crimes que mancham a região do extremo oeste catarinense como um dos lugares do Brasil onde acontecem mais feminicídio. Os números abaixo dizem respeito a registros de crimes praticados em contexto de violência doméstica contra mulheres exclusivamente na cidade de São Miguel do Oeste (excluindo-se, portanto, atendimentos de adolescentes e crianças), conforme disposto no quadro que segue.

Quadro 8 - Casos de violência doméstica do município de São Miguel do Oeste entre 2017 e 2018.

2017	2018
Lesão corporal: 112 registros. Injúria/difamação/calúnia: 174 registros. Estupro: 02 registros. Dano: 29 registros. Ameaça: 271 registros. Incêndio: 01 registro. Feminicídio: 01 registro (consumado) e 03 registros (tentativa).	Lesão corporal: 92 registros. Injúria/difamação/calúnia: 129 registros. Estupro: 02 registros. Dano: 26 registros. Ameaça: 224 registros. Feminicídio: 02 registros (tentativa).

Fonte: DPCAMI, São Miguel do Oeste<sup>42</sup>.

A partir dos casos de violência do município de São Miguel do Oeste, que é um município considerado de médio porte, pode-se dizer que são elevados. Levando-se em consideração que essas ocorrências não somente de mulheres, sem considerar os casos com crianças e idosos. Quando acontece a violência à mulher ela não fica restrita às mulheres, considerando que são mães, companheiras, avós, filhas, pode afirmar que a violência é familiar, atinge todas as pessoas que convivem naquele ambiente violento e agressivo. As crianças que não aparecem nos registros do quadro acima, também estão expostas ao meio de socialização violento. É importante levar em consideração que muitos casos não chegam a ser mencionados nos registros, muitas mulheres sofrem violência e não fazem boletins de ocorrência pelos mais diversos motivos, seja dependência economia, falta de apoio para sair da situação opressora, medo e inseguranças, dentre outros. Um premiado documentário feito pelo Diário Catarinense em 2017 com mulheres residentes no exteooeste catarinense, revela a situação de violência sofrida pelas mulheres do campo: (Sozinhas, violência contra as mulheres que vivem no

---

<sup>42</sup> Estes dados foram enviados por e-mail à pesquisadora pela DPCAMI de SMO, delegada Lisiane Junge.

campo).<sup>43</sup> É importante ressaltar que mesmo que o documentário traga registros de casos de violência no campus, precisa-se considerar que esses casos não se restringem às camponesas, e representam a violência sofrida por todas as mulheres na região.

Quanto às normativas do Estado para coibir a violência, temos na Constituição de 1988, no capítulo VII, Art. 226, onde consta que “A família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado; § 8º O Estado assegurará a assistência à família na pessoa de cada um dos que a integram, criando mecanismos para coibir a violência no âmbito de suas relações.” (BRASIL, 1988). De forma muito genérica, esse já não atende as demandas para coibir a violência contra as mulheres e a punição dos agressores, assim como, trabalhar no combate à discriminação de gênero e ao machismo e os seus efeitos na sociedade.

Visando um Estado mais atuante, protetor e punitivo, a partir dos anos dois mil foram promulgadas leis que visam dar mais segurança jurídica às mulheres, assim como prevenir a violência doméstica e punir mais severamente os agressores. São aparatos do Estado que incidem em ações diretas para a sociedade. Dentre essas, cita-se a Lei Maria da Penha (LEI Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006) em seu artigo 2º diz que toda mulher independente de classe, raça, etnia, ou qualquer outra situação tem especial proteção do Estado:

Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos

---

<sup>43</sup>Documentário do DC disponível no You Tube: [http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/violencia\\_contra\\_mulheres\\_do\\_campo/index.html](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/violencia_contra_mulheres_do_campo/index.html). A reportagem multimídia "Sozinhas" nasceu da percepção de nossa repórter de que era preciso retratar a violência contra mulheres no campo. Trabalhadoras rurais de Santa Catarina denunciam a cultura de dominação masculina marcada por agressões físicas, psicológicas torturas e abusos sexuais. Sem vizinhos, em lugares com dificuldades de comunicação, distantes de serviços de proteção, como polícias e abrigos, essas agricultoras enfrentam uma realidade marcada pela intolerância que muitas vezes resulta em feminicídio.

fundamentais inerentes ao ser humano, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social (BRASIL, 2006).

Em 2015, a Lei do Feminicídio (lei nº 13.104, de 9 de março de 2015) alterou também o Código Penal brasileiro para incluí-la no rol dos crimes hediondos. Define feminicídio como em seu capítulo VI - “contra a mulher por razões da condição de sexo feminino.” § 2º-A Considera-se que há razões de condição de sexo feminino quando o crime envolver violência doméstica e familiar; - menosprezo ou discriminação à condição de mulher. Destaca-se que a Lei do Feminicídio alterou também o Código Penal Brasileiro para que este fosse incluído no rol de crime.

Altera o art. 121 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, para prever o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e o art. 1º da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, para incluir o feminicídio no rol dos crimes hediondos (BRASIL, 2015).

Para além dos meios legais que visam a diminuição dos índices de violência doméstica e de gênero, a sociedade busca novas formas de sensibilização e ação, como o diálogo aberto entre homens e mulheres, publicizando o tema e possibilitando uma abertura para as manifestações dos anseios e sentimentos masculinos, além de ofertar atendimento qualificado psicossocial dos agressores.

A ONU Mulher no Brasil busca novas formas de abordagem do tema violência de gênero, através da conversa entre os próprios homens, visando despertar a sensibilização masculina através do movimento denominado de ElesPorElas *HeForShe*<sup>44</sup>, em parceria com várias instituições parceiras do projeto Papodehomem.

---

<sup>44</sup> O movimento global ElesPorElas HeForShe liderado pela ONU Mulheres está voltado à igualdade de gênero e ao empoderamento das mulheres (ONU MULHER).

O projeto Papodehomem que “tem como objetivo engajar homens e meninos para relações de gênero sem atitudes e comportamentos machistas” e pela busca da compreensão de mudança de paradigmas culturais machistas, apoiou uma pesquisa<sup>45</sup> com mais de 40 mil brasileiros, entre homens e mulheres, realizada em 2016 que deu origem ao documentário “O Silêncio dos Homens” de agosto de 2019 disponível no Youtube em em livro. O resultado da pesquisa, disposta no documentário, demonstra que dentre 10 homens apenas dois falam abertamente sobre seus sentimentos, chamado de “rigidez psicológica”, “os homens sufocam seus sentimentos devido aos mandamentos da masculinidade”<sup>46</sup> e os resultados dessa rigidez muitas vezes se refletem nas agressões, violências e demonstrações de poder masculino diante das mulheres. Outra situação relatada foi a o surgimento da depressão nos homens, devido a naturalização do machismo que inibe a demonstração dos seus sentimentos (ONU MULHER, 2020).

Segundo os organizadores do projeto, O Silêncio dos Homens, é necessário investir em ações para engajar homens e meninos pela busca da compreensão de mudança de paradigmas culturais machistas. Sobre o filme resultante da pesquisa descrita acima, os organizadores destacam que foi “Um filme único sobre as dores, qualidades, omissões e processos de mudança dos homens” que retrata um pouco do trabalho de várias pessoas por trás de inúmeras iniciativas no Brasil como: Projeto Memoh, Homem Paterno, PrazerEle, Roda5070, Afropai, SERTA, Lá da Favelinha e várias outras”. (ONU MULHER, 2020).

---

<sup>45</sup> Realizada com Zooma Inc., consultoria do especialista Gustavo Venturi e apoio institucional da ONU Mulheres. A pesquisa em parceria contou também com o Consórcio de Informações Sociais (CIS) da USP e a Natura (ONU MULHER).

<sup>46</sup> Significa ser bem-sucedido profissionalmente, não agir de modos que pareçam femininos, não levar desaforo pra casa, dar em cima das mulheres sempre que possível, não expressar emoções, dentre outros. Para mais informações acesse: <https://papodehomem.com.br/o-silencio-dos-homens-documentario-completo/> (ONU MULHER).

Nessa mesma lógica e na perspectiva de mudança de foco nas ações de combate à violência doméstica e de gênero, através de novas metodologias que se proponham a atender os agressores para uma nova sociabilidade livre do machismo, Meller (2020) cita que em 2017 foi criado o “Programa BASTA”, em São Miguel do Oeste. A iniciativa é uma parceria entre a Delegacia de Proteção à Criança, Adolescente, Mulher e Idoso, Poder Judiciário e uma universidade local. O objetivo do programa é auxiliar o agressor no reconhecimento do contexto da violência em que está inserido e contribuir na superação de comportamentos agressivos.

Dentre as entrevistas a forma mais explícita de violência ocorreu com Tulipa (53), este fato marcadamente machista reflete a naturalização da violência de gênero que tanto a o projeto BASTA quanto a ONU Mulher tentam reverter, através do tratamento dos agressores e das conversas de homens e meninos sobre a cultura machista, respectivamente.

Além do relato de Tulipa (53) outras mulheres participantes da pesquisa destacaram que passaram por diversos momentos de violência de gênero, para além da violência física, que é mais visível, também o fenômeno da exploração do seu trabalho. Orquídea (59) relata que os patrões com quem trabalhou 25 anos não tinham “consideração” por ela “eu tinha que estar no trabalho às 7:30 horas ou 8:00 horas e sair às 19 horas da noite, mas eu aguentei por 25 anos porque eu tinha um filho pra criar, ela descreve o seu trabalho como: “como eu era sozinha e o apartamento tinha 22 peças, além de lavar, passar, cozinhar e limpar eu não conseguia, era muito sofrido”.

Outra forma de exploração do trabalho e violência de gênero e racial foi descrita por Calêndula (65), ela trabalhou 25 anos e 10 meses numa olaria. Contudo mesmo antes de estar neste trabalho já teve sua vida marcada pela pobreza que a afastou da escola, “Eu parei no 4º ano porque eu tinha que trabalhar, tudo era difícil não tinha como ir na escola”. Quando Calêndula (65) conseguiu um emprego na casa de uma família, não recebia nada pelo seu serviço, “ela [a patroa] não dava salário, eu não tinha nada, nada, nada, não me dava nada! Ela só me usava”.

Eu trabalhei muito, muito, muito, muito! Eu trabalhei na casa de uma família, na época eu tinha 27 anos e um filho de 2 anos, eu morava junto com a mulher da casa eu cuidava de dois filhos, fazia pão, lavava roupa e ela trabalhava numa olaria, eu sempre pedia se lá tinha vaga pra mim e ela sempre dizia que não! Porque eles não pegavam pretos, isso me doía muito, porque eu não ganhava salário, ela não me pagava nada (CALÊNDULA, 65).

Os relatos sugerem que a situação econômica de pobreza, a baixa escolaridade e a necessidade de sobrevivência foram dos fatores que mantiveram as mulheres presas a essas situações de opressão e violência de gênero.

La pobreza, para las mujeres, es a la vez causa y consecuencia de la violencia. Las mujeres que sufren violencia física, sexual o psicológico pierden ingresos y ven afectada su capacidad productiva. La violencia contra las mujeres también empobrece a sus familias, comunidades y sociedades. Por otra parte, la pobreza hace que les resulte más difícil encontrar la manera de escapar de relaciones abusivas. Aunque la independencia económica no las protege de la violencia, el acceso a recursos económicos puede aumentar su capacidad de hacer elecciones efectivas. Una mujer que es económicamente dependiente de su pareja puede no ver una manera viable de mantenerse y mantener a sus hijos e hijas. (EDAI, 2009, p 05).

A discriminação racial e a exploração do trabalho feminino são marcas que as mulheres carregam para o resto de suas vidas. Contudo, elas buscam apoiar outras mulheres para que através da educação e qualificação profissional tenham uma vida mais equânime, digna e justa, livre de sofrimentos.

Margarida (51) entende que a “parte financeira às vezes interfere muito na decisão de sair ou continuar em uma situação de sofrimento e violência”. Ela entende que é difícil para uma mulher se libertar de uma situação de exploração e opressão em que se encontra, quando não tem autonomia financeira. Quando perguntado se o Programa Mulheres Sim contribui para o empoderamento das mulheres, ela responde que: “Então, depende de várias coisas. Mas o curso com certeza ajuda a despertar a ver outras possibilidades, ver que tem outros meios de obter renda para se sustentar e sustentar seus filhos. Se ela não consegue ter emprego fora de casa, consegue fazer artesanato, consegue produzir pão, com alimentos de qualidade que vai conseguir comercializar. Então é um começo para que a mulher não dependa do homem”.

As falas das egressas mostram que elas têm reconhecem que a educação e a qualificação profissional são importantes para que as mulheres sejam independentes financeiramente. Assim como, o trabalho é uma ferramenta para o empoderamento das mulheres frente ao machismo e as mais variadas formas de violência de gênero.

Eu diria [às mulheres] não fiquem em casa! Primeiro passo, não fiquem em casa! Vão em busca, buscam a realização dos sonhos, eles se tornam realidade, mas não é ficando em casa que nós conseguimos, nós temos muitos lugares, muitos órgãos que dão esse apoio, escolas, onde tem cursos, procurem cursos profissionalizantes onde nós podemos ir e buscar. E tem cursos gratuitos onde tem ótimos professores, excelentes professores para ensinar o que elas sabem, a passar o que elas sabem, e com isso vocês também conseguem mais renda extra pra dentro de casa. Tudo isso se reflete numa vida melhor para vocês e seus filhos (ROSA, 50).

Azaleia (73) diz que acha que as mulheres ainda são muito dependentes dos homens e por isso, muitas vezes subordinadas à violência doméstica. Ela diz que quando tem a oportunidade de estar entre um grupo de mulheres, muitas vezes chama a “atenção” [interfere] quando essas fazem algumas falas: “por exemplo quando eu escuto uma mulher dizer assim: - eu tenho que perguntar para o marido. - Eu não sei se eu posso ir tenho, tenho que pedir para o marido”. Para a entrevistada as discussões sobre feminismo durante as palestras que assistiu durante o programa, lhe deram conhecimento para orientar e ajudar outras mulheres a se empoderarem, “tinha outras coisas também sobre o feminismo que eu assisti nas palestras: como a gente tem que se conhecer, que a gente tem que trabalhar, e que na hora quando a gente se encontra com as mulheres precisa chama a atenção sobre isso”. Azaleia (73) vê os encontros com outras mulheres como uma oportunidade de conversar e educar às mulheres para se libertarem do machismo, utilizando-se de conhecimentos adquiridos nas palestras sobre este tema, que assistiu durante o programa. As entrevistadas sinalizam para alguns caminhos possíveis para o empoderamento das mulheres. Percebem que o trabalho deveria ser um espaço de socialização, reconhecimento, valorização e um meio de subsistência e fortalecimento feminino. Diante deste contexto, o mundo do trabalho atendeu as expectativas das nossas entrevistadas?

### 4.1.3 O Programa Mulheres Sim e as reflexões acerca do trabalho feminino

“Queremos construir para as mulheres um mundo do trabalho diferente. Conforme as meninas cresçam, elas devem ser expostas a um vasto leque de carreiras e encorajadas a fazer escolhas que as levem além dos serviços tradicionais e de cuidado, para profissões na indústria, na arte, no serviço público, na agricultura moderna e na ciência”, disse Phumzile<sup>47</sup> (ONU, 2017).

A prioridade pelo sustento dos filhos e a manutenção do básico como alimentação, moradia, estudo, saúde aparecem para seis das oito entrevistadas como motivos que obrigaram às mulheres

É pelo trabalho que as mulheres buscam a autonomia, o sustento, o apoio social e a superação de diferentes tipos de exclusão social que lhes são impostos.

Para Telles (2015, p. 113), o mundo do trabalho envolve elementos que fazem parte do contexto da vida dos indivíduos. Para a autora, o trabalho “permeia a esfera subjetiva, política, ideológica, cultural, econômica, social e dos valores que pautam ações práticas concretas da atividade de trabalho”. Em seu entendimento, é todo o aparato que consolida as relações de trabalho, o meio ambiente, as trocas de informações que se apresentam nas relações, no transcorrer da vida de cada pessoa, dos grupos e da sociedade (TELLES, 2015, p. 113).

Enquanto que para Marx (1985), é pelo trabalho que o homem se constrói como ser social. Para Simone de Beauvoir (2012), é pelo trabalho que a mulher vem diminuindo a distância que a separava do homem, garantindo-lhe uma independência concreta. Quando as entrevistadas foram questionadas sobre suas vidas e a relação com o trabalho, as histórias não foram mais amenas do que as anteriores, ao discorrerem sobre a questão da violência. Contudo, após a participação no Programa Mulheres Sim, três mulheres (Margarida (51), Rosa (50),

---

<sup>47</sup> Diretora-executiva da ONU Mulheres, Phumzile Mlambo-Ngcuka, ONU Mulheres (ONU MULHERES, 2020).

Tulipa (53) e Girassol (62) afirmaram perceber outras possibilidades para a complementação e geração de sua renda familiar.

Conforme Freitas (2016, p. 1), na década de 1970 foi o psicólogo americano Juliam Rappaport, professor emérito da Universidade de Illinois em Urbana-Champaign em Urbana EUA que introduziu o conceito de “empoderamento” no serviço social e na psiquiatria social, em 1977. Para ele, seria necessário “repensar o novo”, repensar criticamente as premissas e as abordagens básicas dos serviços de atendimento dos humanos, dentre esses, a educação e outras áreas de pesquisa e ação comunitária precisam partir de uma abordagem que leve em conta o ambiente e o contexto em que as pessoas vivem a fim de avaliar melhor os problemas sociais, e enfrentá-los adequadamente.

O trabalho para as mulheres é um dos meios para a superação das dificuldades financeiras, também é fonte de afirmação como pessoa no mundo. Segundo o relato de Calêndula (65), sua vida profissional como oleira durante “25 anos e 10 meses” (ela fez questão de indicar o tempo preciso de trabalho), na mesma olaria foi marcada por uma sequência de enfrentamentos de uma realidade cruel. Diz ela que: “cada dia era uma provação da sua capacidade de superação”, referindo-se aos sofrimentos cotidianos.

A história de trabalho descrita por Calêndula (65) narra episódios de exploração, discriminação racial e de gênero, sofrimento físico, humilhações, e por uma profunda determinação de sua parte.

Eu trabalhei muito, muito, muito, muito! Eu trabalhei na casa de uma família, na época eu tinha 27 anos e um filho de 2 anos, eu morava junto com a mulher da casa eu cuidava de dois filhos, fazia pão, lavava roupa e ela trabalhava numa olaria, eu sempre pedia se lá tinha vaga pra mim e ela sempre dizia que eles não pegavam pretos, isso me doía muito, porque eu não ganhava salário, ela não me pagava nada (CALÊNDULA, 65).

Calêndula (65) descreve que sentia “uma dor” pela discriminação racial que sofreu enquanto era “usada” como empregada doméstica. Segundo ela, a sua patroa na época lhe dizia

que ela não conseguiria outro trabalho, em outros lugares porque “os outros patrões não contratavam uma preta.” Ela enfrentou a patroa e foi em busca de um trabalho que lhe desse condições para sustentar o filho.

Ela não dava salário, eu não tinha nada, nada, nada, não me dava nada! Ela só me usava, aí um dia eu pensei assim, um dia eu tinha um menininho, hoje ele é o meu filho mais velho, ele tinha dois aninhos. Aí eu disse assim para ele - hoje tu ficas em casa, eu fechei a casa dei um pedaço de pão para ele, e disse fica dentro de casa que eu vou arrumar um serviço para comprar as coisas para ti. Falei para ele que ele ficar fechadinho em casa, ele ficou lá e eu fui na olaria pedir emprego. Eu disse assim para mim - eu tenho fé em Deus, eu vou ver se eu consigo. Eu cheguei lá eu disse assim para o homem se tinha trabalho pra mim, disse que tinha um filho e precisava e ele me contratou. No outro dia eu fui trabalhar e a patroa disse. - tu não levou a minha roupa hoje? Eu não lavei a roupa dela, só cuidei das crianças que não tinha nada a ver. Eu disse: “eu vou trabalhar que eu posso ganhar um salário, eu mereço também ganhar um salário”. Ela ficou brava comigo, ela chegou a chorar, ela queria que eu trabalhasse de graça. Mas mesmo que ela dizia que o dono não ia pegar uma preta, eu tinha fé que Deus vai me ajudar, e deu certo (CALÊNDULA, 65).

Após o desafio de sair da “exploração” como doméstica, Calêndula (65) passou a trabalhar com carteira assinada em uma olaria. Contudo, ela passou por muitos outros desafios tão difíceis quanto os anteriores, “o salário que eu ganhava dava só pra comprar um tênis”. Em trechos de sua fala percebe-se que ela se mantinha submissa e dedicada durante o trabalho para poder ter um salário melhor, em consequência de que seu salário já era muito pouco, “daí eu comecei a trabalhar na olaria, eu ficava quieta, eu não conversava com ninguém, fazia os piores trabalhos... [...] “porque elas [as colegas] conversavam e eu não, elas me criticavam como é que eu ganhei mais que elas? O Patão disse é porque ela mereceu faz o serviço bem feito”! Calêndula (65) diz que foram 25 anos de trabalho que deixaram marcas que não saem de sua memória, conforme ela descreve com detalhes alguns acontecimentos nesses 25 anos de trabalho na mesma empresa.

[...] minhas pontas dos dedos estavam sempre sangrando, tinha que amarrar pano nas pontas e cada vez eu tirava e sangrava, não sarava nunca. Eu não conversava com ninguém, fiquei 25 anos e 10 meses na olaria, eles pegou confiança em mim. O Salário que eu ganhava dava só pra comprar um tênis. Depois de 10 anos que eu tava lá e ele [o patrão] pegou confiança em mim e me deixou de chefe da equipe das máquinas de fazer tijolo. Uma vez eu achei dinheiro no chão. A irmã do dono não queria que eu

entregasse o dinheiro, queria que nos dividíssemos, mas não. Eu devolvi e o dono me deu uma pia de madeira e uma bolsa de batatinha. Outra vez ele me disse: eu vou subir lá no centro e daí eu vou ligar para ti, você segura a chave do escritório quando tocar o telefone tu desligas as máquinas e manda os peões embora e espera aqui, que eu vou te dar um dinheiro (CALÊNDULA, 65).

Na sequência Calêndula (65) descreve que não mandou os outros peões embora, conforme orientação do patrão, mas pediu que todos se escondem atrás das máquinas, e quando o patrão chegou com o dinheiro, chamou todos para e pediu que o patrão dividisse o dinheiro entre todos, segundo ela, eles estavam há mais de três meses sem receber salário “Eu disse, isso não é justo eles também merecem receber, eles precisam, estão sofrendo, é muito difícil as pessoas sem comida”!

Ela refere-se aos 25 anos de trabalho como um período de “sofrimentos e de fome”, e também como tempo de afirmação como “mulher forte”. Percebe-se em suas falas que, mesmo tendo sido exposta e suportado todos os sofrimentos relatados por durante anos, “minhas pontas dos dedos estavam sempre sangrando, tinha que amarrar pano nas pontas e cada vez eu tirava e sangrava, não sarava nunca”, não foram suficientes para lhe tirar a alegria de viver, a vontade de aprender, a compaixão e a solidariedade, “Eu ajudo todo mundo, até os mendigos”. Calêndula (65) exalta o sentimento de orgulho por ter trabalhado na olaria, e fazê-lo bem-feito, sentir-se incluída no mundo pelo trabalho, mesmo que precário: “Depois de 10 anos que eu tava lá, ele [o patrão] pegou confiança em mim e me deixou de chefe da equipe das máquinas de fazer tijolo ”.

A vida de Calêndula (65) é parecida com a vida de muitas mulheres pelo mundo. Um estudo publicado em 2009 pela (EDAI) Anistia Internacional denominado (La Rampa Del género Mujeres, Violencia y Pobreza)<sup>48</sup>, no qual aparece fortemente na escala mundial que a

---

<sup>48</sup> A rampa do gênero mulher, violência e pobreza. Tradução nossa.

maioria dos pobres no mundo são mulheres. O estudo questiona o emprego do termo “poder” e a relação desigual de “poder” de gênero no mundo do trabalho.

A escala mundial, la mayoría de las personas que viven en la pobreza son mujeres: más del 70 por ciento, de acuerdo con cálculos de la ONU.<sup>1</sup> ¿Por qué más de dos tercios de las personas pobres del mundo son mujeres, si éstas constituyen tan sólo la mitad de la población mundial? [...] La violencia que enfrentan las mujeres contribuye a mantenerlas en la pobreza, y son las mujeres pobres quienes más expuestas están a esta violencia. Muchas mujeres que viven en barrios marginales experimentan violencia e inseguridad a diario tanto en sus hogares como en la calle. Las que realizan tareas mal remuneradas en el sector informal a menudo trabajan en condiciones deplorables. Las trabajadoras migrantes que buscan mejores oportunidades económicas en el extranjero se enfrentan a explotación y violencia a manos de sus empleadores o de redes delictivas (AMNISTÍA INTERNACIONAL, 2009, p. 05 e 06).

É forte e representativa a ligação que existe entre o acesso à educação e as possibilidades de melhores condições de vida e trabalho. A educação e a qualificação profissional são um meio para a superação da pobreza, assim como é um objetivo do Programa Mulheres Sim, a superação das vulnerabilidades sociais das mulheres. Para Calêndula (65), estudar no chamado “tempo certo” foi impossível. Como conciliar o trabalho exaustivo na olaria, com a criação dos dois filhos, os trabalhos domésticos e os estudos? Assim, a volta às aulas aconteceu somente quando dona Calêndula (65) já estava aposentada! E agora? Ainda é possível que o Programa Mulheres Sim proporcione mudanças no seu cotidiano, como mais renda e melhor qualidade de vida?

Quando perguntado se Calêndula (65) obteve renda depois de participar do programa, ela disse que isso não aconteceu. Mas faz referência aos trabalhos manuais, artesanatos, costura de sacolas e capas para celular que aprendeu durante o programa, mas que não faz para vender porque não tem máquina de costura. Diz que aprendeu também outras coisas que considera importantes durante o curso, como: economizar energia em casa, a reaproveitar coisas usadas e a não comprar produtos desnecessários. Ela relatou que aprendeu sobre como se apresentar para pedir emprego e, quanto a isso, segundo ela, algumas pessoas podem conseguir um trabalho, e isso ela ensinou para sua filha: “Como se arrumar, saber falar, se apresentar quando vai pedir

emprego. Não ir toda suja”, explica ela. Calêndula (65) é uma pessoa de cheia de vida e determinada, não tem doenças e vê todas as dificuldades por que passou por muitos anos como “um período em que fez o que era necessário naquele momento” e descreve com orgulho as coisas que conquistou com o seu trabalho e o de seu esposo. Seu sonho é aprender a costurar.

Diante das dificuldades com a perda do esposo, em 2006, Rosa (50) se descobriu como empreendedora. Ela relatou que no início fazia qualquer coisa que sabia para vender e ganhar dinheiro, como bolos, bolachas e cucas. Com o passar dos anos, descobriu-se como artesã de patchwork e quilt, e bem recentemente, professora de patchwork.

Através dos conhecimentos adquiridos no Mulheres Sim, principalmente nas disciplinas de empreendedorismo e matemática, ela afirma ter descoberto um novo olhar de gestora e sua renda foi melhorando diante da aplicação dos conhecimentos advindos. Segundo ela, com a participação no Mulheres Sim, aprendeu a organizar a parte administrativa de seu negócio, antes muito amador e agora um atelier de patchwork. Sobre os impactos na sua vida pela participação no programa, ela discorre:

Eu tenho crescido, aplico no meu negócio: todo o aprendizado dos cálculos que eu aprendi sobre custo-benefício, comecei bem pouquinho de 2015 para cá hoje, quando eu tinha um armário multiuso pra guardar meus tecidos hoje eu estou com cinco. Eu estou com duas máquinas a mais, porque eu tinha só uma na época. Ponta de estoque que eu tenho hoje eu posso trabalhar, acho que por meio ano, já que eu tenho linhas e tecidos, onde eu comprava tecido de 30 cm no máximo hoje eu estou comprando com fornecedores de fábrica, então eu faço as compras da minha matéria prima, direto de fábrica. Então eu fiz um progresso muito grande, ele (o Mulheres Sim) deu uma base para mim, fez uma grande diferença, ele se formou numa base sólida, então eu tive um crescimento muito grande de lá para cá. Como já citei, desde máquinas, de lá para cá também fiz a minha própria sala dentro de casa, porque na época (2015) que eu tinha na época um negocinho dentro da sala da minha casa era tudo misturado sala e tal. Então meu espaço se tornou pequeno, e hoje eu fiz a própria sala do atelier. Eu chamo de atelier, não está 100 % ainda como ele está no projeto, mas está sendo um atelier (ROSA, 50).

Tulipa (53) foi questionada se o Programa Mulheres Sim contribui para que as mulheres consigam aumentar a renda familiar. Ela relatou que sim e indicou alguns pontos importantes sobre os rumos do seu trabalho após 2015.

Para mim, agregou valor na minha renda. Porque eu busquei um nicho de mercado que são as casas de gato e arranhador, casa para cachorro, cama para cachorro, e isso hoje é bastante procurado, então eu consegui agregar na minha renda. Inclusive esse ano eu participei da FAISMO, eu aluguei no barracão dos “artesanatos da Tulipa”. Tulipa diz que hoje tem reconhecimento pelo trabalho realizado: Quando a gente vai nas feiras no IFSC eu sempre sou convidada a demonstrar e a vender os meus produtos, isso agrega valores na minha agenda, porque o meu artesanato assim é um artesanato bem-aceito, pelos meus clientes que visitam o meu Estande sempre (TULIPA, 53).

O Mulheres Sim conta com um evento de extensão denominado Projeto Feira de Economia Solidária, que tem a intenção de promover a divulgação e a venda de produtos produzidos pelas alunas. Tulipa (53) teve grande êxito com a venda de seus produtos artesanais, através da participação na feira.

As mudanças na vida de Tulipa (53) correlacionam o Programa Mulheres Sim à projeção visual de seu trabalho como artesã. A edição do programa da qual ela participou, em 2015, tinha aulas práticas de artesanato. Ela diz que: “No artesanato também se aprende novas técnicas, e o Mulheres Sim ajudou para diversificar o meu leque de artesanatos”. Aposentada, já fazia casas de gatos artesanais para vender e ter uma renda extra. Durante o programa, surgiu a possibilidade de aperfeiçoar o seu trabalho e a ideia de formalizar uma incubadora através da formação de um grupo de artesãs. Segundo ela, a incubadora surgiu pelo auxílio e assessoria de alguns servidores do IFSC. A associação chamou-se ATEAR, Associação de Talentos e Artes.

Percebe-se que, na história de vida das mulheres, narradas por elas mesmas, o programa proporcionou aumento da renda familiar para Tulipa (53) e Rosa (50) que participaram do programa em 2015, e para Girassol (62) e Margarida (51) que foram alunas em 2017, na medida em que a aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala, nos laboratórios e nas aulas práticas puderam ser aplicados no cotidiano de trabalho. A aplicabilidade dos conhecimentos de artesanato, empreendedorismo, na área alimentícia, hortifrutigranjeiros fez diferença na renda daquelas que já desenvolviam atividades de trabalho nesses ramos. Enquanto não aumentaram a renda de Lírio (27), Orquídea (59), Calêndula (65) e Azaleia (73).

Verificou-se que o Mulheres Sim proporcionou melhor qualificação principalmente em duas áreas: no empreendedorismo para Tulipa (53) e Rosa (50) em 2015, e na área agrícola para Margarida (51) e Girassol (62), em 2017.

Ela melhorou sim. Ela melhorou muito, porque a gente conseguiu fazer os cálculos, eu aprendi a fazer melhor os cálculos do meu produto, de ter o custo o benefício e o lucro também. Então o meu progresso de lá para cá eu vejo que foi muito grande né (ROSA, 50).

Para mim agregou valor na minha renda. Porque eu busquei um nicho de mercado que são as casas de gato e arranhador, casa para cachorro, cama para cachorro, e isso hoje é bastante procurado, então eu consegui agregar na minha renda (TULIPA, 53).

Rosa (50) vai além e diz que repassa as informações sobre empreendedorismo para suas alunas, “porque geralmente elas não sabem calcular o valor do produto que fazem para vender. Não sabem calcular a sua hora de trabalhos”.

Eu consigo passar isso elas, porque é uma das principais coisas, principal, eu diria, que elas não sabem fazer. Elas vêm pedir: por quanto que eu posso vender essa capa de térmica? Aí eu ensino da forma correta para elas calculem também. Daí elas dizem: Mas como todo esse valor? Por onde que ele surge? Então eu dou explicação sim a ela. Por onde que surgiu esse valor, para elas poderem calcular o preço. Eu consigo repassar isso a elas (ROSA, 50).

Margarida (51) diz que, no curso, aprendeu muitas coisas nas aulas de panificação que lhe são úteis, assim como, ampliou os conhecimentos na área agrícola e de gerenciamento da propriedade, a matemática teve grande influência nesse processo. Ela diz que a renda não mudou radicalmente, mas a aplicação desses conhecimentos alterou de uma forma benéfica o jeito como ela desenvolve suas atividades no cotidiano. Para Margarida (51) e Girassol (62) o aumento da renda teve menor ênfase do que para as artesãs:

Mudar radicalmente não! Mas com certeza soma muito a questão de comercialização, de calcular na matemática ajudou, a importância do associativismo e do cooperativismo a questão de valorizar este lado ajudou muito nas decisões a partir dali, né. Eu acho que assim de mudança radical não teve não sei dizer (MARGARIDA, 51).

Girassol (62) e o esposo são aposentados com renda mensal de um salário mínimo. Eles moram em uma propriedade rural onde criam galinhas, vendem os ovos, batatas, feijão, milho verde, arroz, tudo orgânico, enfim, o excedente do que é produzido. Ela relata que: “Eu adorei as aulas das Mulheres Sim, porque o professor ensinou a gente a fazer as contas”. Sobre o aumento da sua renda após a participação no programa Girassol (62) diz que:

Mudou porque eu aprendi a agregar valores Adriana. Eu muitas vezes vendia e pensava: - Há a gente mesmo produz... eu não sabia agregar valor pelo trabalho. Pensava não eu só em somar os gastos que me deu. Tipo a galinha, ela comeu uma bolsa de milho então vou vender a tanto e ta ta, e não contava o meu trabalho. Ai, com a explicação do professor de que tem que agregar valores, (Cherilo), mas enfim, daí a gente agora faz a conta e acrescenta quantas horas a gente trabalhou para produzir aquilo. Então, agregou valores e a valorização da qualidade, como é orgânico, eu não me preocupava com isso. Eu ia no mercado olhava o valor e vendia pelo aquele preço do mercado, mas daí eu comecei a pensar: - Não! O meu é orgânico e o professor falou que tem que agregar valores... e fui fazendo as contas diferente. Então me ajudou muito (GIRASSOL, 62).

Dentre as pesquisadas não foi constatado que a participação no programa abriu caminhos para um novo emprego, ou uma renda informal diferente do ramo que elas já exerciam anteriormente. Apenas uma entrevistada, Lírio (27 anos), estava desempregada e procurando emprego enquanto frequentava o programa em 2018, ela conseguiu trabalho logo após finalizar as aulas, mas relata que “o curso não teve nada a ver com isso” [com a renda]. Contudo as egressas mencionam que o programa lhes ajudou no enfrentamento de muitos outros problemas de suas vidas, conforme será descrito a seguir.

De um modo geral, quando se trata especificamente de populações em vulnerabilidade social, os estudos empenham-se a analisar os ganhos, especialmente, na geração e ampliação de renda para mostrar os impactos dos programas e políticas sociais na vida das pessoas. Foi o que fizemos, inclusive, na seção anterior. Entretanto, para além desses resultados, é preciso considerar a melhoria na qualidade de vida como um resultado importante, e para isso, é necessário que a pesquisa seja qualitativa e subjetiva, muito comum nas ciências humanas. Nesta seção serão analisados os comportamentos, as expressões, os sentimentos, questões de saúde mental e os relacionamentos interpessoais, descritos pelas entrevistadas.

Segundo Rosa (50), a participação no Mulheres Sim, além de contribuir para a melhoria na renda, foi de grande valia pela inclusão social que o programa propiciou. Ela destaca as novas amizades e o convívio com os professores, e relata que: “firmaram-se muitas amizades que continuam até hoje”.

Nos relatos de Lírio (27), Orquídea (59), Girassol (62) e Azaleia (73), obteve-se que o aprendizado contemplou uma variedade de ganhos que fizeram, sim, diferença em suas vidas. Conforme descreve Orquídea (59), que participou do programa pela quarta vez em 2019: “Não ajudou com a renda, mas assim, o curso ajudou para melhorar minha arte e luta também”. Orquídea (59) relata as atividades mais significativas que teve durante o programa.

Fizemos muitas pinturas, aprendemos em muitas palestras a se defender, se cuidar, que a mulher tem direitos; como fazer uma boa alimentação, sobre diabetes e colesterol. Eu gostei muito das aulas, me ajudam, assim demais pra minha cabeça, foi uma terapia conversar com pessoas, fazer amizades, eu criei muitas amizades principalmente com a professora Orquídea. Para mim foi uma terapia (ORQUÍDEA, 59).

Orquídea (59) diz que, além dos problemas de saúde, a solidão também é uma vulnerabilidade que a afeta. Ela não consegue sair de casa sozinha porque sente dores nas pernas, reside com o filho, que trabalha o dia todo, e com o papagaio, seu bicho de estimação. Diante dessas dificuldades, participar do curso traz ganhos e realização pessoal. Satisfação em estar na companhia de outras mulheres e compartilhar momentos de convívio social.

Quando termina esse curso a gente sente saudade, falta das amigas. Fica uma amizade pra vida toda. Durante as aulas uma conta uma coisa da vida, outra conta outra coisa e às vezes tem gente com uma vida muito mais sofrida que a gente, mas elas vão lá no curso e se encontram e se sentem bem melhor (ORQUÍDEA, 59).

Destaca-se que a inclusão social também é um dos objetivos do Programa Mulheres Sim. Conforme está descrito no preâmbulo do edital da Pró-reitoria de Extensão e Relações Externas (Proex)<sup>49</sup> do IFSC que norteia a seleção de projetos para a oferta do Programa Mulheres Sim:

O Programa Mulheres SIM fomenta a execução de políticas sociais públicas de promoção da inclusão da mulher nas dimensões educacional, econômica, social e cultural. Busca subsidiar o desenvolvimento da autonomia política, da erradicação da extrema pobreza, do combate à violência, da consolidação da cidadania feminina e do desenvolvimento sustentável, em consonância com a Missão do Planejamento Estratégico do IFSC e diretrizes de outros órgãos de assistência social, saúde, segurança e movimentos de geração de renda (IFSC, 2017).

Azaleia (73) mora sozinha e tem problemas de saúde. A solidão é, segundo ela, um grande problema, e também um motivo para buscar opções de socialização através da participação no Mulheres Sim.

Então, eu vou nesses cursos porque me conforta, no movimento (mulheres Camponesas) tinha também essa oportunidade de não me sentir excluída. Quando estou em casa só tenho vontade de ficar no sofá, não quero levantar e fazer nada, não tenho ânimo, por isso eu gosto de vir aqui no curso, é muito bom, eu ajudo as colegas e isso me faz bem (AZALEIA, 73).

---

<sup>49</sup> Promoção de inclusão educacional, econômica, social e cultural de mulheres em vulnerabilidade (IFSC 2017).

Girassol (62) também se sente incluída quando participa do programa, isso lhe ajuda para afastar a depressão. “Me ajudou a sair da depressão, então se a gente vem nos cursos, a gente tem a oportunidade de ver outras pessoas, de ver as ideias boas dos outros, e cada vez a gente vai querendo aprender mais. Não tenho mais depressão, tô feliz! (GIRASSOL, 62) ”.

O Programa Mulheres Sim contribuiu com as egressas de acordo com as suas necessidades, dessa forma, pode-se dizer que para Lírio (27) foi um impulso para que ela fizesse o ensino superior.

Minha vida mudou, mudou completamente porque eu faço curso em tecnologia de alimentos e agora estou trabalhando, minha vida mudou muito e eu aprendi muitas coisas com vocês. Completamente minha vida mudou. É isso (LÍRIO, 27).

Calêndula (65) relata que a motivação em participar do programa em 2011, 2014 e em 2019 foi gerada porque sempre teve vontade de aprender, é curiosa sobre as coisas do mundo. Para ela, a troca de experiências, o ato de ajudarem-se entre colegas durante as aulas é gratificante. Para Calêndula (65) as participações no programa ajudaram no seu FREIRE porque oportunizaram a sociabilidade, a convivência, a melhora da autoestima, a troca de experiências e o aprendizado de pequenos artesanatos como uma prática mais de laser.

Para Baquero (2006, p. 81 e p. 82), o empoderamento é dividido em três categorias, individual, psicológico, organizacional e comunitário. Segundo o autor, o empoderamento individual é a habilidade/capacidade das pessoas ganharem conhecimento e controle sobre suas forças e agirem para a melhoria de sua condição de vida, podendo ser verificado pela presença de três indicadores, que são: nível de autoestima, autoconfiança e autoafirmação. Percebeu-se que o requisito empoderamento individual aconteceu para Calêndula (65).

Para Casagrande *et al.* (2018, p. 2), o Programa Mulheres Sim é destinado às mulheres em situação de vulnerabilidade social incluindo e promovendo iniciativas de inclusão educacional, econômica, social, cultural e pessoal das mulheres, a autonomia, o combate à

violência e a consolidação da cidadania feminina. A autora considera que a inclusão social das alunas é um dos objetivos importantes a serem desenvolvidos pelo programa.

O Programa Mulheres Sim segue as mesmas prerrogativas do seu antecessor Mulheres Mil, quanto aos seus objetivos como política social para mulheres.

O Programa Mulheres Mil apresenta-se como uma política inovadora, uma vez que mostra a intenção de trabalhar o empoderamento da mulher, oportunizando a qualificação profissional através de cursos ofertados, como também o favorecimento e inserção no mundo do trabalho. Nessa dimensão, o empoderamento está diretamente ligado às oportunidades e a força da mulher como cidadã, capaz de contribuir e transformar o contexto social, sendo parte importante e efetiva da sociedade (TELES, 2015, p. 25).

Quando perguntado a Margarida (51) se o Mulheres Sim teria a possibilidade de empoderar uma mulher, ela respondeu que, com certeza, ajuda:

Eu acho que em parte sim! Porque ele tá dando mais responsabilidade para elas optarem e elas escolherem. Só que não é só fazer o curso, tem que botando em prática. É uma coisa meio lenta, quem vai fazer uma ruptura radical ali se quebra né. Então às vezes a parte financeira não deixa ou não se dá bem que com o marido dela mas tem que ficar porque não tem outra casa, nem outro lugar para ir. Por isso que eu digo: que a parte financeira às vezes decide muito. Porque as vezes que se libertar daquela humilhação que tá sofrendo, escravidão, mas não tem o lado financeiro que suporta. Então depende de várias coisas né. Mas o curso, com certeza, ajuda a despertar a ver outras possibilidades, que tem outros meios de ter renda né (MARGARIDA, 51).

As vulnerabilidades que permearam a vida das egressas, foram muitas. Cada mulher com suas marcas e suas especificidades. Em muitos relatos percebe-se vidas carregadas de sofrimentos, exclusões, depressões, solidão, máscaras de violência, racismo, exploração, enfim, marcas intrínsecas que as fazem buscar apoio no Mulheres Sim. Percebeu-se nas falas espontâneas que esses sentimentos são atenuados quando elas se encontram com outras mulheres e socializam suas angústias e seus sofrimentos.

Quando termina esse curso a gente sente saudade, falta das amigas que estavam juntas, das pessoas que a gente fica amiga. Fica uma amizade para a vida toda. Durante as aulas uma conta uma coisa da vida, outra conta outra coisa e às vezes tem gente com

uma vida muito mais sofrida que a gente, mas elas vão lá no curso e se encontram e se sentem bem melhor. (ORQUÍDEA, 59).

É importante salientar, que durante este processo há trocas de sentimentos, depressão e solidão transformaram-se em alegrias, amizades, conforto e partilha de conhecimentos. Contudo além de potencializar o empoderamento para as mulheres, o programa ainda precisa ter melhorias para atender algumas demandas, conforme segue.

#### 43 O QUE PODE SER MELHORADO NO PROGRAMA, DE ACORDO COM AS EGRESSAS

Pode-se dizer, com base nas declarações feitas pelas entrevistadas, que o Programa Mulheres Sim atendeu aos seus objetivos de inclusão social em algum ou alguns aspectos de vida das pesquisadas, de acordo com as necessidades de cada uma delas, seja pela melhora na renda e profissionalização, seja através de melhores conhecimentos quanto a cidadania e direitos da mulher, como para a melhoria dos conhecimentos que são utilizados no dia a dia, em suas casas, para facilitar a vida das famílias (fazer pães, bolachas...) e principalmente pela melhora da qualidade de vida, diminuindo a depressão através envolvimento delas nas atividades de aula, o que proporcionou inclusão social.

Apenas Lírio (27) e Rosa (50) participaram do programa uma única vez. As outras seis entrevistadas participaram de duas a três vezes do programa, como mulheres Mil e/ou Mulheres Sim. Dessa forma, pode-se dizer que as entrevistadas conhecem bem a metodologia e didática do Programa Mulheres Sim, para proporem sugestões para melhorias.

Foi solicitado que as entrevistadas fizessem uma análise, com base em sua/suas participação (ões) no programa, e sugerissem pontos fracos que subsidiassem melhorias para as próximas ofertas do Mulheres Sim. Diante do questionamento, Calêndula (65) ressalta que gostou do programa e não tem indicações para melhorias “eu não tenho nada a dizer que pode

melhorar, porque todos professores são bons, a equipe, eu gosto de tudo” na sequência ela reforça que: “Se eu tiver viva, se tiver a oportunidade de fazer outros cursos eu venho fazer. Porque eu saio um pouco de casa, daí é bom para mim”.

Cinco entrevistadas mencionaram que o Programa Mulheres Sim deveria ter mais aulas de informática, Azaleia (73), Orquídea (59), Margarida (51), Rosa (50) e Girassol (62), segundo a avaliação delas, alguns fatores prejudicam as aulas de informática de forma que suas expectativas de aprendizado não se realizaram, são eles: o período de aula é insuficiente, apenas um professor em sala para atender muitas alunas, aulas muito distantes de forma que as alunas esquecem o que aprenderam entre uma aula e outra, a falta de acompanhamento individualizado para que as alunas que não tem os conhecimentos básicos possam acompanhar as aulas com êxito (aulas de reforço). Para Azaleia (73) as aulas de informática “são muito precárias, as aulas passam e a gente não aprende nada”:

Eu chamo o professor e ele diz: dona Helena a senhora tem que ter calma, eu tenho a turma toda pra atender, não só a senhora, a senhora é muito possessiva. Daí a coisa não andam, eu não sei fazer nada e não tenho computador em casa pra mexer. Dificuldades: Eu tenho muita dificuldade na aula de informática, eu que não sei nada eu tenho que aprender como se fosse uma criança que não sabe ler e escrever. É assim a diferença do computador, eu que não sei nem para escrever, na aula eu não consigo ter ajuda do professor, então sinto falta dessa parte (AZALEIA, 73).

Girassol (62) elenca a necessidade de mais aulas nos laboratórios e de cozinha, que além de melhorias quanto as aulas de informática, “então, uma das coisas que eu disse é que o curso deveria ter mais aulas de informática e também na cozinha, nos laboratórios a gente poderia aprender mais coisas em menos tempo”.

Orquídea (59) fala que tinha grande expectativa em aprender informática durante o curso do programa, e ressalta que, assim como outras colegas, têm dificuldades básicas para lidar com as novas tecnologias, “outra coisa que eu mais queria aprender aqui nos cursos, e que mais tivemos dificuldade, era informática. Porque eu ganhei um celular desse (com touch) mais moderno da minha neta, e nem tudo eu sei mexer por causa que tem muita coisinha aqui, e o

meu é diferente, é antigo. Mas, ela relata que o pouco que aprendeu já lhe foi de grande importância: “eu adoro esse curso do computador que é uma coisa que faz diferença na minha vida. Agora eu tô começando a entender as letrinhas, como é que faz”.

De acordo com Margarida (51), a duração do programa com apenas 96 horas para várias disciplinas interfere negativamente “limitou as aulas de internet e agronomia”, ela diz que assim como Azaleia (73) “nós tínhamos uma certa ansiedade pra ter as aulas de computação e informática, mas como o currículo era curto, então ...nas práticas de horta com os agrônomos também poderia ter mais”. Em resumo, Margarida (51) diz que o programa foi bom, mas sugere que o período do curso seja ampliado de forma que as disciplinas, também de agronomia, sejam mais aprofundadas porque com 96 horas, “inviabilizou o aprendizado mais aprofundado dos conteúdos”.

Da mesma forma, Rosa (50) sugere que o programa seja ampliado de três para seis meses de duração, e justifica que percebeu que não consegue mais aprender com tanta facilidade, quanto as pessoas mais jovens, as informações e as novas tecnologias. Rosa (50) sugere que seja ofertado um Programa Mulheres Sim com foco no aprendizado de tecnologias. Diante das falas, acredita-se que as mudanças sugeridas seriam de grande valia e viriam ao encontro dos anseios das demais colegas Azaleia (73), Orquídea (59), Margarida (51) e Girassol (62).

Precisaria um curso Mulheres Sim mais longo e envolvendo a tecnologia em si. Que abrangesse mais aulas de tecnologias. Porque quando a gente está numa altura como hoje, a gente já não tem aquela concentração (entendimento/capacidade) para absorver (aprender a informática) a mente da gente está sempre muito ocupada, também talvez seria uma sugestão minha né para ter aí invés de 2 ou 3 meses de curso, ter mais enfim. Talvez começar em março terminar em novembro, ou 6 meses né. Porque quem quer absorver (o conhecimento) vai em todas as aulas não falta (ROSA, 50)!

Lírio (27) destacou o formato por meio do qual o programa é realizado, sempre durante o dia, impede que as mulheres que trabalham consigam participar. Isso é perceptível quando se verifica que a maioria em sala de aula são mulheres aposentadas, e com idade superior a

cinquenta anos, “eu gostei do curso de dia, eu acho que tem poucas haitianas escritas no curso, porque elas precisam trabalhar, poderia ser de noite, pra facilitar”, destaca Lírio, (27).

Tulipa (53) também sugere que o programa poderia ser ofertado à noite e relata que algumas colegas conseguiram trabalho durante o programa e precisaram desistir. “Inclusive algumas conseguiriam trabalho por estarem buscando atualização. Na época uma conseguiu um serviço numa panificadora porque estava se profissionalizando, se não me engano outra fazia salgados em casa e aprimorou os conhecimentos e parou para abrir o negócio próprio”.

Acrescenta-se que o Programa Mulheres Sim oferece uma bolsa de cem reais como ajuda de custo para as alunas, tendo em vista que seu público são mulheres em vulnerabilidade social e o não pagamento poderia excluir justamente àquelas que mais precisariam estar em sala de aulas, para através do aprendizado terem possibilidade de transformar sua realidade de forma positiva. Contudo, segundo Tulipa (53) algumas de suas colegas receberam este valor e depois desistiram das aulas, sua sugestão é que o auxílio financeiro fosse pago somente ao final do programa, para aquelas que realmente o concluírem: “Aquele auxílio de cem reais; eu vi que algumas pessoas se inscreveram só para ganhar esse valor, a partir do momento que recebiam não ia mais nas aulas. Sei lá, teria que modificar isso, e pagar no final, depois que concluir tudo. Para ser uma forma de cativar elas para não desistirem, porque eu penso que só pelo fato da mulher sair de casa e estar no meio de outras mulheres, impossível que ela vai voltar para casa sem ter aprendido alguma coisa. O problema é quando elas não vão na aula”!

Inquestionavelmente para Tulipa (53) o valor recebido como apoio financeiro para as alunas é importante. Mas, segundo ela, ele não é efetivo quando as mulheres desistem logo após receberem o dinheiro. É importante destacar que o auxílio financeiro é pago em três parcelas, duração do curso presencial do programa, sempre no início de cada mês de aula, para que as alunas possam custear transporte e alimentação, ou outras necessidades que surgirem durante o referido mês. Dessa forma, pressupõe-se que o auxílio financeiro também é uma ferramenta de inclusão social, utilizada pelo programa para subsidiar os meios para que as mulheres vulneráveis consigam ter acesso e permanência no programa.

## **5 PRODUTO EDUCACIONAL: A PARTILHA DAS HISTÓRIAS DE VIDA DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM**

O Mulheres Sim, foco de análise deste trabalho, tem como propósito, como tantas vezes já citado aqui, contribuir com a inclusão das mulheres em vulnerabilidade social. Ao longo da pesquisa desenvolvida, foram identificadas as mudanças geradas pela participação no programa na vida de oito egressas do IFSC-São Miguel do Oeste. Essas mudanças não se resumem à ampliação de renda, uma das metas principais dessas ofertas formativas, mas pode-se dizer pela análise feita que asseguram às mulheres o aumento da autoestima, o desenvolvimento do companheirismo e aprendizagens de estratégias de reorganização do cotidiano. Muito embora, em uma primeira análise, esses aspectos possam parecer pequenos, garantem mudanças significativas na vida dessas mulheres. É o que pode ser visto na fala de Tulipa (53): “na época em que eu estava fazendo o curso reduziu bastante a minha depressão”.

Conhecendo outras mulheres e compartilhando experiências surgiu um sentimento de empatia entre as egressas, são formas de socialização que contribuíram para o alento de dificuldades vivenciadas no dia a dia; “quando era experiência boa, era injeção de ânimo. Quando era uma experiência negativa, a gente analisava e tirava de proveito também ... não é só a gente que tem problemas, e o problema da gente é pequeno diante do problema dos outros”, afirma, por exemplo, Tulipa (53).

Alguns relatos são verdadeiras provas de força de vontade, superação de limites corporais e mentais, conforme relata Azaleia (73) que sofre de depressão desde os sessenta anos e mora sozinha, no interior de Tunápolis-SC, tendo como companhia dois gatos, “quando estou em casa só tenho vontade de ficar no sofá, não quero levantar e fazer nada, não tenho ânimo, por isso eu gosto de vir aqui no curso, é muito bom, eu ajudo as colegas e isso me faz bem”, afirma ela. Lê-se, assim, que a integração social contribui na cura dos males causados pela solidão.

Relatos muito parecidos estão no livro “Do sonho à Realidade”, organizado por Rosa (2011, p. 34) no qual mulheres, egressas do Programa Mulheres Mil relatam, “ eles falavam também de desapego, das pessoas não desanimarem e essas aulas foram fortalecendo minha autoestima. Aí, quando eu comecei a ir para o Cefet, eu saí da depressão de vez”. Outra aluna relata que: “depois do curso eu me tornei uma pessoa mais forte, com mais esperança. Eu acho que me tornei uma pessoa bem melhor” (ROSA, 2011, p. 35). Passou quase uma década entre as falas das entrevistadas de Rosa (2011) e as egressas desta pesquisa (2019), mas percebe-se um grande marco relacional entre os depoimentos: todas visualizaram no programa a oportunidade para se socializarem, e além dos conhecimentos teóricos citaram melhoras intrínsecas como o autoconhecimento, mais saúde e cidadania.

Como afirma Cavalieri (2017, p. 92), em sua pesquisa sobre *empowerment*, um dos caminhos para se chegar ao desejado estado de bem-estar físico, mental e social é garantir que os indivíduos participem ativamente da vida social, podendo assim ter voz ativa na sociedade a qual pertencem, “dizendo de si nas atividades pessoais de vida diária [...]” A mesma autora percebeu que, a partir do momento em que as pessoas passaram a participar de projetos de integração, tiveram de maneira geral, efeitos positivos tais como, manutenção e criação de novos laços de amizade, ampliando as redes de relacionamentos, conhecimento de novos espaços de socialização, partilha de afetos e conhecimento sobre si (CAVALIERI, 2017, p. 92).

Considerando os resultados da pesquisa realizada, o produto educacional integrante deste trabalho visou contribuir com a publicização do programa em análise e, sobretudo, dar voz pública (e não só como sujeitos anônimos em um trabalho científico, como uma dissertação) às mulheres. Dessa forma, o Produto Educacional foi organizado em forma de um site denominado de “Egressas do Mulheres Sim IFSC – SMO”. A seguir, serão apresentados os tópicos discutidos ao longo deste texto.

## 5.1 POR QUE A ESCOLHA DE UM SITE COMO PRODUTO EDUCACIONAL?

No site desenvolvido, que caracteriza este Produto Educacional, o visitante encontra um pouco das histórias de vida, dos sonhos e do percurso educacional e de trabalho das egressas. Pode-se dizer que essas são histórias singulares e, ao mesmo tempo, mostras de percursos partilhados por muitas mulheres trabalhadoras, mães, estudantes, antes anônimas, agora protagonistas de histórias únicas. Seja em tempos considerados “normais” como estudantes, ou em “tempo tardio”, das chamadas para fazer parte de ofertas formativas como as do Mulheres Sim.

Miguel (2017, p.30) em “Escribiendo historias de vida” diz que uma história de vida é a narrativa da vida de uma pessoa, pode ser contada oral ou escrita, realizada em uma série de conversas ou entrevistas. Para o autor, uma história de vida ou autobiografia é, na verdade, uma história que nunca pode ser concluída porque as vidas sempre continuam, “abertas a múltiplas narrações e a diversas interpretações”. Miguel diz que o que instiga a narrativa é “o que se investiga, é a maneira pela qual as pessoas dão sentido às suas vidas, bem como as relações entre a sociedade e suas vidas: oralmente e em um texto. Há muitas pessoas que nunca escreveram ou contaram sua história, cujas vidas permanecem invisíveis”.

Hay muchas personas que nunca escribieron ni contaron su historia, cuyas vidas permanecen invisibles. Son personas sin voz. Muchas son mujeres y niños/as, enfermos/as, personas marginadas. Otras personas creen que no tienen nada que contar; que sus vidas no tienen sentido, significado, racionalidad. No saben bien para qué viven; creen que no saben para qué viven. Consideran que otras personas sí lo saben<sup>50</sup> (MIGUEL, 2017, p. 30).

---

<sup>50</sup> Há muitas pessoas que nunca escreveram ou contaram sua história, cujas vidas permanecem invisíveis. Eles são pessoas sem voz. Muitos são mulheres e crianças, pessoas doentes, pessoas marginalizadas. Outras pessoas acreditam que não têm nada a dizer; que suas vidas não têm sentido, significado, racionalidade. Eles não sabem para o que vivem; Eles acham que não sabem para o que vivem. Eles acreditam que outras pessoas sabem. (Tradução nossa).

Quanto a inclusão da autobiografia ou histórias de vida na pesquisa sociológica Miguel (2017, p. 34) diz que ela representa uma alternativa pedagógica avançada. Assim como é uma maneira de analisar os significados ocultos da vida cotidiana. O autor cita Belenky que fala sobre "o rugido que fica do outro lado do silêncio". Referindo-se “às mulheres que recuperam a própria voz e ganham controle sobre suas vidas” após.

Espera-se que essas narrativas, parte das histórias de vida compartilhadas com os internautas possam promover o incentivo de outras mulheres para que estudem e, assim, busquem melhores condições de vida para si e suas famílias, de forma a promover a quebra Inter geracional da pobreza, da exclusão social e da segregação feminina pela desigualdade de gênero, tão forte em nossa sociedade. Destaca-se o percurso de Lírio (27) que após o Mulheres Sim ingressou na graduação pelo SISU no IFSC-SMO. “O que eu aprendi no Mulheres Sim que agora tô aprendendo de novo, tô vendo de novo curso de Tecnologia de Alimentos”, afirma ela.

Buscando promover o acesso educacional e a inclusão social, este trabalho atende aos critérios para proposta de oferta e avaliação de mestrados profissionais definidas da CAPES (2016, p. 08), quando orienta que “a avaliação de uma proposta de mestrado profissional (MP) é diferenciada em relação ao acadêmico. Consideram-se, dentre outros fatores, Produção Intelectual, Inserção Social, Produtos e público-alvo distintos e específicos dos cursos profissionais”. Ainda, o Regulamento do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional – ProfEPT (2015, p. 07), define o desenvolvimento de um produto educacional, como integrante à pesquisa do mestrando:

O trabalho de Conclusão de Curso constitui-se em um produto educacional que possua aplicabilidade imediata, considerando a tipologia definida pela área de Ensino. O produto educacional deverá ser acompanhado de um relatório da pesquisa que contemple o processo de desenvolvimento e avaliação da aplicação do produto, podendo ser construído em forma de dissertação em formato tradicional ou de dissertação em formato de artigo, de acordo com a decisão da Comissão Acadêmica Local. (PROFEPT, 2015, p. 07).

Diante de várias opções de produtos educacionais, pretendia-se, inicialmente, fazer a gravação de um documentário em vídeo, através de um encontro entre a pesquisadora e as oito entrevistadas, para a socialização dos resultados da pesquisa, a interação e a troca de experiências, propondo um diálogo sobre os objetivos traçados no projeto de pesquisa, e os resultados alcançados. Planejava-se fazer uma mostra de banners no câmpus de oferta, de modo a tornar visíveis as experiências das egressas aos alunos de outros níveis e modalidade de ensino, contudo a ideia foi adaptada para a construção do site. Visualizou-se que um site construído coletivamente com as egressas seria um produto educacional igualmente eficiente.

A alteração da proposta foi feita considerando-se o cenário vivido no país, com a pandemia do Coronavírus. Oliveira (2020, p. 01) apresenta dados importantes sobre a situação que abateu o mundo desde o início de 2020, inclusive no Brasil.

O avanço do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, sobre os países tem gerado a interrupção das atividades cotidianas da população, devido à necessidade de isolamento social para frear o avanço da doença, que em menos de 4 meses já expandiu para 190 países, incluindo o Brasil. Os principais sinais e sintomas provocados pelo vírus incluem febre, tosse e dificuldade para respirar. Sintomas gastrointestinais, como diarreia, vômitos e dor abdominal também foram relatados para a Covid-19, assim como nas infecções por outros coronavírus. A transmissão da doença costuma ocorrer pelo ar ou pelo contato direto das pessoas e se dá por meio de gotículas de saliva, espirro, tosse e secreções que podem contaminar mãos e superfícies. (OLIVEIRA, 2020, p. 01).

Relata Oliveira (2020) que o Ministério da Saúde, com base nas diretrizes da OMS, toma providências e orienta, paralelamente, estados e municípios para o amortecimento e para a prevenção da disseminação da pandemia. São eles: a dispersão de aglomerações e o incentivo ao isolamento social, tendo em vista a elevada transmissibilidade do SARS-CoV-2, que devem ser estruturadas como sendo ações das Unidades Federativas.

A estratégia recomendada pela OMS, como a única forma de garantir que as pessoas não se contaminem, e a doença não se propague, é o isolamento social. No mundo, a contaminação por coronavírus já se tornou uma pandemia. Em 01 de maio de 2020, o Brasil já acumulava mais de seis mil mortos e 85.380 mil infectados por Covid-19. (OMS, 2020).

No IFSC, seguindo as primeiras ações contra o Coronavírus, dispostas na normativa publicada em 16/03/2020 pelo Comitê Operativo de Emergência (COE) do Ministério da Educação (MEC), foi publicada a Portaria da Reitora N° 1178, de 16 de março de 2020, e foram tomadas medidas de isolamento social para prevenção da contaminação pelo Covid-19, através da suspensão das atividades escolares de forma presencial, mantendo-se o atendimento pedagógico e as aulas a distância. O calendário escolar não foi suspenso. Da mesma forma, os servidores passaram a desenvolver suas atividades em home office. (IFSC, 2020).

Ainda conforme o diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Tedros Adhanom Ghebreyesus, em coletiva de imprensa, realiza em treze de abril 2020, ressalta que países e territórios não devem abandonar medidas de isolamento social durante a transmissão do novo coronavírus. A volta às atividades deve acontecer somente quando:

A transmissão precisa estar controlada; O sistema de saúde deve ser capaz de detectar, testar, isolar e tratar todos os casos de Covid-19 e rastrear todos os contatos; Os riscos de surtos devem ser minimizados em contextos específicos; Devem existir medidas preventivas em locais de trabalho, escolas e outros lugares que abrigam atividades essenciais; Os riscos de importação podem ser gerenciados; As comunidades podem ser totalmente educadas, engajadas e capacitadas para se ajustarem à "nova norma". (OMS, 2020).

A situação global da pandemia e a necessidade de isolamento social afetou o cotidiano da educação escolar, mudando a forma de ensino de presencial para EAD, assim como interferiu no roteiro dos trabalhos desta pesquisa, obrigando à tomada de decisões conscientes, tendo como princípios norteadores o cuidado para a preservação da saúde. Por consequência, para a produção deste trabalho, optou-se por replanejar as ações e adequar as atividades de elaboração do produto educacional, de presenciais para a distância. Diante desse cenário, foi preciso pensar em formas de assegurar que o propósito de dar voz às egressas fosse cumprido. Como diz um famoso provérbio árabe, “adversidades são grandes oportunidades”, então, não havendo a possibilidade de realização de mostra física de materiais que tornassem públicas as histórias das

mulheres, foi criado um site para a exposição dessas histórias. Para tal, foi feito uso da possibilidade de criação de um site gratuito sob o domínio do Google Sites<sup>51</sup>.

Após estar decidido sobre o produto educacional, foram realizados novos contatos entre a pesquisadora e as egressas. Vale destacar que, desde junho de 2019, quando começaram as atividades desta pesquisa de campo, os vínculos entre o grupo foram sendo fortalecidos, o que contribuiu significativamente com os resultados alcançados<sup>52</sup>. Nesse momento, foi dialogado sobre os resultados obtidos pela pesquisa, sanadas dúvidas e curiosidades das entrevistadas e colhidas mais informações e sugestões que enriqueceram o site, com histórias cativantes, cheias de belos exemplos de como o conhecimento pode contribuir para melhorar a vida das mulheres<sup>53</sup>.

É visível e inegável que as diversas inovações tecnológicas possibilitaram a universalização da informação e a socialização de saber em tempo real. Como consequência, tendo a tecnologia como aliada, os indivíduos saem da condição de coadjuvante para protagonista dentro do seu contexto social. Neste meio, encontra-se a ferramenta denominada de site.

Segundo a revista Exame de abril de 2017, na criação de um site deve-se ter a preocupação com a apresentação visual, ela deve ser coerente com os objetivos da publicação e promover a identificação com o cliente, no nosso caso, os internautas que buscam informações, no presente caso, sobre o Programa Mulheres Sim. “Para isso, é necessário levar

---

<sup>51</sup> Agradecemos ao professor Yussef, do IFSC-São Miguel do Oeste, pelas orientações na criação do site. Graças às informações por ele repassadas e com consulta a vídeos tutoriais disponibilizados pelo Youtube sobre o Google sites, foi possível o desenvolvimento deste trabalho.

<sup>52</sup> Foi criado, inclusive, um grupo de WhatsApp com as oito egressas, a pesquisadora e a orientadora desta pesquisa, de modo a difundir ideias e fomentar a transição de informações para viabilizar a criação de um site com a participação de as participantes da pesquisa e para preservação dos vínculos criados.

<sup>53</sup> Após as sugestões, proposições e aprovação do site para a sua publicação, elas assinaram o termo de termo de autorização para o uso da imagem e voz.

em conta o estilo da marca, logotipo, cores e a disposição das informações para desenvolver um design criativo, atraente, interativo e com uma interface intuitiva.” (EXAME, abril, 2017).

É importante ressaltar que não se tem a pretensão, aqui, de explanar sobre tecnologias digitais, ferramentas de internet, criação e operacionalização de sites e sistemas da web, tampouco adentrar nos conhecimentos sobre engenharia de software<sup>54</sup> e programação. Dessa forma, desenvolveu-se o presente site através de informações em vídeos explicativos disponíveis no You Tube, sendo apenas o necessário para a criação e manutenção do site, e a operacionalização entre os objetivos e fins deste trabalho.

Apresentar-se-á, na sequência, as etapas de construção do site, produto educacional, com foco na descrição das páginas e subpáginas ressaltando de forma geral os objetivos e as informações mais relevantes, visto que o encarte, parte da dissertação, apresenta as imagens das páginas e subpáginas de forma mais detalhadas.

Um item de destaque do site, que aguça o instinto investigativo, é o formulário para coleta da opinião dos leitores/internautas, incluso no site. Essas opiniões serão categorizadas e detalhadas com o intuito de verificar se a escolha do produto educacional atendeu aos objetivos propostos pela pesquisadora.

## 5.2 A VOZ DAS EGRESSAS DO MULHERES SIM-SMO: AS FASES DE CONSTRUÇÃO DO SITE

Os termos de programação de computação para construção de um site resumem-se em duas partes: a primeira é a *black-end*, que consiste na parte de construção e formatação dos

---

<sup>54</sup> Ressalta-se que a pesquisadora não tem conhecimentos aprofundados sobre essa temática, sua formação é em Serviço Social.

dados em Https, apenas visível ao operador; enquanto o *front-end* é o layout, a cara ou parte visual e interativa do site com os internautas/leitores, após o site ser publicado na internet. (MOREIRA, 2009 *apud* COSTA, 2019, p. 26).

O *back-end* é um termo utilizado para denominar a camada de negócios de um software, no contexto de desenvolvimento web, diz respeito à aplicação que está “no lado do servidor” (AMARAL e NERIS, 2015). Cabe a esse “lado” o processamento (aplicando as regras de negócio), recuperação e persistência dos dados (SOMMERVILLE, 2011). O *front-end* pode ser entendido como a camada de apresentação da aplicação ou camada visual, a que contém uma interface amigável com a qual o usuário interage. No caso de aplicações desenvolvidas para a plataforma web, trata-se do visual das páginas web. É no front-end., parte visível aos leitores, que foi pensada para apresentar de forma clara, objetiva e personalizada um layout informativo e interativo sobre a experiência deste trabalho de pesquisa. (MOREIRA, 2009 *apud* COSTA, 2019, p. 26).

Na parte de criação do site, *back-end*, optou-se pelo domínio do Google Sites que é gratuito e de livre operacionalização, contudo o acesso para a criação se dá através de uma conta de e-mail GMAIL e na sequência deve-se utilizar Google Site no Google Drive. Os dados do site ficam acessíveis pelo Google Drive e, após cada atualização das informações pelo proprietário do site ou operador, deve-se publicar, para que os leitores tenham acesso às mudanças no *front-end*.

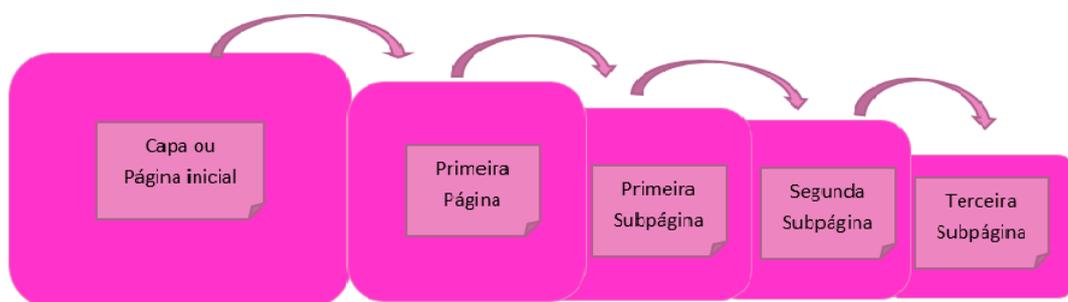
O site “página digital com oito banners”, foi nomeado de Egressas do Mulheres Sim IFSC – SMO. A escolha do nome para o site é a união de palavras-chave que sincronizam o site para que seja localizado quando são feitas pesquisas orgânicas em ferramentas de busca na internet, para essas palavras<sup>55</sup>.

---

<sup>55</sup> Conforme disponível na URL: <https://sites.google.com/view/egressasdomulheressimifsc-smo/in%C3%ADcio>. Acesso em abr. 2020.

Como forma de organização dos conteúdos no site, optou-se pelo *Cascading Style Sheets*<sup>56</sup>, que é um termo popular em inglês e que, para o português, poderíamos traduzir como folhas de estilo em cascata, layout que aqui chamaremos de capa, primeira página e subpáginas, o que torna o avanço da pesquisa pelo internauta mais fácil e dinâmica.

Quadro 9– Back-end, formas de apresentação do layout em cascatas do site, Egressas do Mulheres Sim IFSC - SMO.



Fonte: Elaborado pela autora.

O *front-end* do site apresenta layout para celular, tablet e computador, permitindo ao visitante acessá-lo por diferentes suportes e, dessa forma, ampliando as possibilidades de visualização para os internautas, conforme as interfaces abaixo.

---

<sup>56</sup> Folhas de estilo em cascata. Tradução nossa.

Figura 1- Formas de acesso ao site, Egressas do Mulheres Sim IFSC – SMO, respectivamente tablet, celular e computador.



Fonte: Elaborado pela autora.

Na inserção da capa ou página inicial, também conhecida como página de acolhida do leitor, foi incorporada uma mensagem: “Seja Bem-vindo (a) ao diálogo com as egressas do Programa Mulheres Sim do IFSC-SMO”. Para o design do site, optou-se pela cor rosa, porque é a cor da camiseta das alunas do Programa Mulheres Sim.

Logo abaixo, foram colocados os links com textos recolhíveis de acesso às informações essenciais para apresentação e orientação dos leitores quanto aos materiais disponíveis no site: “quem somos, sobre a pesquisa, Programa Mulheres Sim e resultados”.

Na aba “Quem Somos” apresenta-se o texto com orientações sobre a propriedade e a finalidade do site:

Este espaço é fruto da pesquisa de mestrado **MULHERES SIM: Análise da Inclusão e Emancipação na Experiência do IFSC – São Miguel do Oeste**. A pesquisa foi realizada entre 2018 e 2020, pela mestrandia do programa ProfEPT Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, sob a orientação da Profa. Dra. Marizete Bortolanza Spessatto. Aqui você acompanha a história de vida e de superação de egressas do Programa Mulheres Sim, ofertas 2014 a 2019 no IFSC câmpus de São Miguel do Oeste- SC-Brasil.

Em “Sobre a Pesquisa”, o objetivo foi divulgar além do objetivo a sua aprovação pela Plataforma Brasil:

A criação deste site integra a pesquisa intitulada: **MULHERES SIM: Análise da Inclusão e Emancipação na Experiência do IFSC – São Miguel do Oeste**, investigou quais os impactos do Programa Mulheres Sim na vida de egressas das turmas de 2014 a 2019. A pesquisa foi registrada e aprovada pelo código de ética na Plataforma Brasil com o número CAAE 10215819.5.0000.0115.

No título “Programa Mulheres Sim”, foram publicadas informações relevantes sobre o que impulsionou a sua criação:

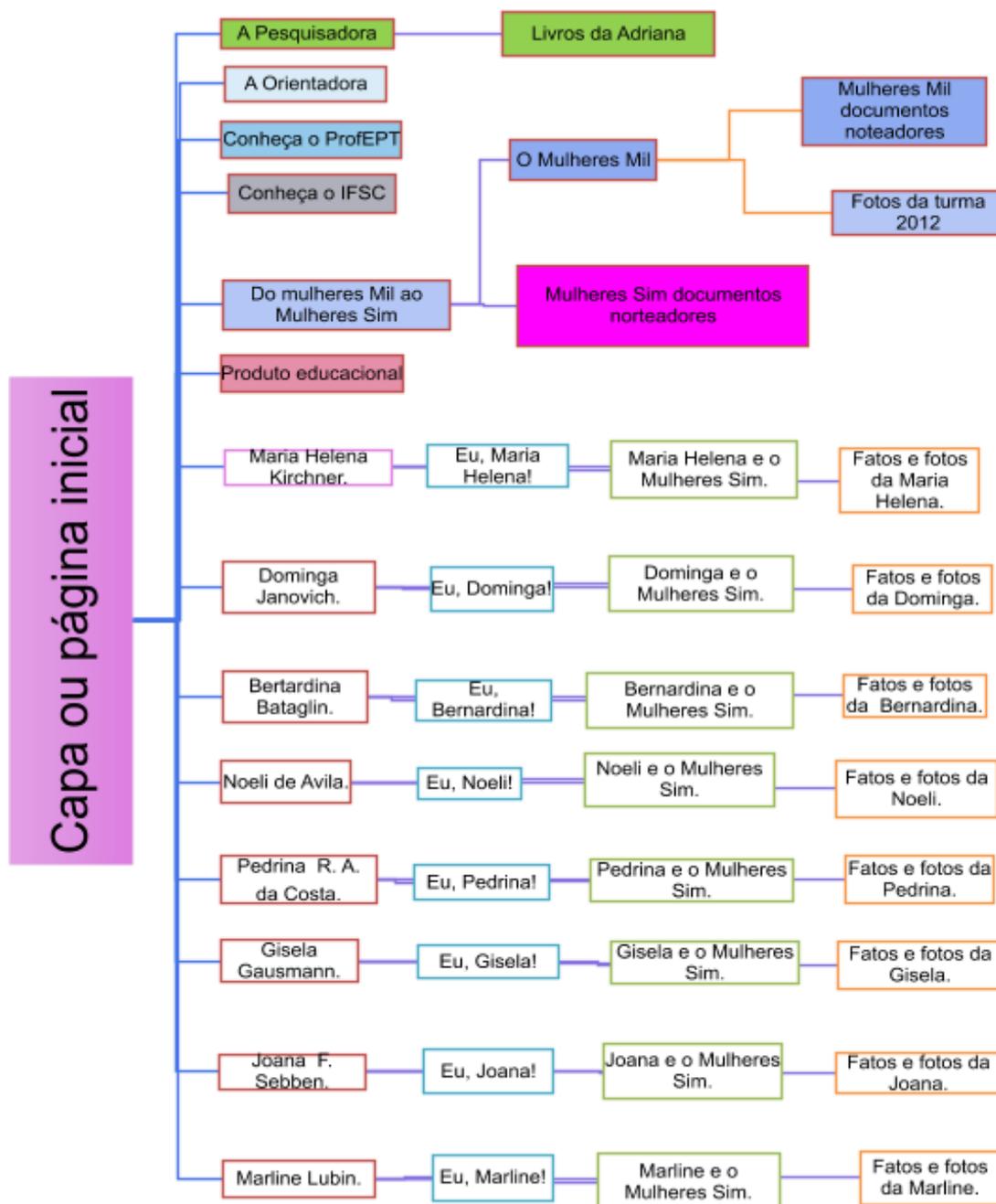
Em 2013, quando o Mulheres Mil foi incorporado ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Proneac), a equipe de extensão do IFSC identificou

que muitas mulheres não seriam mais atendidas, uma vez que o Pronatec exigia escolaridade mínima nos cursos. Para dar continuidade à proposta, em 2014, o IFSC criou um projeto piloto do Programa Mulheres Sim. Desde então, os cursos já foram ofertados 65 vezes nos câmpus, atendendo a quase duas mil mulheres. (IFSC TV-2019).

No texto recolhível “Resultados”, a informação de que esses estarão disponíveis no mesmo site: “Os resultados obtidos com a pesquisa da dissertação contam com a avaliação deste site (produto educacional) que é parte integrante da dissertação, e estarão disponíveis aqui após a defesa e aprovação pela banca de mestrado”.

Quando o leitor acessa a barra lateral de pesquisa, ele visualiza outras informações dispostas em cascata, conforme pode ser visto no quadro 10.

Quadro 10 - Visualização da barra esquerda do site, em cascata.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme a distribuição do *layout* da capa, na barra lateral esquerda, há a coluna de pesquisa em cascata, com conteúdo dividido por temáticas. O conteúdo das páginas que fazem

parte do “início” são: a pesquisadora, a orientadora, conheça o ProfEPT, conheça o IFSC, do Mulheres Mil ao Mulheres Sim e o produto educacional” serão descritos brevemente, já que os destaques do site são as subpáginas que apresentam as histórias das egressas e a avaliação/opinião dos leitores.

A página “*início*” contém as primeiras páginas “A pesquisadora” cujas informações apresentam sua formação acadêmica e o currículo lattes além de alguns trabalhos acadêmicos e literaturas indicadas. Na sequência, a “*A orientadora*” cujas informações apresentadas foram formação acadêmica e currículo lattes. Em “*conheça o ProfEPT*” o propósito foi repassar informações aos leitores sobre o programa de mestrado, do qual este produto educacional faz parte. Na aba “*conheça o IFSC*” apresenta-se o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) documento norteadores, missão, visão e valores, a PROEX que gerencia o Programa Mulheres Sim e o câmpus de São Miguel do Oeste onde as entrevistadas estudaram.

Na primeira página “*Do Mulheres Mil ao Mulheres Sim*”, apresenta-se informações necessárias para que o leitor conheça os programas através de documentos norteadores, fotos e bibliografias. Por último, antes das páginas e subpáginas das egressas, foi disponibilizado um texto explicativo acerca do que caracteriza o site ao qual o internauta tem acesso. “Este produto educacional é um site de pesquisa, a segunda parte da pesquisa de mestrado intitulada MULHERES SIM: Análise da Inclusão e Emancipação na Experiência do IFSC – São Miguel do Oeste”.

A ideia de todo o site, como já explicitado, foi dar voz às próprias egressas, revelando a experiência vivida durante o período de realização do curso e as transformações geradas pelo Programa Mulheres Sim em suas vidas. Essas histórias, contadas por elas, são descritas na seção que segue.

### 5.3 A VOZ DAS MULHERES SIM: APRESENTANDO HISTÓRIAS SINGULARES AOS LEITORES

“Conheça as histórias de vida de egressas do Mulheres Sim- IFSC – São Miguel do Oeste! São oito histórias cativantes, cheias de belos exemplos de como o conhecimento pode contribuir para melhorar a vida das mulheres. Atenção: clique nos nomes de cada uma delas, abaixo, e conheça essas histórias”. Esse texto, de boas-vindas, texto foi elaborado visando destacar o que é o foco do site: a voz das mulheres e suas histórias.

A seleção dos materiais publicados no site, desde as fotografias, desenhos e textos que retratam o cotidiano das egressas foram elaborados em constante diálogo entre a pesquisadora e as egressas. A seleção também levou em conta a relação entre as imagens e as histórias de vida dessas mulheres. Conforme descreve-se a seguir o significado de cada foto de perfil para as egressas.



Fonte: Elaborado pela autora.

No *front-end*, denominada de capa do site, conforme verifica-se na figura 02, optou-se por apresentar as mulheres da pesquisa por suas fotos, sendo também a capa de cada história. Abaixo de cada fotografia, há o nome de cada uma delas, com um hiperlink por meio do qual o leitor tem acesso às subpáginas com as histórias e imagens das egressas, distribuídas em três seções, com os títulos: “Sobre mim”, “nome e o Mulheres Sim”, e “fatos e fotos”.

As fotos e, conseqüentemente, as páginas e subpáginas, foram alocadas da esquerda para a direita, adotando-se como critério a faixa etária, iniciando em Maria Helena e finalizando em Marline, seguindo o padrão utilizado nos depoimentos no decorrer deste trabalho.

Destaca-se que as fotos foram escolhidas por elas por serem registros significativos e marcantes de suas vidas. Assim, para Joana, que é agricultora, a foto apresenta-a num campo enquanto trabalha. Gisela é artesã e aparece enrolada em uma manta feita por ela de patchwork. O retrato de Dominga apresenta-a no trabalho que foi, segundo ela, seu orgulho e também seu sofrimento por mais de 25 anos. Quando solicitado a ela que enviasse fotos para serem utilizadas no site, foi até seu antigo local de trabalho, uma olaria, acompanhada de um familiar e pediu aos antigos patrões para que a deixassem serem fotografadas nas atividades que realizava ali diariamente, antes de se aposentar. Para ela, essas são as imagens são significativas, pois marcaram a sua memória e registram a sua história. “Eu gosto dessas fotos, quero que publique também no site que eu sofri preconceito pela minha cor, que eu sofri muito e aguentei” Dominga.

Bernardina quis ser representada por uma foto em que mostra a camiseta do Movimento de Mulheres Urbanas- MMU, fundado por ela em São Miguel do Oeste, ao qual ela dedica muito de seu tempo e energia. Seu orgulho foi a conquista da aposentadoria pelas donas de casa, fruto do engajamento e luta do movimento. Marline escolheu para abrir a subpágina com sua história uma foto na qual aparece em atividades no IFSC, durante o Mulheres Sim. Segundo

ela, é uma forma de demonstrar seu orgulho em estar lá ainda hoje, já que é aluna do curso de graduação em Tecnologia de Alimentos, com conclusão prevista para 2021.

Maria Helena optou por publicar uma foto com seus companheiros, os gatos. São os eles que convivem diariamente em sua casa, já que ela mora sozinha. Noeli escolheu uma foto usando a camiseta do Programa Mulheres Sim. Ela cursou, em 2012, o Mulheres Mil pela primeira vez, e, em 2019, o Mulheres Sim pela terceira vez. Ela relata que se sente feliz e orgulhosa por isso. Se possível, afirma ela, pretende participar ainda de outras ofertas do programa. Pedrina escolheu para representá-la uma fotografia que retrata a sua beleza e vaidade. Para ela, estar no programa ajudou a sair da depressão e a incentivou a continuar os estudos. “Depois do primeiro Mulheres Mil em 2012, não parei mais, a cada ano vou no IFSC fazer um curso diferente”, afirmou.

Depois de cada fotografia cheia de significado, ao clicar no nome de cada uma, através de um hiperlink, o leitor acessa a “primeira página de cada mulher” e visualiza a foto principal que tem como título o nome completo da egressa.

Logo abaixo do nome, três fotografias com o respectivo nome das próximas três subpáginas denominadas: Primeira subpágina “**Sobre Mim**”; segunda subpágina “**Mulheres Sim**”; e terceira subpágina “**fatos e fotos**”.

Estão, dessa forma, nessas subpáginas os depoimentos, fotos e desenhos produzidos pelas egressas, eles representam a vida e as características individuais delas e as suas relações com o Programa Mulheres Sim.

### **5.3.1 Na voz das egressas, as mensagens às mulheres do mundo**

Ainda na página inicial de cada mulher, o título “Mensagem às mulheres do mundo” traz um texto produzido por elas para todas mulheres que possam vir a visitar o site. As mensagens foram produzidas de forma espontânea, contendo motivação, coragem, sonhos,

perseverança. Mensagens simples, carregadas de emoções, algumas baseadas no que elas já viveram e viram em suas vidas, outras nos desejos e motivações de que o mundo seja mais justo com as mulheres, conforme observa-se: “Seja forte, nunca esqueça de quem você é, você nunca deve desistir” (MARLINE); “Mulher empoderada é aquela que não fica pensando no que os outros vão dizer sobre ela” (JOANA); “Eu diria, não fiquem em casa, vão em busca” (GISELA); “Eu fui estudar e tive uma injeção de ânimo, eu vi que a gente é capaz” (PEDRINA); e “Vocês merecem ser felizes!” (BERNARDINA).

Esse recorte “Mensagem às mulheres do mundo” contempla a importância da motivação vinda de outras mulheres/ou outros sujeitos na mesma condição, para promover mudanças e empoderamento. Ofertando estímulo e apoio para que outras mulheres retornem os estudos, superem dificuldades, busquem seus direitos e uma vida mais digna, enfim, demonstram que os problemas são superáveis, e mulheres unidas são fortalecidas.

Percebeu-se, nas mensagens, que as egressas são generosas e solidárias, e tiram de suas experiências de vida palavras de motivação e esperança para outras mulheres. Fazer este movimento de solidariedade motiva também quem se doa. É o caso de Bernardina que em 2019 frequentou o programa pela terceira vez. “Agora neste momento estou fazendo de novo o curso mulheres sim e o curso *A realidade brasileira*, que é no sábado o dia todo. A gente deixa tudo em casa e vai estudar para entender melhor a vida e poder ajudar os amigos, os parentes, quem precisa de auxílio, os menos favorecidos”. (BERNARDINA).

De maneira semelhante, a ONU mulher em seu movimento *ElesPorElas* busca o diálogo e o esclarecimento sobre os direitos das mulheres para acelerar os progressos para alcançar a igualdade de gênero, tendo como seu primeiro princípio a geração de solidariedade: 1. Gerando solidariedade, 2. Envolvimento dos homens, 3. Envolvimento dos jovens, 4. Abrindo espaço para a liderança de mulheres e meninas. (ONU, 2020).

Pode-se dizer que a solidariedade é um atributo capaz de fomentar mudanças no mundo e nas pessoas. No depoimento de Maria Helena, ela relata que a motivação em participar do programa em 2017 foi também para trazer as amigas às aulas, e ajudá-las a saírem da depressão.

“Então foi assim, a gente nem sabia se ia dar conta disso, então foi uma maneira também de colaborar com elas e melhorar juntas, eu também sou de depressão” (MARIA HELENA).

Figura 3 - Primeira página das egressas.

The figure displays nine individual profile pages for women graduates, arranged in a 3x3 grid. Each profile features a main header image, a name, a row of three smaller images, and a section titled 'Mensagens às mulheres do mundo' containing text and a date.

- Top Row:**
  - Maria Helena Kirchner:** Profile with a main image of her in a white jacket and a background of a large building. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
  - DOMINGA JANOVITZ:** Profile with a main image of her wearing glasses. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
  - Bernardina Bataglin:** Profile with a main image of her smiling. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
- Middle Row:**
  - Joana Fernandes Sebben:** Profile with a main image of her in a field. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
  - Noeli de Avila:** Profile with a main image of her in a blue top. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
  - Gisela Gausmann:** Profile with a main image of her in a white dress. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
- Bottom Row:**
  - Pedrina Rosane Alves Da Costa:** Profile with a main image of her wearing sunglasses. Includes a text message dated 13 de abril 2020.
  - Marline Lubin:** Profile with a main image of her in a dark top. Includes a text message dated 13 de abril 2020.

Fonte: Elaborado pela autora.

### 5.3.2 A apresentação do perfil de cada mulher

O perfil com o título “Eu, xxx[nome de cada uma delas]” está na primeira subpágina, após a primeira página com seus nomes e a mensagem às mulheres do mundo. Traz o período em que a egressa fez o Programa Mulheres Sim e/ou Mulheres Mil, a idade, trajetória escolar, a vida social e familiar e algumas referências à vida profissional. O resultado foi importante para mostrar que os perfis são muito diferentes, as oportunidades e desafios que cada mulher teve durante a vida são diferentes, ecléticos e instigantes, contudo, foram colegas em um programa para mulheres em vulnerabilidade social. Apresentou-se, nesse espaço, que as vulnerabilidades sociais são dissolvidas em inúmeras possibilidades, e não somente em dificuldades financeiras/econômicas.

A amostra de diferentes perfis, idades, escolaridades, profissões e comunidade em que elas estão inseridas não as exclui do grupo de mulheres vulneráveis. Cada uma tem saberes e vivências para compartilhar, assim como buscam no programa um apoio para sanar as vulnerabilidades diversas, que ora são um desafio. Dentre estes, muitos já superados, como demonstram em suas falas sobre o período escolar.

Assim, elas apontaram os desafios e a alegria de voltar aos bancos escolares.

“Tive, infelizmente que parar de estudar! Tudo era vento contrário, quando eu era mais jovem, porque era só particular e eu não tinha recursos. Mas eu nunca desisti”. (Tulipa, 53).

"Eu gosto de estudar e só parei por circunstâncias como falta de escola próxima de casa, cuidar da família, depois trabalhar para sustentar a filha e a casa sozinha". (GISELA).

“No português não consigo fazer uma lista de mercado, meu filho não entende o que eu escrevo”. (NOELI).

"Cada vez que o caderno enchia, eu precisava apagar todas as folhas e usar o mesmo caderno, não tinha como comprar outro". (DOMINGA).

Agora, com os filhos grandes e a casa arrumada, sobra um tempinho para realizar aquele desejo de "descobrir as coisas", num lugar que ela achou que nunca iria poder entrar, no prédio grande e bonito... IFSC (DOMINGA). Neste recorte, a egressa destaca a viagem que fez pela primeira vez, quando acompanhou a turma a Treze Tílias. "Foi um dos momentos que mais marcaram a minha vida! Eu gostei muito" lembra ela.

Joana faz referência ao tema "violência de gênero", sobre as falas que lhe chamaram a atenção durante o programa e que ela pode replicar o conhecimento às mulheres: "Me lembro quando a delegada Joelma falou da questão da não violência, como evitar a violência, como se proteger. E da solidariedade com as mulheres que sofrem violência, foi bom!"

Algumas falas fazem referência às origens das mulheres, como descrito na trajetória de vida de Joana "filha de agricultores. Tem um filho que tem uma mãe feminista. Seu lar é a vastidão do campo, e sua família, os camponeses". Joana sente-se orgulhosa em ser agricultora e quis destacar em seu perfil a foto dela com a bandeira no ombro, feita durante a marcha das margaridas em Brasília, 2019.

Quando Marline desembarcou no Brasil, em 20 de dezembro de 2016, na mala, trazia o desejo de um trabalho que lhe proporcionasse uma vida mais justa e com condições de constituir sua família com dignidade.

O perfil das egressas é uma espécie de carta de apresentação, pretende-se que o leitor o conheça primeiro, para, na sequência, visitar a segunda subpágina, que trata mais especificamente sobre o Mulheres Sim e que está descrita na seção que segue.

### **5.3.3 Trajetórias, mudanças e impactos devido ao Mulheres Sim**

Na segunda subpágina de cada mulher, denominada “*xx[nome de cada uma delas] e o Mulheres Sim*” apresentam-se ao leitor as percepções, considerações e avaliações delas sobre o Programa Mulheres Sim. Esses textos fazem referências ao período em que foram alunas e às mudanças ocorridas em suas vidas após concluírem o programa. Tomou-se o cuidado de não expor as alunas a constrangimentos, assim, nem todas as informações dispostas na dissertação estão no site.

Na mesma subpágina, há uma mensagem deixada por elas para uma pessoa que marcou o seu período de estudante no IFSC. Elas poderiam indicar qualquer pessoa, professores, colegas, amigos. Em contato com as pessoas mencionadas pelas egressas, foi solicitado que os (as) homenageados (as) também fizessem uma mensagem de resposta, que foi prontamente aceito por todos (as) e, também, essas mensagens foram disponibilizadas no ambiente. A troca de mensagens, que pode ser acompanhada pelos visitantes do site, e revela os vínculos que foram estabelecidos e os aprendizados coletivos gerados no processo ensino aprendizagem.

Além das mensagens trocadas, esta subpágina tem como propósito explicitar os sentidos de participação no programa que ficaram marcados em suas memórias. Maria Helena destacou ter aprendido o que é economia solidária, ações de cooperativas e associativismo, também sobre o feminismo.

Por fim, Maria Helena considera que o desafio de aprender informática no curso foi superado e essa mulher de 73 anos deixa um recado às parceiras. “As mulheres ainda são muito dependentes dos homens, precisam se libertar do machismo, elas precisam do seu trabalho, do seu carro e da sua autonomia”, afirmou.

Figura 4 –Maria Helena e o Mulheres Sim



Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Para Dominga que relatou ter sofrido vários preconceitos ao longo da vida, o sentimento ao ingressar no IFSC foi de inclusão social.

Figura 5 - Dominga e o Mulheres Sim



Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Já para Bernardina, essa mulher sorridente e confiante, afirmou que a sensação pelo retorno aos bancos escolares *“foi maravilhosa”!*

Figura 6 - Bernardina e o Mulheres Sim.



Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Enquanto Noeli destaca que durante sua vida não conseguiu estudar, fez o segundo ano do primário e retornou aos bancos escolares no Mulheres Sim, sua vida foi cuidar dos filhos, seus e das outras famílias. Mas a vontade de estudar estava apenas adormecida, na primeira oportunidade ela se inscreveu no Mulheres Mil em 2011 e não parou mais.

“Quando eu fiquei sabendo do curso deste ano, 2019, eu vim, e aqui estou novamente, isso é muito bom para mim, porque me ajuda para não ficar em casa, porque como tenho problema nas pernas eu não vou em lugar nenhum, não tenho como sair para ir a festas, então estar aqui me alegra (NOELI) ”.

Figura 7 - Sueli e o Mulheres Sim



Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Pedrina relata que a sua participação ao longo do Mulheres Mil e depois Mulheres Sim ajudou para superar a depressão, mas, principalmente em seus empreendimentos como microempreendedora no ramo do artesanato. “Contribuiu porque a partir do momento que a mulher sai de casa, que ela se liberta de ficar só em casa, ela começa a perceber o potencial que ela tem e as condições que ela tem de se virar”, destaca Pedrina.

Figura 8 - Pedrina e o Mulheres Sim



## Pedrina e o Mulheres Sim

Depois de 2011, quando participou da oferta do Mulheres Mil, Pedrina não parou mais. Além do conhecimento direcionado ao seu sucesso como empreendedora, ela afirma que, com o curso, sentiu um estímulo para a sua vida pessoal.

As dificuldades para o acesso à educação foram uma barreira na sua vida. Em muitos momentos intransponível, mas segundo ela depois que começou a estudar no IFSC nunca mais parou, faz todo ano um curso diferente, espanhol, empreendedorismo, marketing.

*"Para mim, o Mulheres Sim agregou valor na minha renda. Porque eu busquei um nicho de mercado que são as casas de gato e arranhador, casa para cachorro, cama para cachorro, e isso hoje é bastante procurado, então eu consegui agregar na minha renda. Inclusive esse ano eu participei da FAISMO, eu aluguei no barracão um espaço para os artesanatos da Pedrina".*

Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Para Gisela o Mulheres Sim propiciou um avanço na sua profissão como artesã.

Figura 9 - Gisela e o Mulheres Sim



Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Para Joana, o Mulheres Sim empodera as mulheres na medida em que abre os horizontes para a autonomia feminina, principalmente através da possibilidade de obter renda para manter-se financeiramente independente dos maridos.

Figura 10 - Joana e o Mulheres Sim



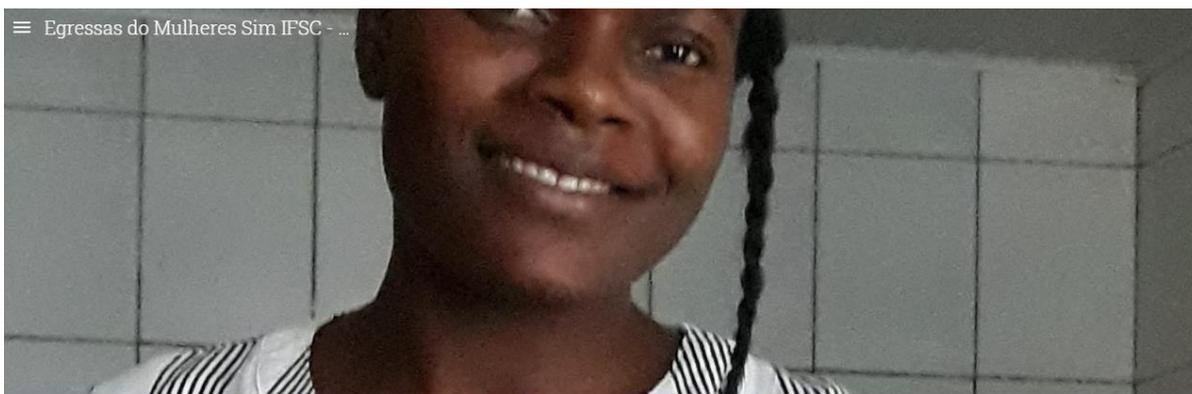
## Joana e o Mulheres Sim

Joana participou da segunda turma do programa Mulheres Mil em 2012, e em 2017 no Mulheres Sim, este voltado às mulheres do campo. Participar de um programa voltado à mulheres pela segunda vez, em 2017 foi uma provocação que ela prontamente aceitou. Foi uma satisfação trazer as antigas companheiras para a sala de aula, assim como encontrar outras mulheres e ali fazer novas amizades. Além de trocar experiências e se fortalecer enquanto grupo e liderança feminina, essas mulheres também aprenderam a fazer panificação.

Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Marline relata duas conquistas importantes, a socialização com as brasileiras, compartilhando as culturas e fazendo amizades, e o seu ingresso na graduação no IFSC.

Figura 11 - Marline e o Mulheres Sim



## Marline e o Mulheres Sim

Marline participou do programa Mulheres Sim em 2018

Para Marline, o Mulheres Sim não proporcionou aumento de renda diretamente. Contudo, o que aprendeu durante as aulas foi importante em muitas atividades no lar. *"Eu aprendi a fazer sabão em pó (barra), bolinho, bolos, brigadeiros, como guardar as coisas na geladeira, como cuidar da cozinha, como fazer todas essas coisas.... São coisas que têm a ver com alimentos, como nós devemos fazer no dia a dia em casa"*. Aprendeu também o que não pode fazer: *"O que é errado, o que deve fazer e o que não deve fazer, por exemplo a higienização,*

Fonte: site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO

Após apresentados os resultados do Mulheres Sim, na voz das egressas, apresentar-se-á a terceira e última subpágina. Esta de forma mais descontraída e livre, completa o quadro de identificação e socialização das egressas. É marcado por alguns títulos prévios, mas também com as indicações de cada mulher, apresentando o que faz parte do seu dia a dia. Vale ressaltar que os resultados do Mulheres Sim são transversalmente modificados pelo contexto social em que cada mulher vive, suas expectativas, desejos, conhecimentos prévios, socialização comunitária e familiar, dentre outros.

O contexto e a conjuntura social interferem objetivamente e subjetivamente na aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos no programa, assim como, nos seus resultados a médio e longo prazo na vida de cada mulher, conforme verifica-se a seguir na subpágina fatos e fotos, que mostra o contexto familiar e social delas.

#### **5.3.4 A seção fatos e fotos: histórias de vida das egressas do Mulheres Sim**

A terceira subpágina, denominada “Fatos e fotos e x[nome de cada mulher]” foi previamente pensada para que os leitores percebessem a complexidade e a especificidade da vida de cada egressa, e assim, pudesse assimilar e tirar conclusões sobre o porquê dos resultados mencionados por elas, sobre as mudanças que o programa propiciou em suas vidas. As informações são bem pessoais, e cada mulher optou por apresentar aquilo que lhe convinha sobre as características familiares como moradia, amizades, filhos e netos, animais de estimação, e outros.

Através da descrição dos seus sonhos, buscou-se assimilar se elas foram impulsionadas a novas possibilidades, como continuar estudando, empreender novos desafios profissionais, novas possibilidades a serem realizadas nos próximos anos. Sobre o trabalho, buscou-se dentre as falas livres conhecer os relatos de como produzem, onde trabalham, se o trabalho desenvolvido hoje tem relação com o aprendizado no programa.

Quando perguntada a Maria Helena “o que a deixa feliz”, ela relatou que “Sua alegria é ajudar as pessoas necessitadas, com problemas de saúde, idosos, deficientes, pobres”. Referindo-se aos momentos que marcaram sua vida, ela lembra que aos dezoito anos formou-se freira. Seu sonho era ser professora, e ela viveu uma curta experiência na juventude “eu adorei a experiência”. Maria Helena é poetisa e tem algumas poesias registradas, gosta de músicas alemãs de kerbfest, cultiva alimentos orgânicos e adora cuidar das flores de seu jardim. Analisando o contexto social, percebe-se que ela tem como objetivo estar em comunidade, para suprir as carências afetivas, ter contato humano e através deles, realizar outro sonho: O sonho maior de Maria Helena é “retomar ou recuperar a vitalidade que eu tinha quando mais nova, para levar uma vida plena com sentimentos positivos, mais saúde e satisfação”. (MARIA HELENA).

Diz Dominga que “hoje estudo, trabalho e tenho uma linda história de vida” percebe-se o sentimento de realização pessoal por hoje estar aposentada e conseguir estudar, que durante a vida atribulada e mãe com filhos pequenos e trabalho, não foi possível. Ela relata através de um desenho, que trabalhou muito em sua vida, e hoje se considera vitoriosa. Ela solicitou que não fosse omitido em seu texto que sofreu discriminação e preconceito em sua vida, por ser mulher e negra. Dominga mostra com orgulho os artesanatos que fez durante o programa, mas seu sonho de ter uma máquina de costura ainda não foi realizado, “quero costurar e distribuir as peças para as pessoas pobres” Como tantas outras mulheres, mesmo na carência, Dominga não perdeu a generosidade. Sobre as “amizades” Dominga descreve que: “ao participar do Programa Mulheres Sim, eu saio um pouco de casa, e aprendo muitas coisas e encontro muitas mulheres”.

Percebeu-se que apesar do trabalho sofrido em uma olaria por vinte e cinco anos, Dominga sente-se realizada e feliz, guarda as marcas e mágoas da discriminação, mas, ressalta o som da música de mesma data, que lhe alegria. Assim como, lhe traz felicidade o retorno às aulas e o encontro com as amigas. “Dominga tem na memória a música Beijinho doce, antiga canção que lhe proporciona alegria até hoje. ”

Em “Fatos e fotos de Bernardina” foram tantas informações, assim como é sua vida de mulher engajada com os movimentos sociais e lutas pelos direitos das mulheres. “O objetivo principal era juntar forças para lutar pela consolidação do direito da aposentadoria da dona de casa, **em 2020 este é um direito já consolidado**”.

A solidariedade também é um sentimento forte, e seu sonho é: “quero ver um mundo melhor para todos, um mundo em que as pessoas tenham o pão de todos dia, não passem fome, seja um mundo justo com igualdade e fraternidade”. (BERNARDINA).

Relata Bernardina que o fato que aconteceu durante o curso e lhe marcou foi uma palestra sobre gênero, que assistiu durante o programa de 2019. A palestrante era transexual e estava se preparando para fazer a cirurgia para troca de sexo, de menina para menino. “Fiquei muito feliz por ter tido a oportunidade de ouvi-la. Marcou muito pra mim ver o mundo pelo outro lado, fazer essas descobertas. ” (BERNARDINA).

Bernardina é uma mulher alegre e batalhadora, assim, fez questão de mostrar fotografias de momentos enquanto realizava suas atividades no campo, mulher agricultora que cultiva produtos orgânicos, gosta de cozinhar para os filhos e amigos, suas amizades são as mulheres camponesas, e suas músicas preferidas são as antigas de Roberto Carlos e Chitãozinho e Xororó. Seu lazer é fazer atividades que começam com B: jogar bolãozinho, baralho e bingo.

Noeli ao falar de seus sonhos, demonstra que hoje está conformada e feliz com o que tem, está afastada do trabalho em aux. doença, tem seus filhos adultos, têm casa própria e agora, depois de muitos anos de trabalho consegue estudar: “Eu tinha um sonho de casar de branco na igreja. Sempre pensava nisso, era o que eu mais queria! Mas casei duas vezes e isso não aconteceu. O meu sonho hoje é arrumar a minha casa do meu jeitinho. Quero que minha família toda tenha saúde e que sempre possamos estar juntos, com muita paz e alegria, é o que eu mais desejo”. (NOELI).

Em sua casa simples, ela conta com as companhias que lhe fazem sorrir, Fiona é uma pitbull muito dócil! Mas, quem manda na casa e no coração de Noeli e da família é o papagaio Rico, "não se sabe se ele é fêmea ou macho" diz Noeli. Rico já tem 25 anos, faz parte da família,

e é o companheiro de prosa de Noeli. Ele é tratado como uma criança e tem todos os mimos e atenção de todos da família. A neta Daiana é a pessoa preferida do Rico, e a primeira palavra que o papagaio aprendeu foi "Upa! Porque escutava a avó brincar de cavalinho com a neta. Noeli diz que, quando a família vai fazer as refeições, Rico logo diz: Rico também quer! Rico não gosta de visitas, quando chega alguém ele recebe com esta frase: "corre daqui bocó, que a polícia te pega". Rico tem uma desavença séria com o papagaio do vizinho ao lado, que o chama de "tareco", e ele, prontamente, responde: "bocó". Noeli ainda relata que: "Eu chego em casa do Mulheres Sim, tem o meu papagaio em casa, ele conversa comigo e eu conto o que aconteceu na aula, assim ele fica contente, e eu também!

Na sequência Noeli fala de suas alegrias. Ela mostra as fotos da neta, com muito orgulho. Sentimento de avó, que agora, depois de aposentada, consegue curtir as músicas de seu ídolo Amado Batista, "eu sou apaixonada por ele", um dia minha filha me levou no show dele em Maravilha, foi um dos dias mais felizes da minha vida! (NOELI).

Enquanto para Pedrina os dias são dinâmicos, de muita ação e agito, suas fotos mostram uma mulher ativa e esportiva. Segundo ela o seu trabalho se desenvolveu muito após a participação no programa. Ela juntou-se a outras artesãs e formou a cooperativa ATEAR. Pedrina hoje está motivada e trabalha muito nos artesanatos que gosta, contudo revela que durante a participação no programa sua depressão melhorou bastante. Percebeu-se pelas fotos indicadas por ela o grande orgulho pelo seu trabalho de artesã.

"Pedrina tem dois sonhos! Um ela já realizou que foi formar seus dois filhos, na faculdade. Quanta emoção para essa mãe que não conseguiu completar o seu curso de graduação. O outro, que falta realizar, é ir viajar e conhecer locais do Nordeste, como Bahia e Fortaleza, e os países do exterior como Cuba, Peru e Argentina. Segundo ela, em Cuba estão amigos queridos que passaram pela sua pensão e que ela gostaria de visitar, seria uma oportunidade também para colocar em prática seu espanhol. (PEDRINA).

Quando questionada sobre os desafios de Pedrina ela relata que um desafio seria vencer as dificuldades financeiras e, assim, poder realizar seus sonhos de conhecer lugares especiais

pelo mundo. Na mesma proporção, deseja envelhecer com saúde e qualidade de vida, fazendo esportes, cuidando da saúde mental e cultivando a paz e a alegria. (PEDRINA).

Gisela revelou durante suas falas, ao longo deste trabalho, a motivação por estudar, aprender sempre coisas novas, e partilhar os conhecimentos. Sobre seus sonhos, ela descreve: “É um sonho meu estudar mais, fazer uma faculdade. Acho que faria graduação em Artes. Porque desenvolve também o meu lado artístico e da minha profissão, não sei que ramo das artes eu faria Posso demorar por um tempo, porque hoje eu preciso dar prioridade para que minha filha consiga concluir os estudos dela, após isso, eu farei. ” (GISELA).

A ligação de afeto de Gisela com o programa tem relação direta com o questionamento sobre “O que a deixa feliz? ” “Eu amo dar aulas e estar com as alunas. E meu objetivo é este: começar a participar de exposições, concorrendo a prêmios. Enfim, toda área de patchwork que é maravilhosa, que eu amo! ” Quando solicitado que ela falasse sobre suas amizades obteve-se que: “Estar na sala de aula me fazia muito bem, eu estar com a turma. Ali surgiram novas amizades muito boas amizades, criou amizades até sólidas que a gente se visita hoje ainda, toma um chimarrão. Criou e deixou laços na turma”. Gisela.

Gisela destacou ao longo da pesquisa dois impactos do programa em sua vida, as amizades que ainda cultiva, e o profissionalismo em seu trabalho como microempreendedora individual como artesã.

As músicas escolhidas por Joana mostram a sua afeição com as lutas das mulheres camponesas, dos povos minoritários e oprimidos. Sobre os momentos que marcaram a sua vida ela cita a sua entrada no grupo de mulheres Campesinas em 2003, e em 2019 em Brasília, a Marcha das Margaridas. Joana lá estava com as companheiras, "Eu adoro esses momentos de ta conversando com elas, conhecer os costumes delas! " Ela relatou que o programa não lhe trouxe grandes ganhos, mas destacou os que foram importantes os conhecimentos para calcular os preços dos produtos que comercializa, assim como os conhecimentos sobre direitos das mulheres.

Quanto aos seus sonhos ela revela que: “Eu tenho planos para a nossa propriedade, assim, é a questão do turismo rural que eu quero implantar ainda. Receber pessoas para conhecerem e degustarem os meus moranguinhos lá na horta, poder acolher bem e com conforto e espaço. Estar produzindo alimentos sempre saudáveis. Mais um sonho que eu tenho, que eu comecei um pouquinho, é ir conhecer o Brasil e os outros estados, outros lugares e outras pessoas, outros costumes e culturas. Quero conhecer outras mulheres de outros lugares, mais lugares, enfim, continuar participando da vida”. (JOANA).

Comparando os sonhos de Joana com os relatos sobre o que aproveitou do programa, percebe-se que eles têm relação direta com o movimento das mulheres pela igualdade de direitos, e com a continuidade de prosperidade de sua propriedade de produtos orgânicos.

A egressa mais jovem Marline revela que seu sonho é terminar a faculdade e ter um bom emprego como profissional. Suas fotografias apresentam sua trajetória desde o Haiti, sua juventude, amigos, antiga universidade e todas as coisas que deixou para trás em busca de uma vida com mais opções de estudo e trabalho.

Em sua carta anexa a página, ela revela que chegando ao Brasil e estando desempregada fez a inscrição no programa porque gosta de aprender. Sobre os momentos que marcaram sua vida Marline lembra: “foi o terremoto que destruiu o Haiti em 12 de janeiro de 2010, tudo ficou arrasado, não tem mais emprego, tudo acabou, por isso estamos aqui no Brasil”. Dentre as coisas que lhe marcaram positivamente no programa ela cita que, foram os momentos de coleguismo, amizade e interação com as brasileiras. “Sim! Nós fizemos amizades. Até hoje, quando eu vejo algumas das ex-colegas na rua, pergunto: -Oi, como vai? Como está? Acho que foi muito divertido, porque as mulheres brasileiras são muito legais conosco. Trabalhamos em grupo e foi muito divertido”! (MARLINE).

Marline é uma mulher batalhadora, enfrenta desafios e está construindo uma nova história no Brasil, ela apresenta, orgulhosamente, uma foto com o caderno que usava durante o Mulheres Sim. Diz ela que o programa não lhe ajudou a arrumar um novo emprego, mas através do Mulheres Sim ficou sabendo do curso de graduação na instituição e está frequentando.

#### 5.4 ANÁLISE DAS OPINIÕES DOS LEITORES SOBRE O SITE

Embora o site ainda continue aberto para visitação e, conseqüentemente, para o registro de opiniões dos leitores, nesta seção faz-se uma análise dos textos recebidos através do formulário colocado na capa do site. As avaliações deixadas na página são apresentadas, nesta seção, de modo a contemplar as opiniões dos visitantes quanto a organização visual e ao conteúdo disponibilizado no site e quanto ao papel do Mulheres Sim como uma estratégia para assegurar a inclusão social de mulheres. A análise fica restrita ao período de 01/04/2020 data de abertura do site até 10/05/2020, período de finalização da análise deste trabalho, antes de ser defendido em banca. As opiniões foram diversificadas, incluindo sugestões para as próximas ofertas do Programa Mulheres Sim.

“O trabalho é superimportante para a sociedade, pois mostra a realidade de muitas mulheres e o quanto a formação pode contribuir para o desenvolvimento da vida da família” (LEITOR, 02). Outro leitor apontou que as ações do programa apresentadas no site “capacitam [as mulheres] para vencer os desafios que a vida lhes apresenta” (LEITOR, 17).

As opiniões dos visitantes, como já informado, referem-se tanto à estrutura do site quanto às condições de vida das mulheres, apresentadas nas diferentes subpáginas. “Vale destacar a qualidade das imagens, a apresentação da história de vida é o ponto mais forte.” (LEITOR, 04) e “Cada história de vida ilustra o papel da mulher, na luta contra o machismo dominante da sociedade, na luta por condições de uma vida mais digna, a valorização de seu trabalho e de seu papel social”. (LEITOR, 10).

Muitas foram as referências à importância de ofertas formativas que contribuam com o crescimento integral da mulher. “A mulher de forma integral e descobre os seus pontos fortes e os seus sonhos que permitem reescrever as suas histórias de vida” (LEITOR, 09), “através da estratégia de aprendizagem ao longo da vida foi possível não só a aquisição e transmissão de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de um espírito comunitário” (LEITOR, 16).

#### 5.4.1 As histórias das egressas como inspiração para outras mulheres

Dentre as opiniões deixadas pelos visitantes identificou-se que este cumpre com o objetivo de incentivar outras mulheres para superarem os desafios do cotidiano: “O site está bem organizado e explicativo. Acredito que cumpra o objetivo de incentivar outras mulheres a também superarem os preconceitos e medos a partir da exposição de histórias de mulheres que já conseguiram”. (LEITOR, 01).

O leitor (02) considera que o produto educacional cumpre um papel social e contribui para que as mulheres avancem na conquista de seus direitos e a inclusão na sociedade. “O trabalho é superimportante para a sociedade, pois mostra a realidade de muitas mulheres e o quanto a formação contribuir para o desenvolvimento da vida da família. E a divulgação desse trabalho se faz necessário para mostrar como elas podem avançar perante a sociedade”. (LEITOR, 02).

Outras duas contribuições afirmam que o Produto Educacional tem potencial transformador quando apresenta histórias de vida, casos reais e inspiradores. “Histórias emocionantes e inspiradoras. Incentiva outras mulheres a acreditarem em si mesmas e no seu potencial. Parabéns pelo trabalho! ” (LEITOR, 13). “Gostei das histórias destas mulheres. É a prova de que qualquer pessoa pode conquistar a sua autonomia e viver seu próprio sonho”. (LEITOR, 08).

Destaca-se a fala do leitor (17) quando diz que o programa faz das mulheres pessoas melhores, neste caso, referenda-se que são as alunas que nas trocas de experiências e vivências com a interlocução dos professores contribuem para um processo formativo solidário. Como bem diz a célebre frase de Paulo Freire, (1987, p.44) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Freire no livro *Pedagogia do Oprimido* expressa que o papel da escola é ensinar o aluno a interpretar o mundo e assim transformá-lo. “Achei muito interessante divulgar o que foi feito através dos programas

aqui citados. Resumidamente foi falado coisas que fizeram destas mulheres, pessoas melhores. ” (LEITOR, 17).

O leitor (10) faz uma longa narrativa, introduzindo que o Mulheres Mil [Mulheres sim]<sup>57</sup> precisa obter visibilidade, e, que o produto educacional atende a essa necessidade de publicização de promovê-lo junto à sociedade, assim como mostrar os seus resultados e impactos através de relatos reais de egressas. Assim como, cita Paulo Freire para referendar seu ponto de vista.

Projetos como Mulheres Mil [Mulheres Sim] precisam obter visibilidade social, e neste quesito o formato do produto educacional não poderia ter escolha melhor: um site. As possibilidades desta janela para o mundo característica da web, permitindo que as informações sejam acessadas por computadores, notebooks, tablets, smartphones... permite uma conexão com o mundo. Parabens a escolha do formato de apresentação do produto educacional. Seu site expressa emoção, engajamento social e promove uma transparência da importância do papel social da Escola, de respeitar os saberes dos educandos, conforme nosso saudoso educador Paulo Freire, contextualizou em seu livro *Pedagogia da Autonomia*. (LEITOR, 10).

Diante do depoimento do visitante do site, é importante lembrar que o Programa Mulheres Sim é mantido com recursos federais, as alunas recebem auxílio financeiro de cem reais durante três meses, enquanto frequentam o curso do programa, como incentivo e apoio para permanência e êxito para que realmente se tenha a inclusão social de mulheres vulneráveis. Dessa forma, a visibilidade do programa, também se torna uma prestação de contas à sociedade dos investimentos feitos na comunidade local através do Mulheres Sim.

Outro leitor também citou a educação libertadora de Freire, que nos remete à obra “A educação como prática de liberdade de 1967”. “É maravilhoso ver as mulheres crescerem. É

---

<sup>57</sup> É importante lembrar que o Mulheres Sim é um novo programa, mas derivado do Mulheres Mil, por isso muitos leitores do site quando o analisam muitas vezes se referem ainda ao Mulheres Mil, lendo os relatos das egressas do Mulheres Sim.

educação libertadora. É luta feminista camponesa. É inovação. Superação”. (LEITOR, 06). Para Freire, a educação tem justamente este intuito, inicia-se pela alfabetização, mas, intimamente vinculada a conscientização para a liberdade e o pensamento crítico.

Eis aí um princípio essencial: a alfabetização e a conscientização jamais se separam. Princípio que, de nenhum modo, necessita limitar-se à alfabetização, pois tem vigência para todo e qualquer tipo de aprendizado. A alfabetização merece destaque por ser o campo inicial do trabalho do autor, onde se encontra a maior parte das experiências, além de que é um tema da maior relevância social e política no Brasil, como em muitos outros países do Terceiro Mundo. O aprendizado das técnicas de ler e escrever ou o das técnicas de manejar o arado ou usar fertilizantes (bem como o aprendizado das ideias de um programa de ação), — enfim, todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando. (FREIRE, 1967, p. 12).

Diante das opiniões aqui transcritas, conclui-se que o site, como produto educacional, cumpre seus objetivos de influenciar os leitores para a inclusão educacional e social, assim como pano de fundo, apresenta o programa e seus resultados a sociedade, de forma transparente. “Enfim, o trabalho superou minhas expectativas, parabéns Adriana pelo belíssimo trabalho!” (LEITOR, 04).

Além de verificar se o Produto Educacional tem potencial, cumpre seu papel como multiplicador e transformador social para a inclusão educacional, através das histórias de vida das egressas, é importante conhecer a avaliação dos leitores quanto ao formato proposto, questão a ser analisada na sequência.

#### **5.4.2 O layout do site, na opinião dos visitantes**

Quanto à estrutura as opiniões foram positivas: “O site está bem organizado e explicativo”. (LEITOR, 01), “Parabéns pelo site. Fantástico. Lindo”. (LEITOR, 06). “Gostei do layout do site, é interativo, com um design bonito e atingem os seus objetivos. Parabéns ao trabalho”. (LEITOR, 14). Sobre o layout, é importante informar que o Google Sites é uma ferramenta grátis que permite criar sites, contudo, não apresenta muitas opções de ferramentas

para programação, a formatação das páginas é simples e fácil de manusear utilizando-se de modelos prontos, sem as opções e possibilidades avançadas como existem em outras ferramentas pagas, contudo atendeu bem a demanda do Produto Educacional.

A qualidade do design atendeu às expectativas dos leitores, destacadamente as imagens. Contudo o que despertou o interesse do leitor (04) foram as histórias de vida das mulheres, como outrora já mencionaram, são únicas, carregadas de experiências de vida, e inspiradoras. “A página está maravilhosa, me surpreendeu a qualidade do trabalho que está sendo realizado, não tem como não se emocionar, a gente sente a luta das mulheres, do grupo envolvido quanto ao comprometimento com os propósitos do programa. Vale destacar a qualidade das imagens, a apresentação da história de vida é o ponto mais forte”. (LEITOR, 04).

O site proporcionou o acesso dos visitantes a documentos e publicações acadêmicas, e material em vídeo sobre os Programas Mulheres Mil e Mulheres Sim. O vídeo que está na capa do site mostra a repórter Adriana Tacaci entrevistando Patrícia Barcelos, diretora de articulação e projetos especiais do MEC. Patrícia fala do surgimento do projeto do Mulheres Mil, precursor do Mulheres Sim. “O Produto educacional aqui apresentado emprega um projeto gráfico de design limpo, mas esteticamente muito agradável. Traz informações importantes para apresentar e contextualizar o Programa Mulheres Mil, desenvolvido pelo IFSC em parceria com MEC/SETEC. Pessoalmente não conhecia as diretrizes e estratégias adotadas para o programa, e a síntese apresentada no site elucida claramente os propósitos. “Mas o que é belo no produto é a forma como as narrativas pessoais, e o processo de empoderamento e emancipação de cada uma das participantes são retratadas.” (LEITOR, 10).

A linguagem utilizada para contar as histórias das egressas também foi comentada pelos leitores como sendo uma boa opção de comunicação.

Há uma poesia estética muito bem planejada para valorizar cada vivência das participantes no programa. As narrativas pessoais feitas por meio de vídeos, fotos, desenhos enfatizam a luta da mulher do campo, o voluntarismo e a força de vontade empregado para ajudar o próximo e os seus familiares é marcante. Cada história de vida ilustra o papel da mulher, na luta contra o machismo dominante da sociedade, na

luta por condições de uma vida mais digna, a valorização de seu trabalho e de seu papel social. Em cada história retratada há o espelho de uma chama de esperança por uma sociedade justa e igualitária, e é seu alimento de sonhos com um futuro melhor. (LEITOR, 10).

O leitor (10) destacou que: “Senti falta de um link rápido em destaque do tipo: “*Como participar?*”. Vi que tem as informações no site, mas como o visitante normalmente vai muito pelo visual, um link rápido poderia ser útil”. (LEITOR, 13).

Outra dificuldade verificada pelo leitor (04) foi para abrir os arquivos de bibliografias disponíveis para download na página da pesquisadora. A questão, assim que verificada no espaço de opinião dos visitantes, foi ajustada.

### **5.4.3 A relevância do Programa Mulheres Sim**

As avaliações das egressas do Mulheres Sim, apresentadas ao longo deste trabalho, apontaram para as transformações que o programa possibilitou em suas vidas. Essas foram, em grande parte, muito positivas, permearam o apoio social, a interação e as amizades como o alento para a solidão, a inclusão social e a melhoria de doenças como a depressão, o incentivo à continuidade dos estudos, assim como uma maior capacitação para desenvolver empreendimentos de artesanato e de produtos orgânicos. Destacam-se principalmente as falas sobre os avanços na valorização dos direitos das mulheres e na luta por igualdade de gênero.

Nas opiniões deixadas pelos visitantes do site, observou-se que este, através da divulgação dos impactos do programa na sociedade, torna-se também um espaço para prestação de contas do poder público a comunidade, tornando transparente os investimentos públicos no programa, e destacando o papel importante da escola.

Assim, neste último tópico de avaliação das opiniões dos leitores, o que instigou a pesquisadora foi saber se, “o Programa Mulheres Sim é relevante à sociedade” foi para traçar um paralelo entre as respostas das mulheres, confrontando com a visão de pessoas que não

foram alunos, e que poderiam apresentar uma visão crítica e propositiva como sugestões de melhorias do Mulheres Sim.

Percebeu-se, de maneira geral, uma avaliação positiva do programa “cursos assim, valorizam as mulheres e as capacitam para vencer os desafios que a vida lhes apresenta. Gostei!” (LEITOR, 17).

O leitor (15) contextualizou o papel importante que a instituição ofertante tem para a comunidade local e, o afincou dos servidores em prol do melhor atendimento possível às mulheres.

Esse Programa Mulheres Mil, e depois Mulheres Sim criado no IFSC está ancorado na missão e valores dos institutos federais de educação, que é atender um público que muitas vezes ficou à margem do processo de ensino e aprendizagem. Além de formação técnica e científica, esses programas resgatam valores humanos e éticos. É inegável a qualidade do ensino ofertada pelos institutos federais e o trabalho sério que é desenvolvido por todos os profissionais da educação envolvidos sejam TAES ou docentes. Tive o prazer de acompanhar a implantação desse programa no início das atividades no Câmpus São Miguel do Oeste e carrego comigo as mais belas experiências e histórias que escutei dessas mulheres guerreiras e batalhadoras. É uma troca muito significativa que ocorre entre as estudantes e dessas com os servidores, todos são aprendizes nesse processo. Desejo sucesso para o câmpus São Miguel do Oeste e que ele continue com esse trabalho valioso e de grande reconhecimento por parte comunidade regional. (LEITOR, 15).

Na mesma linha, o leitor (10) fala sobre o compromisso social do IFSC na oferta de educação pública, gratuita e de qualidade.

Essa mesma chama da esperança foi alimentada por docentes, que participaram do programa exercendo seu papel social. Este é o propósito institucional do IFSC: o compromisso social de levar conhecimento para a sociedade, de forma gratuita e com qualidade, colaborando pelo fortalecimento do processo de emancipação do sujeito, uma emancipação caracterizada em dois níveis: social e humana. (LEITOR, 10).

O leitor (07) refere-se ao programa como uma valiosa oportunidade de apoio às mulheres para a superação de medos, opressões...“Parabenizo a quem teve esta sábia iniciativa de dar uma tão valiosa OPORTUNIDADE às mulheres se libertarem através de um

PROGRAMA específico. Quanta chance, se teve para superar medos, opressões, sentimentos de inferioridade, de baixa autoestima... OBRIGADA, a todos (as) que colaboram neste Programa Nacional, em especial, minha gratidão para a Senhora ADRIANA, pessoa que tem um dom especial de se comunicar com muita paciência e sabedoria. OBRIGADA!” (LEITOR, 07). A intervenção do IFSC na sociedade também foi mencionada na opinião que segue:

Um extraordinário projeto de desenvolvimento de competências pessoais, profissionais e sociais tendo por base uma intervenção social que olha a mulher de forma integral e descobre os seus pontos fortes e os seus sonhos que permitem reescrever as suas histórias de vida. Emancipação da mulher através de um empreendedorismo de competências. (LEITOR, 09).

Sobre a valorização dos conhecimentos prévios (RAP) baseado nos *colleges* canadenses e inserido desde o surgimento do Programa Mulheres Mil e hoje aplicado ao Mulheres Sim, que considera e valoriza a bagagem de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, foi citado como importante pelo leitor (16).

De facto um projeto notável. Através da estratégia de aprendizagem ao longo da vida foi possível não só a aquisição e transmissão de conhecimentos, mas também o desenvolvimento de um espírito comunitário e de entajuda necessários para fazer face a situações de solidão e isolamento social, que em muitos casos desenvolvem patologias depressivas em indivíduos com idade avançada. O empoderamento gerado aos participantes do projeto, assim como o fator multiplicador verificado pela transferência dos seus conhecimentos à sociedade, são provas irrefutáveis da contínua aposta na inovação nestas abordagens. (LEITOR, 16).

A valorização dos conhecimentos de vida de cada mulher e a consideração de conhecimentos práticos são investimentos feitos nas pessoas, e foi considerado “fascinante” pelo leitor (11), contudo ele dá sugestões importantes para o atendimento integral das mulheres em vulnerabilidade social: “Achei fascinante todo o investimento feito nas pessoas”. “É muito importante dotar as pessoas de novos conhecimentos [...] evitando o isolamento social e servindo de escape ou mesmo de apoio (possibilitando mesmo um pedido de ajuda em situações de emergência, seja por violência ou pela própria higiene psicológica”. (LEITOR, 11).

Neste tópico um leitor chama a atenção para o atendimento em rede, e/ou a oferta de assistência adicional às mulheres de acordo com as vulnerabilidades que possam apresentar, como violência, problemas psicológicos e apoio social através de “grupo social” no combate ao isolamento.

Outra situação mencionada foi a valorização dos servidores que trabalham com o programa, técnicos e professores, e o compromisso do IFSC na oferta do programa “É inegável a qualidade do ensino ofertada pelos institutos federais e o trabalho sério que é desenvolvido por todos os profissionais da educação envolvidos sejam TAES ou docentes” (LEITOR, 15). Demonstra que a instituição quando optou por ofertar o Programa Mulheres Sim, oportunizando a continuidade do atendimento às mulheres que não poderiam cursar o Mulheres Mil via PRONATEC, por não terem o mínimo de escolaridade exigida, conseguiu além de acolher essas mulheres, ofertar um programa de excelência que hoje é reconhecido pela comunidade como uma marca de sucesso para a transformação social na sociedade.

A avaliação dos leitores (em espaço ainda aberto para novas contribuições) foi fundamental para a identificação dos aspectos positivos e do que ainda pode ser melhorado no site disponibilizado a partir do produto educacional que constitui este trabalho. Junto aos dados da pesquisa e à coleta de histórias de vida das mulheres, o site representa-se como mais um elemento na proposta de refletir acerca das contribuições do Mulheres Sim à sociedade, especialmente das ofertas feitas no câmpus em análise, o IFSC-São Miguel do Oeste.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante dos objetivos propostos pela pesquisa, buscou-se conhecer e analisar os impactos que o Programa Mulheres Sim proporcionou na vida das egressas das ofertas do IFSC-São Miguel do Oeste. Diante das narrativas apresentadas, pode-se dizer que o Mulheres Sim contempla o propósito de atendimento às mulheres vulneráveis, promovendo a cidadania e a inclusão social. Observou-se que entre as egressas entrevistadas neste trabalho, não houve a inclusão social através do mercado de trabalho formal, com acesso aos direitos trabalhistas, ou na informalidade com novos empreendimentos diferentes daqueles em que as mulheres já trabalhavam. Mas, é importante ressaltar que quatro entrevistadas relataram ter agregado valor e êxito em seus empreendimentos devido aos conhecimentos adquiridos no programa, como Rosa (50) que se tornou uma microempreendedora proprietária de um ateliê de patchwork. É importante frisar que, todas as entrevistadas relataram que utilizam alguns conhecimentos adquiridos para melhorar as suas rotinas em casa com as famílias, através de cuidados com a casa, com a higiene, a produção artesanal de pães e bolachas, a fabricação de sabão caseiro, do plantio de hortaliças e do cuidado com a terra.

É importante visualizar o contexto econômico no Brasil para compreender que a educação quando se propõe em incluir pessoas, precisar considerar que o montante de trabalhadores informais no Brasil vem aumentando muito segundo o IBGE (2020), em onze estados brasileiros a informalidade alcançou a marca histórica de 50% da população. Apenas em Santa Catarina e o no Distrito Federal o percentual ficou abaixo de 30% dentre os 27 estados brasileiros. Segundo Beringuy apud Terra (2020, p. 01) “Em praticamente todo o país, quem tem sustentado o crescimento da ocupação é a informalidade”. Dessa forma observa-se que o programa oferta conhecimentos às mulheres para o fomento de renda através de trabalhos informais, quando em situação de desemprego.

Todas as entrevistadas ressaltaram que diante das suas expectativas, o programa trouxe bagagem de conhecimentos importantes para as suas vidas no cotidiano, como direitos da

mulher, cidadania, cuidados com a saúde e a ergometria, melhorias na área alimentícia, do artesanato; e na área da agronomia, no cuidado com a preservação da natureza e a produção de alimentos orgânicos.

É importante destacar que, diante do perfil das egressas ouvidas neste trabalho, sendo que quatro delas já estão aposentadas, o acesso ao mercado de trabalho ou uma nova fonte de renda não foi a motivação para as suas participações no programa. As suas necessidades eram de socialização, de inclusão social, obter o sentimento de valorização e pertencimento, fazer amizades, sentir-se confiante e ter autoestima, sair de casa e achar meios para melhorar da depressão. O sentimento de pertencimento, acolhida e amizade foi destacado por todas as mulheres como um dinâmica que envolve todas as participantes, fato explícito nas falas: “não tenho mais depressão, estou feliz!” GIRASSOL (62), “Eu saí da depressão, tive uma injeção de ânimo [...] uma das conquistas foram as amizades que a gente fez, ficou vínculos, (TULIPA, 53).

Um dos objetivos da pesquisa foi identificar se o programa contribui com a ampliação dos conhecimentos acerca de temáticas como segurança e violência doméstica, qualidade de vida e saúde, direitos da mulher, autonomia para a superação de obstáculos quanto às questões de gênero e combate às desigualdades de gênero, e nestes aspectos, visualizou-se que o programa contribuiu e é eficiente, Azaleia (73) destaca que hoje sente-se preparada para auxiliar outras mulheres para que elas sejam protagonistas de suas vidas.

Outro importante contributo do programa foi verificado quando se buscou conhecer se o programa cumpria com o objetivo de despertar nas alunas as iniciativas para a continuidade dos estudos. Percebeu-se que, este objetivo teve grande êxito. Margarida (51), Gisela (50) e Tulipa (53) retornaram ao IFSC para fazer cursos de qualificação rápida em outras áreas do conhecimento. Seis entrevistadas participaram entre 2011 e 2019 mais de uma vez do Programa Mulheres Mil e/ou Mulheres Sim, sendo que Tulipa (53), Calêndula (66), Orquídea (58) e Girassol (62) participaram por três vezes. Tulipa (53) diz que após 2011 retornou ao IFSC para fazer um curso em cada ano, em diferentes áreas: empreendedorismo, espanhol, marketing...

Lírio (27) que é imigrante haitiana, estava desempregada e conseguiu emprego formal após o programa em 2018. Embora não relacione diretamente a sua participação no programa ao fato de ter conseguido trabalho, ela destaca que por estar no IFSC obteve informações e acessou o curso superior através do SISU. O IFSC é um espaço de relacionamentos e contatos, em 2020 é aluna do segundo ano da graduação em tecnologia de alimentos, ressalta ainda que, os conhecimentos na área alimentícia adquiridos durante o programa também lhe ajudam nas aulas da graduação, visto que são complementares.

Nesse quesito verificou-se que os objetivos gerais e específicos dos PPCs dos cursos do Programa Mulheres Sim foram atendidos, já que se constituem por:

Como objetivo geral, o programa busca proporcionar a construção de conhecimentos que auxiliem as alunas no exercício da cidadania, na melhoria da qualidade de vida, contribuindo para a geração de renda, a partir de saberes anteriores, através da abordagem de temas contextualizados e de impacto direto no dia a dia das alunas. Segundo os objetivos específicos, os conhecimentos disseminados pelo curso deveriam estimular a inclusão educacional, produtiva e social das alunas, contribuir para a elevação da autoestima, autonomia e empoderamento feminino, orientar sobre o autocuidado e a saúde. Fazer a inclusão digital. Capacitar para a geração de renda através da confecção de produtos artesanais. (IFSC, 2014).

Elas também deixaram sugestões para a melhoria do programa, em futuras ofertas. Entre elas, ampliar significativamente o período do programa de três para seis meses, ofertar cursos à noite para atender trabalhadoras, ampliar as aulas práticas em cozinhas e laboratórios, ofertar um curso específico sobre tecnologias da informação/informática para que o conhecimento nesta área se concretize de fato, fazer os pagamentos do auxílio estudantil somente ao final do programa visando prevenir a evasão.

Além disso, observa-se que, o programa precisa ter uma dinâmica e objetivos mais qualitativos e ofertar cursos que forneçam realmente os conhecimentos necessários para o ingresso no mercado de trabalho, saindo da informalidade. Assim, sugere-se que sejam ofertadas duas turmas por ano do programa. Um de acordo com os moldes atuais, (com o aprendizado sobre artesanatos, pães, cultivos de horta, português, matemática e informática,

direitos das mulheres...) para que os perfis das alunas dessa pesquisa continuem sendo atendidos. E outro em um turno mais adequado às mulheres trabalhadoras com cursos mais técnicos para atender a necessidades das mulheres em ascender ao mercado de trabalho formal nas empresas locais. Propõe-se um programa de educação-trabalho voltado às mulheres trabalhadoras mantendo-se os objetivos de atender as mulheres vulneráveis, preferencialmente sem escolaridade, oferecendo educação para os direitos da mulher, saúde, prevenção de violência, autonomia e empoderamento feminino, incluindo-se cursos que realmente propiciem mudanças estruturais tais como a diminuição dos elevados índices de desemprego, os subempregos ou empregos precarizados a que as mulheres pobres estão submetidas.

Algumas reflexões são necessárias, que vão além do papel do IFSC na busca em atender as mulheres vulneráveis através de um programa, ofertando projetos em seus câmpus, e assim propor-se a mudar a realidade dessas cidadãs. Mas quanto ao papel do Estado, enquanto organizador de políticas públicas sociais que visam a inclusão e emancipação da mulher na sociedade, deduz-se que ele já foi mais eficiente, quando no governo de esquerda entre 2005 e 2012 fez com que chegasse o Programa Mulheres Mil a todos os estados brasileiros. Houve um avanço e é notório o reconhecimento de que a pauta foi uma das bandeiras do governo Lula e depois Dilma, houve através do MEC e da Setec o empenho para que este programa se tornasse efetivo e chegasse às realidades mais distantes, como é o caso de São Miguel do Oeste. Contudo, em 2013 quando o programa Mulheres Mil foi incorporado ao PRONATEC, que exigia escolarização de ensino fundamental para matrícula, ele excluiu justamente o público para o qual o projeto piloto de 2005 foi pensado, “mulheres vulneráveis com baixa ou nenhuma escolaridade”. Hoje no Brasil existem dois programas que ainda mantêm a essência, os moldes e os objetivos do Mulheres Mil, sendo o Mulheres Sim no IFSC e o Mulheres Mil no IFRN, que são iniciativas institucionais que mantêm os auxílios das alunas através dos recursos do PNAES Política Nacional de Assistência Estudantil.

Quanto ao produto educacional, pode-se concluir que, as egressas foram as protagonistas e os sujeitos do produto educacional. Num primeiro momento surgiu as

dificuldades para que elas acessassem o site e visualizassem as páginas, foram muitas mensagens de ajuda e explicações sobre como proceder, mas o resultado foi muito agradável. Observou-se que foi um desafio e uma felicidade em descobrir-se no mundo virtual.

No site, construído por muitas mãos, o leitor vai conhecer histórias de mulheres batalhadoras, experientes na saga da vida, persistentes, imigrante, mães e avós orgulhosas, mulheres talhadas pelos sofrimentos, doces e generosas, muito generosas. As egressas que tiveram suas histórias socializadas no site, deixam um registro e um legado para que suas histórias não caiam no esquecimento, assim como, possam ser úteis para outras mulheres, incentivando-as para enfrentar seus desafios, dessa forma o produto educacional é também uma ferramenta de inclusão social.

Uma observação importante surgiu quando da análise das mensagens das egressas às pessoas que marcaram suas vidas durante o percurso no Mulheres Sim, são os “saberes da humana docência”: as mensagens dos professores que marcaram a vida das mulheres sinalizam para a importância de os professores considerarem os perfis diferenciados dos estudantes da Educação Profissional e Tecnológica (e em todas as modalidades de ensino).

A humana docência vem abordar sobre o papel do professor e a importância do seu trabalho para ajudar o educando a encontrar o seu lugar na sociedade. É uma reflexão de como o docente tem que desenvolver a afetividade, o amor, o social e etc. Mas, contudo, ele não deve ser só carinhoso. É preciso pensar nele próprio como um eterno aprendiz em busca de aprimoramento constante. E para ensinar e aprender a ser humano através do relacionamento entre os outros seres humanos. Principalmente a relação entre mestre e aprendiz onde ainda existe um grande distanciamento entre ambos. Este trabalho enfatiza que o ofício de mestre não é só passar o conteúdo programático, mas levar o aluno a aprender os valores em uma sociedade sem valores, como aprender a amizade, o amor, o relacionamento entre gêneros, classes, raças, idades (ARROYO, 2000 apud SILVA, 2020, P. 01).

Ainda sobre os saberes necessários à prática educativa Freire (2018, p. 138 e 139) também afirma que “educar exige querer bem aos educandos” pode-se dizer que o papel do educador vai além das questões cotidianas que ocorrem em sala de aula, para além dos conteúdos, “significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la [ ] e ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria”. As mulheres expressaram este sentimento de uma educação amorosa e humanizada em suas

mensagens aos professores, dispostas na segunda subpágina do site, denominada “*XX e o Mulheres Sim*”.

De um modo geral, quanto aos impactos do programa na vida das egressas, pode-se presumir através da pesquisa e das histórias no site Egressas Mulheres Sim IFSC-SMO, que: a inclusão, o empoderamento e a autonomia aconteceram na medida em que elas relatam melhorias em suas vidas, mesmo que momentâneas, fazendo referência ao período em que foram alunas do programa como: sair da depressão, apoio na amizade e no convívio social, acolhimento, autovalorização e sentimento de pertencimento, estes que foram os objetivos da maioria. Os conhecimentos sobre direitos humanos e saúde foram emancipatórios e ampliaram a visão delas sobre o papel das mulheres na sociedade atual.

“Sim! Eu posso aprender” com essa expressão de Rosa (50), conclui-se que a participação no programa, faz despertar nas mulheres um potencial e um gostar de estudar, suprimidos por anos de trabalho, devido aos cuidados com o lar e a criação dos filhos. O primeiro passo foi dado. Acredita-se que as portas do conhecimento abriram várias portas na vida das mulheres, egressas do Mulheres Sim. Fica um convite a todos (as) leitores (as) para que visitem e se deixem-se envolver pelo conteúdo do site: [Egressas do Mulheres Sim IFSC – SMO](#).

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Alcides Vieira de. **A Escola de Aprendizes Artífices ao Instituto Federal de Santa Catarina**. – reed. rev. e atual. – Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2010. 234 p.: il.; 00 cm. Disponível em: <[https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/livro\\_100anos\\_2016.pdf/6c6b9d8b-d3ac-cb6e-bd3b-9fdb628a7419](https://www.ifsc.edu.br/documents/30701/523474/livro_100anos_2016.pdf/6c6b9d8b-d3ac-cb6e-bd3b-9fdb628a7419)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

AMNISTÍA INTERNACIONAL. (EDAI) **La Trampa del género: mujeres, violencia y pobreza**. 2009. Disponível em: <<http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes/outros-artigos-e-publicacoes/la-trampa-del-genero-mujeres-violencia-y-pobreza>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

ANDRÉ, Marli; GATTI, Bernardete. **Simpósio Brasileiro- Alemão de Pesquisa Qualitativa e interpretação de Dados**. Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. 2008. Disponível em: <<https://www.uffs.edu.br/pastas.../bd/...pesquisa-e...pesquisa-qualitativa.../file>>. Acesso em: 10 maio 2019.

BAQUERO, Rute Vivian Ângela. **Empoderamento: Questões conceituais e metodológicas**. Redes, Santa Cruz do Sul. V.11, nº2 p. 77-93. 2006. Disponível em: file:///C:/Users/adria/Downloads/10843-45283-1-PB(3).pdf. Acesso em: 03 fev. 2020.

BARATO, Jarbas, Novelino. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. -- Brasília: UNESCO, 2015.192 p. 76. Disponível em: <<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233600>>. Acesso em: 20 mar. 20.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo Vol 6: A Experiência Vivida, Difusão Européia do Livro**, 2012.

BRASIL. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm)>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. **Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Disponível em: <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/lei-12513-2011.htm>>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

BRASIL. **Política Nacional de Assistência Social** – LOA-PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/Normativas/PNAS2004.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Normativas/PNAS2004.pdf)>. Acesso em: 25 de jun. 2019.

BRASIL. Lei 8.662/93 de março de 1993. **Código de Ética do/a Assistente Social**. Disponível em: [http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP\\_CFESS-SITE.pdf](http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP_CFESS-SITE.pdf)>. Acesso em: 12 de jul. 2019.

BRASIL. Ministério da educação. 2011. **Programa tem lançamento nacional nesta terça-feira**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/32718?start=20>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Programa Nacional Mulheres Mil**. 2018, b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=12299:programa-mulheres-mil>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

BRASIL. Lei Maria da Penha, Nº 13.104, DE 9 de março de 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=86341](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86341)>. Acesso em: 01 maio 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Mulheres Mil**. Educação, cidadania e desenvolvimento social. Disponível em: <<http://mulheresmil.mec.gov.br/o-que-e-44388>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Regulamento 2015**. Regulamento do Mestrado profissional em educação profissional e tecnológica em rede nacional. Disponível em:

<<https://www.poa.ifrs.edu.br/images/Documentos/regulamento-profept.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos. **Políticas públicas para mulheres**. Disponível em: <[http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2012/politicas\\_publicas\\_mulheres](http://www.spm.gov.br/central-de-conteudos/publicacoes/publicacoes/2012/politicas_publicas_mulheres)>. Acesso em: 15 nov. 2018 a.

BRASIL. **Portaria nº 1.015 de 21 de julho de 2011 do MEC**. Instituir o Programa Nacional Mulheres Mil que visa à formação profissional e tecnológica articulada com elevação de escolaridade de mulheres em situação de vulnerabilidade social. **Diário Oficial Da União** – seção 1. Nº 140, sexta-feira, 22 de julho de 2011. Disponível em: <[file:///C:/Users/monic/Downloads/PORTARIA%201015%20Programa%20Nacional%20Mulheres%20Mil\\_0%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/monic/Downloads/PORTARIA%201015%20Programa%20Nacional%20Mulheres%20Mil_0%20(2).pdf)>. Acesso em: 12 jun. 2019.

BRASIL. SENADO. **Senado notícias: sistema S**. Disponível em: < [Michels https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s](https://www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/sistema-s)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

CAPES. **Orientações para APCN - 2016**. Disponível em: <[Https://www.capes.gov.br/images/documentos/Criterios\\_apcn\\_2016/Criterios\\_APCN\\_Ensin\\_o.pdf](https://www.capes.gov.br/images/documentos/Criterios_apcn_2016/Criterios_APCN_Ensin_o.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CASAGRANDE, Andreia. BEGNINI, Sérgio. Empreendimentos de Economia Solidaria: Território Oeste Catarinense. Interações (Campo Grande) vol.19 no.1 Campo Grande Jan./Mar. 2018. Disponível em: < [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-70122018000100181](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122018000100181)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

CARVALHO, Paola Loureiro. **Mulheres: as vítimas preferenciais da pobreza**. Jornal do Comércio. Porto Alegre. RS. 07 de março 2018. Disponível em: <[https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/2018/03/opiniao/614926-mulheres-as-vitimas-preferenciais-da-pobreza.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/2018/03/opiniao/614926-mulheres-as-vitimas-preferenciais-da-pobreza.html)>. Acesso em: 18 jul. 2019.

CAVALIERI, Irene Corrêa. **Processos De Empowerment no Contexto Da Intervenção Social: Um Estudo Comparativo**. 2017. Disponível em:

<[https://eg.uc.pt/bitstream/10316/82584/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_final\\_IreneCavalieri.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/82584/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_final_IreneCavalieri.pdf)>. Acesso em: 03 fev. 2020.

CEFET-SC. **Relatório de demanda para oferta de Cursos Técnicos nas novas Unidades de Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET-SC).** Disponível em: <<https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/8/8b/Socioecon%C3%B4mico.pdf>>. Acesso em: 10 maio 2020.

CHAUI, Marilena. **Maldição e utopia.** Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, sábado, 12 de julho de 1997. Disponível em: <[https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/12/caderno\\_especial/4.html](https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1997/7/12/caderno_especial/4.html)>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CIAVATTA, M.; RUMMERT, S. M. **As implicações políticas e pedagógicas do currículo na Educação de jovens e adultos integradas à formação profissional.** Ver. Educ Soc. São Paulo, Campinas, v.31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010. 466As implicações políticas e pedagógicas do currículo na educação de jovens e adultos...Educ. Soc., Campinas, v. 31, n. 111, p. 461-480, abr.-jun. 2010. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 26 fev. 2019.

CORSETTI, Elisabete; SOUZA, Susane P.; LORETO, Maria das D. S. **O “Programa Mulheres Mil” no Espírito Santo: uma política pública educacional de equidade de gênero?** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v26n100/1809-4465-ensaio-S0104-403620180026001027.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

COSTA, Ítalo De Oliveira. **Uma comparação entre micro frameworks web para o desenvolvimento de aplicações back-end em java.** Disponível em: <[http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49763/1/2019\\_tcc\\_ideocosta.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/49763/1/2019_tcc_ideocosta.pdf)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

ELINE, Ivia. **Mulheres Mil na Rede Federal caminhos da inclusão.** 2011. p. 65. Disponível em:<[http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres\\_mil\\_na\\_rede\\_federal\\_-\\_caminhos\\_da\\_inclusao.pdf](http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres_mil_na_rede_federal_-_caminhos_da_inclusao.pdf)>. Acesso em: 21 jul. 2019.

EMPODERAMENTO. *In.*: Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa Online: Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

EXAME, revista. **Qualidades fundamentais na criação e desenvolvimento de sites.** acesso\_time17 mar 2017, 13h0. Disponível em: <[https://exame.abril.com.br/negocios/dino\\_old/qualidades-fundamentais-na-criacao-e-desenvolvimento-de-sites-shtml/](https://exame.abril.com.br/negocios/dino_old/qualidades-fundamentais-na-criacao-e-desenvolvimento-de-sites-shtml/)>. Acesso em: 26 abr. 2020.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa.** Mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FREIRE, Paulo; WEFFORT, Francisco C. **A Educação como prática de liberdade.** Paz e terra RJ 1967. Disponível em: <[http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao\\_pratica\\_liberdade.pdf](http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/otp/livros/educacao_pratica_liberdade.pdf)>. Acesso em: 03 mar. 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 17ª Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987. Disponível em: <<https://cpers.com.br/wp-content/uploads/2019/10/Pedagogia-do-Oprimido-Paulo-Freire.pdf>>. Acesso em: 14 maio 2020.

FREITAS, Ana. A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez. **Revista NEXO.** Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio, Org. **Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia:** relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento. Rio de Janeiro: UERJ, LPP p. 308 - 320, 2018. Disponível em: <[https://www.academia.edu/37753809/Institutos\\_Federais\\_de\\_Educa%C3%A7%C3%A3o\\_Ci%C3%Aancia\\_e\\_Tecnologia\\_rela%C3%A7%C3%A3o\\_com\\_o\\_ensino\\_m%C3%A9dio\\_integrado\\_e\\_o\\_projeto\\_societ%C3%A1rio\\_de\\_desenvolvimento](https://www.academia.edu/37753809/Institutos_Federais_de_Educa%C3%A7%C3%A3o_Ci%C3%Aancia_e_Tecnologia_rela%C3%A7%C3%A3o_com_o_ensino_m%C3%A9dio_integrado_e_o_projeto_societ%C3%A1rio_de_desenvolvimento)>. Acesso em: 28 jun. 2019.

FORRESTER, Viviane. **O horror econômico.** São Paulo: UNESP, 1997.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <file:///C:/Users/monic/Downloads/Pesquisa%20Social%20Antonio%20Gil.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2019.

GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. **Saúde e Sociedade** v.13, n. 2, p. 20-31, 2004.

GUGELMIM, Lorilei. Relatório Mulheres Sim IFSC- câmpus de São Miguel do Oeste. 2018. Arquivo interno do registro acadêmico do IFSC – SMO.

IAMAMOTO, Marilda. **O serviço social na contemporaneidade**: Trabalho e formação profissional. 3ª ed. São Paulo: Cortez. 2000.

TERRA NOTÍCIA: **Informalidade supera 50% em 11 estados do país, diz IBGE**. Jornal do Brasil. Sábado, 27 de junho de 2020. Disponível em: <https://www.jb.com.br/economia/2020/02/1022209-informalidade-supera-50--em-11-estados-do-pais--diz-ibge.html#:~:text=%22No%20Brasil%2C%20do%20acr%C3%A9scimo%20de,CNPJ%20e%20trabalhador%20familiar%20auxiliar.>> Acesso em: 27 de junho 2020.

IFSC. Diretoria de Estatísticas e Informações Acadêmicas – DEIA. Anuário Estatístico do IFSC 2017. Disponível em: <https://public.tableau.com/profile/estatisticasifsc#!/>>. Acesso em: 15 nov. 2018.

IFSC. Edital N° 17/2014/PROEX ifsc. Disponível em: <https://linkdigital.ifsc.edu.br/2014/08/26/aberta-chamada-publica-para-financiamento-de-projetos-da-rede-federal-de-ept/>> Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Iniciativas sociais**: o IFSC desenvolve ações pautadas em agendas emergenciais para o país. Disponível em: [<http://www.ifsc.edu.br/iniciativas-sociais>](http://www.ifsc.edu.br/iniciativas-sociais). Acesso em: 10 maio 2019b.

IFSC. linkdigital. Disponível em: <https://linkdigital.ifsc.edu.br/2015/04/24/adesao-ao-programa-mulheres-sim-deve-ser-feita-ate-7-de-maio/>>. Acesso em: 10 maio 2019.

IFSC. **O Programa Mulheres Sim.** Disponível em: <<https://caco.ifsc.edu.br/menu-mulheres-sim-o-programa>>. Acesso em: 09 maio 2019a.

IFSC. **Projeto pedagógico de curso – FIC** Curso de Extensão Educação e Gênero. Programa Mulheres Sim IFSC. 2014. Disponível em: <<file:///C:/Users/adria/Downloads/PPC%20Educação%20e%20Gênero.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Projeto pedagógico de curso – FIC** de Extensão Curso de Extensão Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino. Programa Mulheres Sim IFSC. 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/adria/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/Pagina%20Virtual/Adriana%20site/MULHERES\\_SIM\\_GERACAO\\_RENDA\\_PPC.pdf](file:///C:/Users/adria/OneDrive/Área%20de%20Trabalho/Pagina%20Virtual/Adriana%20site/MULHERES_SIM_GERACAO_RENDA_PPC.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Programa de Desenvolvimento Institucional.** PDI 2014. Disponível em: <[http://cs.ifsc.edu.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=category&layout=blog&id=111&Itemid=210](http://cs.ifsc.edu.br/portal/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=111&Itemid=210)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Programa de Desenvolvimento Institucional.** PDI 2015 – 2019. Florianópolis. Disponível em:

<[https://pdi.ifsc.edu.br/files/2017/04/Plano-de-Desenvolvimento-Institucional-PDI-2015-2019\\_REVISADO.compressed.pdf](https://pdi.ifsc.edu.br/files/2017/04/Plano-de-Desenvolvimento-Institucional-PDI-2015-2019_REVISADO.compressed.pdf)>. Florianópolis: Acesso em: 02 mar. 2019.

IFSC. **Programas e Projetos de Extensão,** 2018. Disponível em: <<https://www.ifsc.edu.br/programas-e-projetos-de-extensao>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Relatório de gestão sobre o programa Mulheres Sim.** PROEX, Florianópolis, 2014. 2015. 2017. 2018.

IFSC. **Relatório de demanda para oferta de Cursos Técnicos nas novas Unidades de Ensino do Centro Federal de Educação Tecnológica de Santa Catarina (CEFET-SC).** 2008 p.19. Disponível em: <<https://wiki.ifsc.edu.br/mediawiki/images/8/8b/Socioecon%C3%B4mico.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Resolução CONSUP nº 20 de 25 de junho 2018.** Aprova o Regulamento Didático-Pedagógico do IFSC e dá outras providências p. 16. Disponível em: <[https://www.ifsc.edu.br/documents/30725/0/resolucao20\\_2018\\_rdp1+%282%29.pdf/61471b68-60c4-4e4a-856a-15536ba90f54](https://www.ifsc.edu.br/documents/30725/0/resolucao20_2018_rdp1+%282%29.pdf/61471b68-60c4-4e4a-856a-15536ba90f54)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

IFSC. **Resolução CONSUP nº 61 de 12 de dezembro 2016.** Regulamenta as Atividades de Extensão no IFSC. Disponível em: <[http://cs.ifsc.edu.br/portal/files/consup\\_resolucao61\\_2016\\_extensao.pdf](http://cs.ifsc.edu.br/portal/files/consup_resolucao61_2016_extensao.pdf)>. Acesso em: 25 jun. 2019.

IFSC. **Portaria da Reitora N° 1178, de 16 de março de 2020.**

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). IBGE: **Síntese de Indicadores Sociais - SIS**, 2018. Disponível em: <[https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores\\_sociais.html?=&t=resultados](https://www.ibge.gov.br/estatisticas-novoportal/sociais/populacao/9221-sintese-de-indicadores_sociais.html?=&t=resultados)>. Acesso em: 14 jun. 2019.

KOWARICK, Lúcio. Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. Estados Unidos, França e Brasil. **RBCS** Vol. 18 nº. 51, fevereiro/2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcso/v18n51/15986.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

LIBARDONI, Alice; LIBARDONI, Marlene; BRANT, Fernando. **Direitos humanos das mulheres: em outras palavras:** subsídios para capacitação legal de mulheres e organizações. Brasília: AGENDE, 2002.

LISBOA, Tereza Kleba. **Gênero e pobreza:** aspectos heterogêneos e múltiplas dimensões. 2012. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31178>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

LISBOA, Tereza Kleba; MANFRINI, *Daniele Beatriz*. **Cidadania e equidade de gênero:** políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. *Katálysis*, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 67–77, jan. 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/7103>>. Acesso em: 19 jul. 2019.

MARINHO, Emerson. LINHARES, Fabricio. CAMPELO, Guaracyane. **Os programas de transferência de renda do governo impactam a pobreza no Brasil? Rev. Bras. Econ. vol.65**

**no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 201.** Disponível em:  
 <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-71402011000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71402011000300003)>  
 Acesso em: 26 fev. 2020.

MARTINS, José de Souza. **Exclusão social e a nova desigualdade.** São Paulo: Paulus, 4 eds. 2009.

MARX, K. O Capital: **crítica da economia política.** Tradução por Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. São Paulo: abril Cultural, 1985a. Livro 1, v.1, t.1. (Os economistas).

MARX, Karl. **O Capital: Crítica Da Economia Política.** Disponível em:  
 <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap09/01.htm#topp>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

MELLER, Marcos. Repórter. **Programa BASTA oferece tratamento para 57 agressores de mulheres.** São Miguel do Oeste/SC. Rede Peperi. 12.02.2020 às 15:31h - Geral. Disponível em  
 <<https://www.peperi.com.br/noticias/12-02-2020-smo-programa-basta-oferece-tratamento-para-57-agressores-de-mulheres/>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

MICHELS, Juliana Pereira. **O caso do Programa Mulheres Sim do IFSC.** 2018. 125 p. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-graduação em Administração, Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul), Florianópolis, 2018. Disponível em:  
 <<https://www.riuni.unisul.br/bitstream/handle/12345/5707/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Juliana%20Michels%20-%2031-10.pdf?sequence=5&isAllowed=y>>. Acesso em: 10 maio 2019.

MIGUEL, Jesús M. **De Auto/biografías.** (Cuadernos metodológicos; 17) 1. Autobiografías 2 2.<sup>a</sup> ed. corr. y amp. - Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2017.

MORAES, Livia de Cássia Godoi. **O “Empoderamento” Como Prática Política Feminista: Fundamentos Históricos E Ideológicos.** Greves e contextos sociais, FFLCH, São Paulo-SP Brasil, 10 a 13 de jul 2018. Disponível em:  
 <[http://www.iassc2018.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID\\_SIMPOSIO=10](http://www.iassc2018.sinteseeventos.com.br/simposio/view?ID_SIMPOSIO=10)>. Acesso em: 07 mar. 2020.

NETTO, José de Paulo. **Capitalismo monopolista e serviço social**: Cinco notas a propósito da questão social. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

NETTO, José de Paulo. **Capitalismo e barbárie**: contemporânea Contemporary capitalism and barbarismo, 2012. Disponível em: <<http://www.abepss.org.br/arquivos/anexos/netto-jose-paulo-201608060404028661510.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

Oliveira, Tatiana Coura. Abranches, Monise Viana. Lana, Raquel Martins. **(In) Segurança alimentar no contexto da pandemia por SARS-CoV-2**. Revista Cadernos de Saúde Pública, ISSN 1678-4464, 36 n.º.4, Rio de Janeiro, abril 2020. Disponível em: <<http://cadernos.ensp.fiocruz.br/csp/artigo/1022/insegurana-alimentar-no-contexto-da-pandemia-por-sars-cov-2>>. Acesso em: 30 maio 2020.

OLIVEIRA, Ane Luize. **Relatório Mulheres Sim IFSC**- câmpus de São Miguel do Oeste. 2017. Arquivo interno do registro acadêmico do IFSC – SMO.

OMS. **Coronavirus disease (COVID-19) pandemic**. Disponível em: <https://www.who.int/>. Acesso em: 01 maio 2020.

ONU. Nações Unidas do Brasil. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

ONU. **Declaração De Pequim Adotada Pela Quarta Conferência Mundial Sobre As Mulheres: Ação Para Igualdade, Desenvolvimento e Paz (1995)**. Disponível em: <<http://www.pge.sp.gov.br/centrodeestudos/bibliotecavirtual/instrumentos/pekin.htm>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

ONU MULHER, **Mulheres ainda enfrentam desigualdade no acesso a empregos e educação, diz ONU. 2017. disponível em**: <<https://nacoesunidas.org/mulheres-ainda-enfrentam-desigualdade-no-acesso-a-empregos-e-educacao-diz-onu/>>. Acesso em: 03 mar. 2020.

ONU. **Declaração. Estratégia de Montevideú para a Implementação da Agenda Regional de Gênero no Âmbito do Desenvolvimento. 2015**. Disponível em:

<[http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia\\_montevidou\\_pt.pdf](http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2017/12/estrategia_montevidou_pt.pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2020

PNUD. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. **Relatório anual brasileiro**. 2019. Disponível em: <<http://relatorio.binn.com.br/>>. Acesso em: 12 jul. 2019.

PNUD. united nations development programme human development reports. Human Development Indices and Indicators. Disponível em: <<http://hdr.undp.org/en/2018-update>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

PEREIRA-PEREIRA, Potyara A. **Necessidades humanas**: subsídios à crítica dos mínimos sociais. São Paulo: Cortez Editora, 2006. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/karenhapuqueoliveiramaduro/necessidades-humanas-subsidios-critica-dos-mnimos-sociais-potyara-amazoneida-pereira-pereira-3>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

PRIBERAM. "**vida**", in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <<https://dicionario.priberam.org/vida>>. [consultado em 06-05-2020]

PRIBERAM. **Dicionário online de língua portuguesa**. 2008-2013. Disponível em: <<https://pt.wikihow.com/Citar-um-Dicion%C3%A1rio>>. Acesso em: 17 mar. 2019.

PRIORE, Mary Del (org); PINSKY, Carla Bassanetti. **História das mulheres no Brasil**. 10ª ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PROFEPT. **Regulamento do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional**. 2015. Disponível em: <<https://profept.ifes.edu.br/regulamentoprofept/regu>>. Acesso em 26 abr. 2020.

RACHADEL, Cleverson Luiz. **Relatório interno de gestão do programa mulheres sim: Aprendendo com a Prática: dois anos do Programa Mulheres Sim no IFSC, câmpus de São Miguel do Oeste**. 2015 – 2016. Arquivo interno do registro acadêmico do IFSC – SMO.

ROSA, Stella. **Mulheres Mil na Rede Federal**: caminhos da inclusão. Brasília, SETEC/MEC, 2011. Disponível em:

<[http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres\\_mil\\_na\\_rede\\_federal\\_-\\_caminhos\\_da\\_inclusao.pdf](http://mulheresmil.mec.gov.br/images/stories/pdf/geral/mulheres_mil_na_rede_federal_-_caminhos_da_inclusao.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2018.

SILVA, Jocsan Pires. **A humana docência segundo Miguel Arroyo**. Portal educação. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/a-humana-docencia-segundo-miguel-arroyo/18983>>. Acesso em: 27 jun. 2020.

SINGER, P.; SOUZA, A.R. **A economia solidária no Brasil: a autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2000.

TJSC, Poder judiciário de Santa Catarina. **Reportagem especial: Violência contra a mulher aumenta em Santa Catarina e deixa a rede de apoio em alerta - Parte**. Disponível em: <<https://www.tjsc.jus.br/web/imprensa/-/violencia-contr-a-mulher-aumenta-em-santa-catarina-e-deixa-a-rede-de-apoio-em-alerta-parte-1>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

TELES, Fabiene Brito Mendes Teles. **Programa Mulheres Mil: Um Olhar Sobre A Inserção Das Egressas No Mundo Do Trabalho**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, 2015.

TELES, Fabiane B. M. **Programa mulheres mil: Um Olhar Sobre a inserção das egressas no mundo do trabalho** (2015). Disponível em: <[http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19895/1/2015\\_FabieneBritoMendesTeles.pdf](http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/19895/1/2015_FabieneBritoMendesTeles.pdf)>. Acesso em: 12 jul. 2019.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

ZIONI, Fabiola. **Exclusão Social: noção ou conceito?** Saúde e Sociedade v.15, n.3, p.15-29, set-dez 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v15n3/03.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2020.

ZORZI, Analisia. **Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf mulher em Ijuí-Rs**. 2008.137 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2008.

## APÊNDICES



**INSTITUTO FEDERAL**  
Santa Catarina



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina  
Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional  
(ProfEPT)  
Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ ANUÊNCIA DE DADOS

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “**MULHERES SIM - análise da inclusão e emancipação na experiência do IFSC – São Miguel do Oeste**”, desenvolvida pela pesquisadora Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Marizete Bortolanza Spessatto, junto ao curso de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT, desenvolvido em Rede Nacional e realizado junto ao Centro de Referência em Formação e EaD (CERFEAD) do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Esta é uma pesquisa que tem como objetivo compreender quais os impactos da participação no Programa Mulheres Sim na vida das egressas do programa no IFSC São Miguel do Oeste. Ainda, pretende-se com este trabalho conhecer quais as percepções dos (as) professores (as) que trabalharam com esse público, considerando-se a importância, para a permanência e êxito no programa, de ações metodológicas pensadas para a especificidade desse grupo de trabalhadores-estudantes. Este projeto foi submetido e aprovado por um comitê de ética em pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo número CAAE (10215819.5.0000.0115).

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido nas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais

Ao participar deste estudo, você consentirá com a realização de uma entrevista a ser gravada em áudio e vídeo pela pesquisadora. Estão previstos em torno de trinta minutos para a atividade.

Você tem a liberdade de se recusar a participar, limitar suas respostas ou de desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa.

Você não terá nenhum tipo de despesa por participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Entretanto, esperamos que, futuramente, os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas. Após esses esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, pelo telefone pessoal (49) 98868-0888, telefone institucional (49) 3631-0440 ou com a orientadora, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marizete Bortolanza Spessatto, pelo telefone (48) 3131-8800/8821.

Contato telefônico e e-mail do CEPSES/SC: (48)36647218 e e-mail: cepses@saude.sc.gov.br; Este Termo será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo uma via para o participante e outra para o pesquisador.

São Miguel do Oeste, \_\_\_\_\_ de de 20 19

Assinatura do (a). Participante (a)

\_\_\_\_\_

CPF \_\_\_\_\_

**Nome do Pesquisador Responsável: Adriana Regina Vettorazzi Schmitt**

**PROFEPT - CERFEAD/IFSC**

Rua Duarte Schutel, 99, Centro

CEP: 88015 640 - Florianópolis - SC

Telefone: (8) 3131 8800



**INSTITUTO FEDERAL**  
Santa Catarina



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT)

Centro de Referência em Formação e EAD (Cerfead)

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA COM EGRESSAS

Este instrumento de coleta de dados faz parte do projeto de pesquisa “**MULHERES SIM - análise da inclusão e emancipação na experiência do IFSC – São Miguel do Oeste**”. Conforme expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a identificação dos sujeitos envolvidos na pesquisa será preservada, não havendo, em nenhum momento e para nenhum fim, a divulgação dos nomes das participantes ou a vinculação dos seus nomes com as informações por elas fornecidas. Este roteiro de entrevista semiestruturada está dividido em duas partes. Na primeira, estão questões que constituirão o perfil das participantes. Na segunda, estão questões voltadas à descrição da participação no programa e da importância deste na vida das participantes.

Caso se sinta constrangida com alguma pergunta ou não queira responder, você poderá interromper ou desistir da entrevista a qualquer momento.

**1 Identificação**

- 1.1. Qual o seu nome?
- 1.2. Qual a sua idade?
- 1.3. Qual o seu endereço de casa?
- 1.4. Qual o seu estado civil?

**2 Acesso à educação**

- 2.1 – Como foi sua vida escolar? Onde estudou? Até que série ou curso?
- 2.2. Você já foi obrigada a deixar de estudar, ou de participar de cursos de formação por algum motivo, por exemplo trabalhar ou cuidar da família?
- 2.3. Se você pudesse mudar alguma coisa na sua vida escolar, qual seria?
- 2.4 A participação no curso Mulheres Sim despertou a sua vontade de continuar estudando?

2.5. Já fez algum outro curso depois que terminou o Mulheres Sim?

2.6. Qual curso gostaria de fazer, pelas experiências que teve com o Mulheres Sim?

2.4. Quais cursos o IFSC – SMO poderia oferecer para você? Por que?

#### **4 – Curso Mulheres Sim**

4.1 – Fale sobre o que a motivou a participar do curso Mulheres Sim, quais eram as suas expectativas?

4.2 – Fale sobre como ficou sabendo do curso Mulheres Sim e se teve dificuldades para fazer a sua matrícula?

4.3 O valor recebido da assistência estudantil foi importante para a sua participação no curso, por quê? O que foi possível comprar com esse valor?

4.5 - Conte sobre como foi o seu primeiro contato com o curso, nos primeiros dias de aula. O que você mais gostou quando começaram as aulas do curso?

4.6 - Como você avalia o atendimento dos professores e demais servidores do IFSC?

4.7. Como foi sua experiência nas aulas práticas e como aplicou os conhecimentos no seu dia a dia?

4.8. Descreva uma atividade desenvolvida em sala de aula que tenha sido a melhor, aquela que mais lhe marcou. Lembra quem foi o professor que fez essa atividade?

4.9. Por outro lado, você lembra de alguma experiência que tenha sido ruim em sala de aula, que te marcou negativamente? Por quê?

4.10. Fale sobre o relacionamento entre você e os professores, pontos positivos e negativos.

4.11. Sobre a vivência em sala de aula, com suas colegas, conte como aconteceu a interação, se você fez amizades? Você acha que elas eram iguais ou diferentes de você?

4.12. Fale sobre o que você não gostou do curso Mulheres Sim. Por quê?

#### **5. Impacto do Mulheres Sim na vida das egressas**

5.1. Qual a renda mensal da sua família?

5.2. Você conseguiu um emprego ou a renda da sua família aumentou após a sua participação no programa?

5.3. Os conhecimentos adquiridos no curso quanto a prevenção da violência dos seus direitos, contribuíram para que você consiga ajudar outras pessoas que estejam sofrendo, especialmente a violência doméstica e familiar.

5.4. Você acha que o programa cumpre com os objetivos de contribuir para o acesso à educação, combate às violências e emancipação das mulheres?

5.6. Se ainda não trabalha, pretende trabalhar com carteira assinada após o curso?

5.7. Você teve conhecimento sobre leis para abrir um negócio próprio durante o curso?

**Obrigada pela participação!**